

**Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia**

**André Luiz Proença**

**Onde viviam aqueles que aqui passaram?  
Proposta Interpretativa para as Ocupações Pré-coloniais  
no Agreste Pernambucano**

Recife  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**André Luiz Proença**

**Onde viviam aqueles que aqui passaram?  
Proposta Interpretativa para as Ocupações Pré-coloniais  
no Agreste Pernambucano**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia

**Orientadora: Professora Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna**

**Co-orientador: Professor Dr. Ricardo José Ribeiro Pessôa**

**Recife**

**2008**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram nesta fase de trabalho e vida.

Aos meus pais, Raul e Virgínia, minha família Proença e Luiz, e todos amigos do Rio Grande do Sul.

À Suely Luna que me depositou confiança, assim como Ana do Nascimento, muito obrigado por tudo!

Aos Professores Ricardo Pessôa e Ana Lúcia Candeias que também deram apoio e boas contribuições.

Ao amigo Xico Francisco Brito, e aos grandes Flavio Moraes e Waldimir Neto.

Ao amor da Maira Bruce.

Ao Coréa (Luiz Barreto) parceria providencial nas viagens ao Agreste.

Ao Macaco, meu cão/ panheiro.

À Mari Proença e à Dani Pires, na reta final.

À Deividi Staevie e Marion Ludeking.

Às pessoas que participaram do Projeto: Educação Patrimonial em Alagoinha.

Aos moradores próximos aos sítios arqueológicos, os quais nos receberam com carinho.

À Santa Maria, Olinda e Pernambuco!

*En regiones donde la colonización por parte de la especie humana es muy antigua, y tras milenios de intensa y continuada actividad económica, la totalidad del territorio en si ha devenido un complejo y formidable artefacto creado por la mano humana. Incluso se puede decir que cuanto más exhaustivamente se reconoce y documenta un territorio dado, más difícil se hace establecer dónde termina un yacimiento arqueológico (un asentamiento, su área de influencia y captación) y dónde empieza el siguiente (Kuna 1991).*

## RESUMO

“Onde viviam aqueles que aqui passaram? – Proposta Interpretativa para as Ocupações Pré-coloniais no Agreste Pernambucano” é um trabalho de dissertação de mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco. A pesquisa foi concebida a partir do projeto “Educação Patrimonial em Alagoinha/ PE – melhoria na qualidade de vida da população”, onde foram identificados sítios arqueológicos não cadastrados pelo IPHAN que somando a outros já pesquisados, proporcionaram o estudo dos processos de escolhas na ocupação dos grupos pré-coloniais para a região. A área de estudo é definida a partir dos sítios arqueológicos conhecidos nos interflúvios dos rios Ipanema e Liberal, localizados nos municípios de Alagoinha e Venturosa (os limites da área são dados em UTM – SAD/69: sul 9044000, norte 9068000, oeste 736000, e leste 756000). A área de 480km<sup>2</sup> situa-se no Agreste de Pernambuco e apresenta diferentes formações de paisagens como planalto, depressão e vales. Pressupõe-se que a distribuição dos sítios arqueológicos na área esteja associada à configuração da paisagem, assim as condições ambientais do entorno, disponibilidade de recursos e possíveis estratégias de sua utilização compõem as variáveis analisadas. Constituem etapas diferentes e complementares no processo de pesquisa: a pesquisa bibliográfica relacionada com a proposta; o trabalho de pesquisa em campo onde ocorrem visitas aos locais de sítios arqueológicos e percepção em seus contextos de paisagens; o registro fotográfico; a interpretação e construção de mapas temáticos na área de estudo; e finalmente, organização e redação deste texto. A partir da interpretação dos mapas temáticos elaborados observa-se certa variedade nas escolhas pelo local do sítio, relacionadas à topografia, declividade e configuração geomorfológica. Observa-se a dispersão entre os sítios localizados no planalto e a concentração de sítios nas áreas de depressões e vales, sendo duas concentrações nas depressões e uma em vales, cada uma destas com um sítio cemitério. Fontes permanentes de água encontram-se também associadas às concentrações de sítios. Através da observação de campo verificou-se que todos os sítios na área de estudo são referências visuais na paisagem, já que ocorrem em blocos que se destacam, e geralmente em locais que são percebidos à distância. Acredita-se que estes grupos tinham grande mobilidade e suas escolhas na ocupação parecem estar orientadas pelo aspecto estratégico durante os deslocamentos pela região e pelos recursos disponíveis no entorno de cada sítio. A disponibilidade de recursos necessários à manutenção sócio-cultural em amplos territórios faz do local do sítio o centro social de convergência e encontro de indivíduos.

*Palavras-chave:* arqueologia pré-histórica; paisagens arqueológicas; geomorfologia; patrimônio cultural; Agreste Pernambucano.

## ABSTRACT

"Where did the people that passed through here live? – An interpretive proposal of the pre-colonial occupations in the Pernambucan Agreste", is a Dissertation paper conducted as part of the Masters' course in Archeology at the Public University of Pernambuco, Brazil. The research was conceived from the project: 'Heritage education in Alagoinha/Pernambuco – improving populations life quality', where unregistered archeological sites were identified and added to those already on the IPHAN registry. Results from the previous study were used in this present study relating to the mode of occupation of pre-colonial groups within regions of Brazil. The study area is defined by known archeological sites interspersed between the rivers Ipanema and Liberal, which are situated in the municipalities of Alagoinha and Venturosa (area limits given in UTM:-Sad/69, 9044000 south, 9068000 north, 736000 west and 756000 east). This 480m squared site in the Pernambucan hinterland contains different landscape formations including plateaus, depressions and valleys. It was presumed that the distribution of these archeological sites in the area was associated with the configuration of the landscape. Therefore the conditions of the surrounding environment and availability of resources were certain strategies used to compose a variety of analasese. This work constitutes different and complementary processes of research including bibliographical research relating to the proposal, field work research at the archeological sites, perceptions of landscape settings, a photographic registry, construction and interpretation of thematic maps of the study area and finally the conclusions of this paper. Parts of the interpretation of the thematic maps elaborate on a variety of measures of the sites including topography, slopes and geomorphological configurations. Observations of the dispersion of plateaus and the concentration of sites in the areas of depressions and valleys located two concentrations of sites within depressions and one concentration of sites in a valley – each site containing a cemetery. Permanent water supplies were also associated with the concentration of sites. From the field work observations, all sites in the study area can be used as visual references in the landscape as they occur in stone stacks and usually in places which can be observed form far away. It was concluded those groups were mobile within large territories and their choices of occupation appear to be strategically orientated during mass migration as well as for the resources surrounding each site. The dispersion of these necessary resources, which are integral to the maintenance of social groups within large areas, makes the locality of theses sites the social centre of convergence and meeting.

*Key-words:* pre-history arqueology; archeological landscape; geomorfology; cultural heritage; Pernambucan Agreste.

## SUMÁRIO

	<b>Subtítulo</b>	<b>Página</b>
	<b>Introdução</b>	<b>13</b>
<b>Cap. 1</b>	<b>O patrimônio arqueológico em estudo</b>	<b>22</b>
<b>1.1</b>	Contexto arqueológico regional – Tradição Agreste	<b>22</b>
<b>1.2</b>	O reconhecimento do patrimônio arqueológico pré-colonial através do projeto de educação patrimonial em Alagoinha/ PE – melhoria na qualidade de vida da população	<b>26</b>
<b>1.3</b>	A pesquisa arqueológica	<b>28</b>
1.3.1	Procedimentos metodológicos	<b>30</b>
<b>Cap. 2</b>	<b>Arqueologia de área</b>	<b>35</b>
<b>2.1</b>	Levantamento arqueológico – inventário patrimonial	<b>35</b>
<b>2.2</b>	Os estudos de sistemas de assentamento na arqueologia processual	<b>36</b>
2.2.1	O enfoque da ecologia cultural e os processos de adaptação cultural	<b>39</b>
2.2.2	Arqueologia espacial – territórios e estratégias de subsistência	<b>41</b>
<b>2.3</b>	A arqueologia pós-processual e a perspectiva através da paisagem	<b>43</b>
2.3.1	A contribuição dos SIGs na interpretação da paisagem arqueológica	<b>47</b>
<b>2.4</b>	Geomorfologia e classificação da paisagem	<b>49</b>
<b>Cap. 3</b>	<b>O entorno do patrimônio arqueológico e sua utilização</b>	<b>54</b>
<b>3.1</b>	O patrimônio arqueológico	<b>54</b>
<b>3.2</b>	O patrimônio pré-colonial – contexto nacional	<b>57</b>
<b>3.3</b>	A importância do reconhecimento arqueológico para a sociedade brasileira	<b>59</b>
<b>3.4</b>	Processos de ocupações nos interiores do Nordeste do Brasil – reconhecimento étnico dos povos indígenas	<b>61</b>
<b>3.5</b>	A ocupação das paisagens semi-áridas no Nordeste brasileiro	<b>64</b>
<b>3.6</b>	As utilizações atuais no entorno do patrimônio arqueológico	<b>66</b>
<b>Cap. 4</b>	<b>Os vestígios arqueológicos nas paisagens Agrestes</b>	<b>75</b>
<b>4.1</b>	As formações de paisagens	<b>75</b>
4.1.1	Planalto	<b>75</b>
4.1.2	Depressão	<b>76</b>



4.1.3	Vales	77
<b>4.2</b>	<b>Os sítios arqueológicos</b>	<b>78</b>
4.2.1	Pedra Furada	78
4.2.2	Toca dos Marimbondos	79
4.2.3	Pedra do Pote	80
4.2.4	Pedra do Sítio do Donato	81
4.2.5	Barbado	82
4.2.6	Toca da Bica	84
4.2.7	Pedra da Buquinha I e II	85
4.2.8	Pedra do Letreiro (Tubarão)	86
4.2.9	Cemitério do Caboclo	88
4.2.10	Pedra Fiche	89
4.2.11	Pedra Pintada	90
4.2.12	Mão-de-Sangue	91
4.2.13	Pedra da Caveira e Jardim III	92
4.2.14	Pedra da Velha Chiquinha	94
4.2.15	Lagoa da Uricaca	95
4.2.16	Peri-Peri I e II	97
<b>4.3</b>	<b>Os vestígios pré-coloniais</b>	<b>98</b>
4.3.1	Grafismos rupestres	98
4.3.2	Perfil lítico	99
4.3.3	Vestígios cerâmicos	100
4.3.4	Sepultamentos	102
4.3.5	Restos orgânicos	105
<b>Cap. 5</b>	<b>Considerações finais: a ocupação pré-colonial no Agreste pernambucano</b>	<b>147</b>
<b>5.1</b>	<b>As escolhas pré-coloniais nos processos de ocupação na área de estudo</b>	<b>147</b>
<b>5.2</b>	<b>Uma interpretação sobre a ocupação pré-colonial no Agreste pernambucano</b>	<b>151</b>
	<b>Referências bibliográficas</b>	<b>161</b>

## LISTA DE FIGURAS

	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Fig. 01	Mapa do Brasil com destaque para a área de estudo na região Nordeste	<b>18</b>
Fig. 02	Localização da área de estudo no Agreste de Pernambuco	<b>18</b>
Fig. 03	Carta topográfica e ocupação pré-colonial	<b>19</b>
Fig. 04	Distribuição dos sítios arqueológicos e compartimentos do relevo	<b>20</b>
Fig. 05	Material lítico de Peri-Peri I	<b>143</b>
Fig. 06	Projeção das vasilhas cerâmicas – escavação Pedra do Letreiro	<b>144</b>
Fig. 07	Área escavada no sítio Pedra do Letreiro	<b>145</b>
Fig. 08	Área escavada no sítio Cemitério do Caboclo	<b>145</b>
Fig. 09	Contas de colares encontradas na escavação no Cemitério do Caboclo.	<b>146</b>
Fig. 10	Pingentes nas escavações na Pedra do Letreiro e Cemitério do Caboclo.	<b>146</b>
Fig. 11	Mapa hipsométrico e ocupação pré-colonial associada a fontes de água	<b>156</b>
Fig. 12	Mapa de declividades	<b>157</b>
Fig. 13	Imagem em 3D da área de estudo com aumento vertical	<b>158</b>
Fig. 14	Sobreposição entre caminhos e cursos de drenagem – Interpretação foto-aérea do vale do Ipanema	<b>159</b>

## LISTA DE TABELAS

	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Tab. 01	Os sítios arqueológicos, localização e data de visita	<b>21</b>
Tab. 02	Tipo de ocupação pré-colonial	<b>160</b>

## LISTA DE FOTOS

	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
Foto 01	Grafismo puro isolado – sítio Mão de Sangue	<b>33</b>
Foto 02	Painel gráfico composto com sobreposição – Sítio do Barbado	<b>33</b>
Foto 03	Grafismo puro elaborado – Sítio Pedra do Letreiro	<b>34</b>
Foto 04	Matacão destacado nas paisagens de planalto – Sítio Pedra Pintada	<b>34</b>
Foto 05	Lagoa/ reservatório para população – entorno da Lagoa Uricaca.	<b>70</b>
Foto 06	Extração de granito no entorno do sítio Peri-Peri I.	<b>70</b>
Foto 07	Extração de granito no entorno do sítio Lagoa Uricaca.	<b>71</b>
Foto 08	Fonte do Padre Cícero.	<b>71</b>
Foto 09	Bica, à esquerda e Toca da Bica, no fundo à direita.	<b>72</b>
Foto 10	Painel gráfico pichado – Pedra Furada.	<b>72</b>
Foto 11	Utilização do fogo para o cultivo – entorno do sítio Toca da Bica.	<b>73</b>
Foto 12	Formo para o preparo do carvão – entorno do sítio Pedra Furada.	<b>73</b>
Foto 13	Área reservada ao Toré – vale do Ipanema.	<b>74</b>
Foto 14	Superfície de relevo aplainado – paisagens de planalto	<b>107</b>
Foto 15	Formação arenosa de solo – paisagens de planalto.	<b>107</b>
Foto 16	Escarpas – Serra do Buco, vista a partir do sítio Pedra do Letreiro.	<b>108</b>
Foto 17	Superfícies planas – paisagens de depressão.	<b>108</b>
Foto 18	Grande <i>inselberg</i> .	<b>109</b>
Foto 19	Marca de ravinamento próximo ao sítio Pedra do Sítio do Donato.	<b>109</b>
Foto 20	Vale do Rio Ipanema.	<b>110</b>
Foto 21	Vale do Rio dos Bois.	<b>110</b>
Foto 22	Leito do rio Ipanema – vegetação próxima do curso de drenagem.	<b>111</b>
Foto 23	Formação da Pedra Furada e planície aluvial.	<b>111</b>
Foto 24	Acesso ao Parque da Pedra Furada.	<b>112</b>
Foto 25	Marcas de dedos e grafismos puros – Pedra Furada/ painel 01.	<b>112</b>
Foto 26	Representação de fertilidade – Pedra Furada/ painel 04.	<b>113</b>
Foto 27	Abrigo formado sob as rochas - Toca dos Marimbondos.	<b>113</b>

Foto 28	Grafismos comprometidos - Toca dos Marimbondos.	<b>114</b>
Foto 29	Superfície sedimentar - Toca dos Marimbondos.	<b>114</b>
Foto 30	Formação rochosa de destaque - Pedra do Pote.	<b>115</b>
Foto 31	Grafismo pouco visível – Pedra do Pote.	<b>115</b>
Foto 32	Pedra Furada, à esquerda – vista a partir do Sítio Pedra do Pote.	<b>116</b>
Foto 33	Painel gráfico – Pedra do Sítio do Donato.	<b>116</b>
Foto 34	Caminhos no entorno do Sítio Pedra do Sítio do Donato.	<b>117</b>
Foto 35	Reservatório de água – entorno do Sítio do Barbado.	<b>117</b>
Foto 36	Vestígios cerâmicos na superfície sedimentar.	<b>118</b>
Foto 37	Concentração de grafismos – Sítio do Barbado.	<b>118</b>
Foto 38	Utilização da policromia – Sítio do Barbado.	<b>119</b>
Foto 39	Abrigo formado ao redor de todo o bloco do Sítio do Barbado.	<b>119</b>
Foto 40	Formação de abrigo sob rocha – Toca da Bica.	<b>120</b>
Foto 41	O entorno do Sítio Toca da Bica - Serrote do Barbado.	<b>120</b>
Foto 42	Possível úmero humano fragmentado – Toca da Bica.	<b>121</b>
Foto 43	Matacão com formação de abrigos – Pedra da Buquinha I.	<b>121</b>
Foto 44	Grafismo no topo da Pedra da Buquinha I.	<b>122</b>
Foto 45	Painel gráfico – Pedra da Buquinha I.	<b>122</b>
Foto 46	Painel gráfico parcialmente visível – Pedra da Buquinha I.	<b>123</b>
Foto 47	Bloco destacado na encosta – Pedra da Buquinha II.	<b>123</b>
Foto 48	Grafismo do Sítio Pedra da Buquinha II.	<b>124</b>
Foto 49	Localização do Sítio Pedra da Buquinha I e Pedra da Buquinha II.	<b>124</b>
Foto 50	Área escavada sob abrigo na Pedra do Letreiro.	<b>125</b>
Foto 51	Áreas rebaixadas – vista da Pedra do Letreiro.	<b>125</b>
Foto 52	Sítio Pedra do Letreiro em patamar próximo à Serra Buco.	<b>126</b>
Foto 53	Fragmentos cerâmicos no entorno da Pedra do Letreiro.	<b>126</b>
Foto 54	Amplo campo de visão, a partir do Cemitério do Caboclo.	<b>127</b>
Foto 55	Ossos humanos dispersos no abrigo do Cemitério do Caboclo.	<b>127</b>
Foto 56	Sabugo de milho no Sítio Cemitério do Caboclo.	<b>128</b>
Foto 57	Grafismo identificado por antropomorfo estilizado – Pedra Fiche.	<b>128</b>

Foto 58	Figura humana – Pedra Fiche.	<b>129</b>
Foto 59	Marca em positivo de provável mão de uma criança – Pedra Fiche.	<b>129</b>
Foto 60	Formação de abrigo em bloco de destaque – sítio da Pedra Fiche.	<b>130</b>
Foto 61	Fragmentos cerâmicos próximos do sítio da Pedra Fiche.	<b>130</b>
Foto 62	Conjunto de mãos em positivo – sítio da Pedra Fiche.	<b>131</b>
Foto 63	Ouricuris dispersos no entorno da Pedra Pintada.	<b>131</b>
Foto 64	Figuras humanas e marcas da ponta dos dedos – Pedra Pintada.	<b>132</b>
Foto 65	Fragmento cerâmico próximo ao sítio da Pedra Pintada.	<b>132</b>
Foto 66	Matacão com formação de abrigo – Pedra da Mão de Sangue.	<b>133</b>
Foto 67	Reservatório natural – entorno da Pedra da Mão de Sangue.	<b>133</b>
Foto 68	Bloco destacado entre vegetação arbórea – Sítio do Jardim III.	<b>134</b>
Foto 69	Painel gráfico – Sítio do Jardim III.	<b>134</b>
Foto 70	Painel gráfico com zoomorfos – Sítio do Jardim III.	<b>135</b>
Foto 71	Local de caverna com ossos humanos – Pedra da Caveira.	<b>135</b>
Foto 72	Escápula humana na superfície sedimentar na Pedra da Caveira.	<b>136</b>
Foto 73	Caldeirões na fenda da rocha – entorno do sítio Pedra da Caveira.	<b>136</b>
Foto 74	O vale do rio Ipanema – vista a partir da Pedra da Caveira.	<b>137</b>
Foto 75	Painel gráfico pouco visível – Pedra da Velha Chiquinha	<b>137</b>
Foto 76	Fragmentos cerâmicos no Sítio Pedra da Velha Chiquinha.	<b>138</b>
Foto 77	Bloco rochoso no vale do Ipanema – Pedra da Velha Chiquinha.	<b>138</b>
Foto 78	Matacão com formação de abrigo – Sítio da Lagoa da Uricaca.	<b>139</b>
Foto 79	Vista a partir do Sítio da Lagoa da Uricaca.	<b>139</b>
Foto 80	Vestígios na superfície sedimentar – Sítio da Lagoa da Uricaca .	<b>140</b>
Foto 81	Área de deposição no entorno do Sítio da Lagoa da Uricaca.	<b>140</b>
Foto 82	Representações da fauna – Sítio do Peri-Peri II.	<b>141</b>
Foto 83	Antropomorfo pouco visível – Sítio do Peri-Peri II.	<b>141</b>
Foto 84	Matacão com formação de abrigos – Sítio do Peri-Peri I.	<b>142</b>
Foto 85	Vestígios na superfície sedimentar do Sítio do Peri-Peri I.	<b>142</b>
Foto 86	Localização dos Sítios Peri-Peri I e Peri-Peri II.	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

As unidades de paisagens são compreendidas como um todo indissociável que se desenvolve acompanhando mudanças do seu entorno, e principalmente, alterações no clima e procedentes do interior da Terra. As unidades de paisagens integram diferentes elementos entre abióticos e bióticos e suas relações, e que acompanham os processos de transformação e evolução das paisagens.

Sendo estas unidades de paisagens ocupadas por grupos humanos, os elementos da paisagem podem se converter em recursos naturais significativos para a vida humana, desde os recursos hídricos, minerais, fauna, flora e a própria superfície de relevo. Assim, as paisagens além de englobar os elementos abióticos, bióticos e antrópicos, ela passa a ser considerada através de seu uso e funcionalidade. Sendo assim, cada unidade de paisagem possuiria significados relacionados aos seus elementos intrínsecos e à utilização sócio-cultural em seu sentido mais amplo, e a partir da ocupação dos grupos humanos.

As paisagens passam por constantes transformações e apresentam-se atualmente tão diferentes quanto mais recuado no tempo são comparadas. Entretanto, torna-se possível observar alguns processos de transformação que atuam e atuaram, como se faz através da análise do relevo e de sua morfologia, contribuindo muito para a interpretação das paisagens pretéritas.

A arqueologia, especialmente o estudo integrado dos vestígios culturais com o contexto de paisagem, busca interpretar as relações existentes entre os elementos naturais utilizados pelos grupos humanos e as paisagens ocupadas no passado. Assim, as paisagens arqueológicas são mais que um somatório de elementos inter-relacionados, elas são interpretações das utilizações e estratégias sócio-econômicas inferidas a partir do universo vestigial referente às ocupações das paisagens pelos grupos sócio-culturais.

As diferentes unidades de paisagem podem representar um conjunto dinâmico de recursos no tempo e no espaço, principalmente relacionados à disponibilidade sazonal favorável aos grupos humanos. Os grupos que ocupavam as paisagens antes da ocupação do colonizador europeu tinham nos recursos naturais, muito provavelmente um conhecimento

territorial que incluía uma dinâmica rede de recursos associados e distribuídos em diferentes conjuntos de paisagens, e integrando diversos usos.

Os grupos pré-coloniais deixaram através dos vestígios arqueológicos evidências de escolhas específicas por recursos fundamentais para a sobrevivência e manutenção sócio-cultural, o que torna possível inferir algumas estratégias de escolhas no processo de ocupação das paisagens pré-coloniais nos interiores do Nordeste do Brasil (fig. 01). Em muitos municípios localizados no Agreste de Pernambuco<sup>1</sup> são observados sítios arqueológicos de pinturas rupestres dos quais alguns foram pesquisados e poucos foram escavados.

Na área de estudo (fig. 03), os sítios arqueológicos estão situados em diferentes unidades de paisagem relacionadas principalmente com a configuração geomorfológica. Eles podem estar localizados em áreas mais planas ou mesmo em locais íngremes, de meia encosta, ou no topo de morros. De fato, predominam os sítios de pintura em blocos e matacões rochosos destacados na paisagem, podendo inclusive apresentar áreas abrigáveis. São ao todo 19 sítios arqueológicos (tab. 01), sendo que em 03 locais há sítios muito próximos, levando a uma única área delimitada no mapa de localização dos sítios arqueológicos: Pedra da Caveira e Jardim III; Peri-Peri I e Peri-Peri II; e os sítios Buquinha I e Buquinha II.

O patrimônio arqueológico estudado é representativo, principalmente, dos grafismos rupestres identificados em concentrações na região Agreste, nos estados de Pernambuco e sul da Paraíba. De acordo com as pesquisas arqueológicas realizadas nos centros de pesquisas das Universidades Federais destes estados, essas concentrações apresentam características gráficas que podem integrar uma única tradição arqueológica, a Tradição Agreste, a qual distingue-se da Tradição Nordeste, conhecida e caracterizada ainda na década de 1970, principalmente na apresentação dos painéis gráficos e na presença de alguns grafismos emblemáticos, que são recorrentes em diferentes sítios arqueológicos com pinturas.

Como eram as paisagens relacionadas à ocupação pré-colonial? É com este questionamento principal e através das visitas aos locais dos sítios arqueológicos conhecidos em uma pequena porção localizada nos municípios de Alagoinha e Venturosa/

---

<sup>1</sup> Sub-região caracterizada pela transição entre a Zona da Mata litorânea e o Sertão semi-árido.

PE, que se busca uma interpretação para os processos de escolhas dos grupos pré-coloniais relacionados à ocupação das paisagens. Como proposta interpretativa à ampla área do Agreste pernambucano, procurou-se extrapolar algumas observações desta pesquisa as relacionando com resultados de outras pesquisas da mesma sub-região Agreste em Pernambuco, como nos municípios de Buíque<sup>2</sup> e Brejo da Madre de Deus<sup>3</sup> (fig. 02).

As abordagens desenvolvidas a partir dos estudos arqueológicos sobre os processos de ocupação da paisagem têm se mostrado bastante diferenciadas, afinal, cada pesquisador tem a possibilidade de observar e interpretar diferentemente o mesmo objeto de estudo. No que se refere aos estudos das relações entre vestígios arqueológicos e outros elementos da paisagem, observa-se um amplo desenvolvimento na história da pesquisa arqueológica. E a geografia, especialmente os estudos sobre paisagem, têm contribuído para a arqueologia principalmente na contextualização dos vestígios arqueológicos na paisagem e nas relações espaço-temporais entre as diferentes variáveis que compõem o problema epistemológico<sup>4</sup>.

A análise integrada dos sítios arqueológicos em seu contexto ambiental e sócio-cultural busca compreender os processos de ocupação das paisagens pelos grupos pré-coloniais. A partir do ambiente deve-se inferir os recursos naturais que se encontravam disponíveis, enquanto a partir dos aspectos sócio-culturais, pode-se investigar sobre o modo de vida desses grupos. Os fatores que podem ter influenciado os grupos pré-coloniais a se localizarem nestas paisagens são desconhecidos, porém através da ocorrência de sítios arqueológicos é possível pensar sobre alguns aspectos ambientais e sócio-culturais que levaram o indivíduo às suas escolhas durante o processo de ocupação das paisagens pré-coloniais.

Ao pesquisar os sítios de pinturas rupestres é necessário que se analise estes sítios relacionando-os aos diferentes aspectos envolvidos nos processos de ocupações e escolhas dos grupos pré-coloniais, principalmente com as condições ambientais do entorno, a disponibilidade de recursos próximos a cada sítio, as possíveis estratégias de escolhas e

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Ana L. do Nascimento, 2001.

<sup>3</sup> LIMA, Jeannette Dias de, 1985.

<sup>4</sup> “Entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana. Tanto a escola alemã como a francesa, que influenciaram a geografia brasileira, dão ênfase a aspectos diferentes da paisagem. A geografia alemã tem herança naturalista, desde Humboldt; a francesa desenvolveu observações quanto à região, formada pelas culturas e sociedades em cada espaço natural. (MAXIMIANO 2004:87)”. Verificar também em BÓLOS, 1992.



utilização do ambiente natural inferidas para os grupos pré-coloniais. Cada sítio representa um conjunto destas variáveis, integrando os potenciais de seu entorno.

A proposta metodológica do trabalho de pesquisa acompanha a perspectiva patrimonial, na medida que partiu de um projeto voltado à educação patrimonial no município de Alagoinha, e que realizou uma identificação patrimonial integrando diferentes membros da sociedade e representações de universidades, ONG, membros da comunidade local, e alunos de instituições educacionais do município. Assim como são também consideradas algumas orientações desenvolvidas nas Cartas de Recomendações referentes à preservação patrimonial referente aos procedimentos de reconhecimento de sítios arqueológicos constituindo a identificação do entorno do patrimônio arqueológico como fundamental para a sua autenticidade.

O processo de identificação e cadastro de sítios arqueológicos é sugerido pelo órgão federal responsável – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) incluindo a descrição do entorno do sítio. A legislação nacional reconhece os sítios arqueológicos enquanto bens patrimoniais, e que, portanto, devem ser alvos de ações de preservação e valorização.

Os mapas são instrumentos privilegiados na representação espacial e localização dos sítios arqueológicos, contribuindo para a apresentação e compreensão do grande público. A construção de mapas temáticos referentes à arqueologia de uma região possibilita a apreensão e divulgação do patrimônio arqueológico de maneira didática, passível de análises a partir de diferentes enfoques e abordagens teórico-metodológicas. A utilização dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG) como uma ferramenta na análise da ocupação pré-colonial permite manipular e visualizar diferentes dados relacionados principalmente com a distribuição no espaço.

A princípio, destacam-se três grandes unidades de paisagens na área de estudo, que estão associadas à distribuição dos sítios (fig. 04): na porção noroeste, em uma área marcada por uma paisagem formada pelo vale estreito do rio Ipanema próximos às serras do Gavião e Pitó observa-se a vegetação bastante conservada e a proximidade entre alguns sítios localizados em matações com presença de abrigos; nas áreas de planaltos, na porção leste, a configuração da paisagem é marcada por superfícies arredondadas e solos mais arenosos que apresentam boa permeabilidade, nestas são observados apenas dois sítios de

pinturas, sendo que a cerca de 100m do sítio da Pedra Pintada foi observada uma grande diversidade de vestígios cerâmicos; uma terceira área é caracterizada por paisagens mais abertas, vales mais extensos entre grandes afloramentos graníticos caracterizada pelas formações de depressão, onde se observa uma grande concentração de sítios e vestígios pré-coloniais, principalmente entorno à Pedra Furada, formação rochosa que se destaca visualmente na região.

Diante destes apontamentos, passa-se ao Capítulo 1, onde é apresentada a proposta da pesquisa acerca das ocupações pré-coloniais no Agreste pernambucano; o Capítulo 2 representa o marco teórico que fundamenta os procedimentos metodológicos utilizados; no Capítulo 3 são analisados os dados abordados na pesquisa, como as unidades de paisagens, os sítios arqueológicos, e os vestígios pré-coloniais; no Capítulo 4 há espaço para a reflexão de aspectos políticos-ideológicos que envolvem a preservação do patrimônio arqueológico e de seu entorno; no Capítulo 5 se apresentam as considerações desenvolvidas durante a pesquisa, assim como uma proposta à interpretação dos processos de ocupação das paisagens arqueológica no Agreste.



Fig. 01 - Mapa do Brasil com destaque para a área de estudo na região Nordeste (fonte: [http://www.brazadv.com/mapas/mapa\\_relevo\\_brasil.htm](http://www.brazadv.com/mapas/mapa_relevo_brasil.htm), em janeiro de 2008).

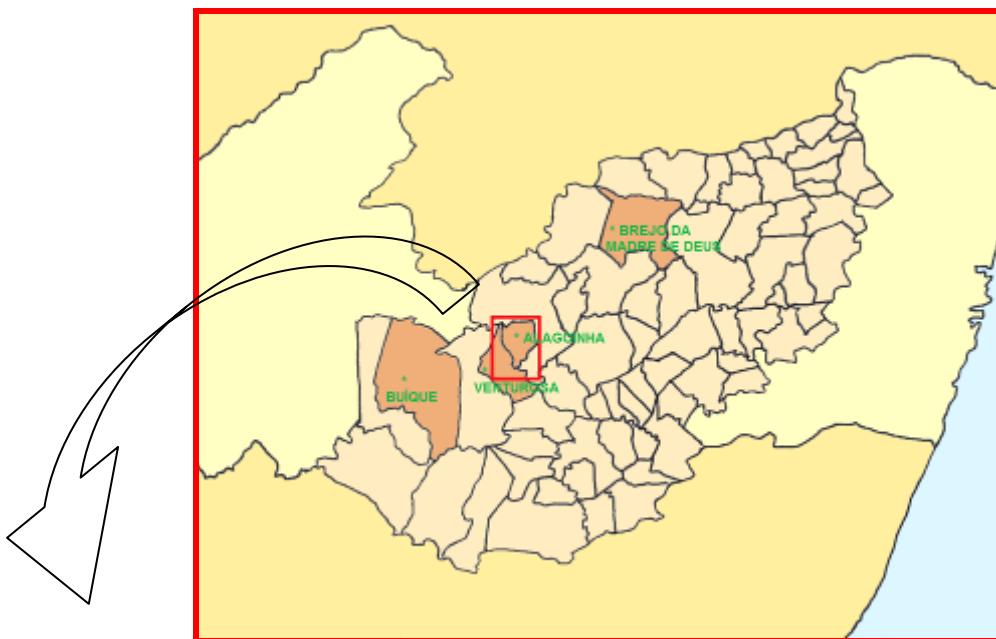
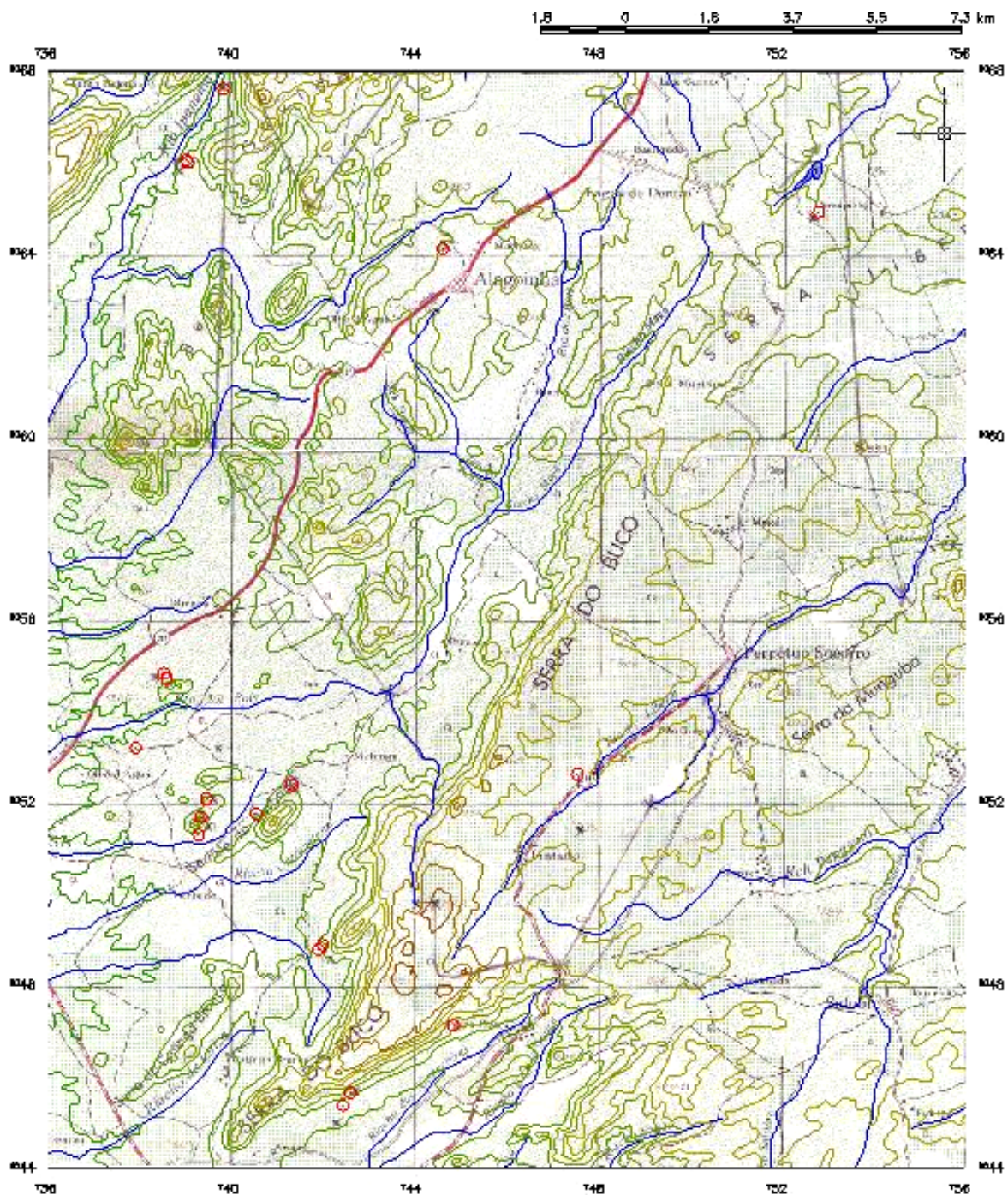




Fig. 02 - Localização da área de estudo no Agreste de Pernambuco (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:PE-mapa-Alagoinha.png>, em janeiro de 2008).



### Carta topográfica e ocupação pré-colonial

Legenda:

-  Drenagem
-  Sítios Arqueológicos

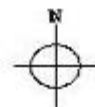
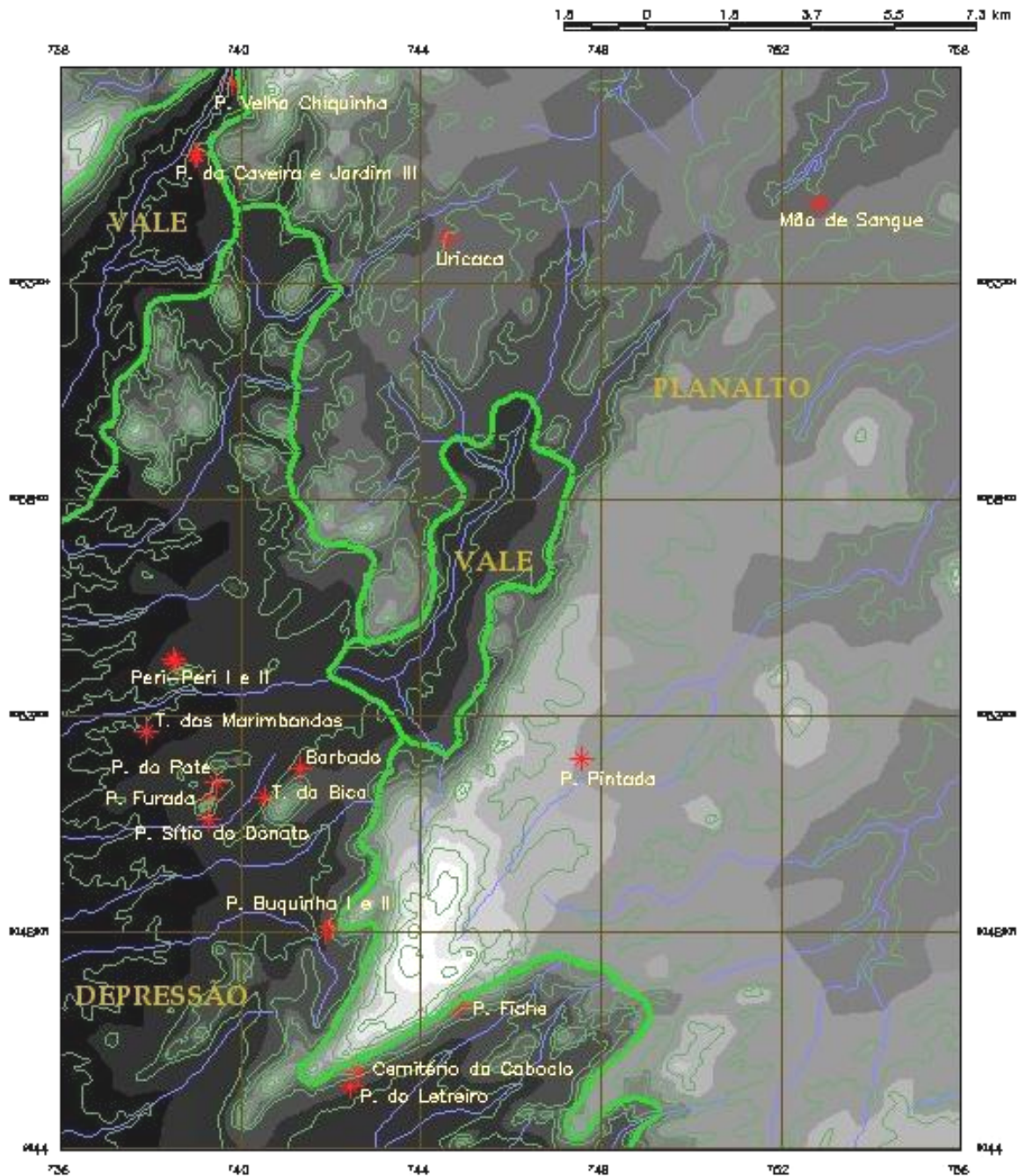


Figura 03: Carta topográfica e ocupação pré-colonial – geoprocessamento: André Proença.



Mapa Hipsométrico e Ocupação Pré-colonial

Legenda:

★ Sítios Arqueológicos

— Drenagem

Altimetria (m)

■ 550 ■ 800 □ 1050

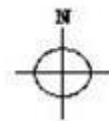


Fig 04: Distribuição dos sítios arqueológicos e compartimentos do relevo (equidistância das curvas de nível: 50m) – geoprocessamento: André Proença.

<b>Sítios arqueológicos</b>	<b>Coordenadas geográficas (UTM-SAD/69)</b>	<b>Data de visita</b>
<b>01- Pedra Furada</b>	739311, 9051730.	<b>15/09/2007</b>
<b>02- Toca dos Marimbondos</b>	737897, 9053242.	<b>15/09/2007</b>
<b>03- Pedra do Pote</b>	739432, 9052116.	<b>16/09/2007</b>
<b>04- Pedra do sítio do Donato</b>	739259, 9051330.	<b>16/09/2007</b>
<b>05- Barbado</b>	741307, 9052433.	<b>17/09/2007</b>
<b>06- Toca da Bica</b>	740516, 9051804.	<b>17/09/2007</b>
<b>07- Pedra da Buquinha I</b>	741876, 9048832.	<b>17/09/2007</b>
<b>08- Pedra da Buquinha II</b>	741979, 9048932.	<b>17/09/2007</b>
<b>09- Pedra do Letreiro (Tubarão)</b>	742412, 9045420.	<b>18/09/2007</b>
<b>10- Cemitério do Caboclo</b>	742587, 9045696.	<b>17/12/2007</b>
<b>11- Pedra Fiche</b>	744836, 9047166.	<b>17/12/2007</b>
<b>12- Pedra Pintada</b>	747549, 9052672.	<b>18/09/2007</b>
<b>13- Mão de Sangue</b>	752829, 9064966.	<b>17/12/2007</b>
<b>14- Pedra da Caveira</b>	738997, 9066114.	<b>16/12/2007</b>
<b>15- Jardim III</b>	739018, 9066048.	<b>16/12/2007</b>
<b>16- Pedra da Velha Chiquinha</b>	739800, 9067660.	<b>16/12/2007</b>
<b>17- Lagoa Uricaca</b>	744603, 9064178.	<b>15/12/2007</b>
<b>18- Peri-Peri I</b>	738507, 9054872.	<b>15/12/2007</b>
<b>19- Peri-Peri II</b>	738558, 9054754.	<b>15/12/2007</b>

Tabela 01: Os sítios arqueológicos, localização e data de visita:

## Capítulo 1

### O patrimônio arqueológico em estudo

#### 1.1 Contexto arqueológico regional - Tradição Agreste

Os sítios arqueológicos pesquisados, e que já estão cadastrados anos atrás, são sítios de grafismos rupestres atribuídos à tradição arqueológica Agreste de pinturas rupestres, que de fato é verificada em muitos estados do Nordeste brasileiro.

A tradição arqueológica Agreste de pinturas rupestres é caracterizada por grafismos de grande tamanho se comparados à tradição Nordeste, sejam esses de composição ou puros. Quando é possível a identificação de cenas gráficas a partir dos grafismos na Tradição Agreste, estas são de composição, apresentando poucas figuras humanas ou animais. As figuras zoomorfas, e outras antropomorfas de “desenho propositadamente grotesco” e de maior tamanho entre outros grafismos puros são características dos painéis gráficos recorrentes na tradição Agreste. Assim como estão presentes também nesta tradição grafismos identificados como armadilhas, círculos concêntricos e figuras que supostamente representam a simbiose de homem e pássaro (Aguiar 1986:46).

Em Pernambuco a tradição Agreste se encontra nas microrregiões dos vales dos rios Ipanema, Ipojuca e Terra Nova. Os sítios de pinturas associados à tradição Agreste ocorrem nos estados do Piauí, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, verificando-se a ampliação da área de abrangência da tradição, que está espalhada na região Nordeste, nos agrestes e sertões semi-áridos (Oliveira 2001).

Na tradição Agreste, os grafismos podem aparecer isolados (foto 01), e em painéis compostos e elaborados (foto 02). As pinturas observadas em painéis compostos por vários grafismos possuem pouca representação de indivíduos ou animais, predominando os grafismos puros. Os grafismos puros possibilitam variadas interpretações sobre sua significação, tendo em alguns dos sítios estudados, uma apresentação bastante elaborada (foto 03).

A definição de uma tradição arqueológica, quando baseada nos grafismos rupestres é orientada pela identificação, e interpretação da temática dos grafismos. As categorias que se estabelecem a partir desta definição são muito amplas tanto no aspecto geográfico, como

também no aspecto temporal. E também se observa que a pesquisa arqueológica buscou a definição de estilos dentro das tradições, como a tentativa de melhor organizar os dados gráficos.

O conceito de tradição compreende também a representação visual de todo um universo simbólico (...), que pode ter sido transmitido durante milênios, sem que os sítios [arqueológicos] de uma tradição pertençam aos mesmos grupos culturais (...). Além de aceitar como definição de estilo o conjunto de sítios que, dentro da tradição, apresentam características comuns ou muito semelhantes, damos também ênfase especial à delimitação geográfica do mesmo (Aguiar 1986:43).

Portanto, além dos vestígios gráficos, aspectos como o acesso ao sítio e as condições para assentamento, entre outras variáveis ambientais, são elementos relevantes na elaboração de categorias em uma tradição, contribuindo para a análise arqueológica. Os estilos e variedades são exemplos destas categorias, tendo as variedades “uma conotação estritamente local correspondente a um sítio ou pequeno grupo de sítios relacionados em si” (idem: 43).

A região dos Cariris Velhos (região cultural localizada na interface entre a porção oeste do Planalto da Borborema nos estados de Pernambuco e Paraíba e a Depressão Sertaneja) é a área que apresenta a maior concentração de sítios arqueológicos atribuídos à tradição Agreste, e onde Alice Aguiar (1986) analisou vinte sítios com o intuito de caracterizar a referida tradição. A pesquisadora classificou como pertencentes à tradição Agreste os estilos “Cariris Velhos” e “Geométrico Elaborado”, indicando também a possibilidade de duas variedades, Ponteadas e Belém (idem: 44).

“A principal característica do estilo ‘Cariris Velhos’ é a localização, (...) as pinturas aparecem em matacões de granito, que se destacam na paisagem e situados nos vales ou no máximo na encosta da serra, sendo o acesso às mesmas relativamente fácil” (idem: 46) (foto 04).

O “estilo Cariris Velhos” apresenta como característica grafismos de composição, entre estas figuras antropomorfas e zoomorfas, sem ou com pouca indicação de sexo, quase sempre sem formar cenas gráficas, e também, mãos em positivo, localizadas normalmente na parte superior dos painéis. Este estilo de pinturas rupestres tem sido também o mais estudado na tradição Agreste e suas expressões são identificadas em diversos municípios do Agreste pernambucano e paraibano.



Segundo Ana do Nascimento Oliveira (2001:35):

Quando foram determinadas as características gerais da tradição Agreste, começou-se por designar os grafismos rupestres da área em estudo como estilo ‘Cariris Velhos’, já que as pesquisas específicas foram iniciadas por Ruth de Almeida, na região dos Cariris da Paraíba. Quando os determinantes geográficos e as especificidades dos sítios nos mostraram, claramente, a existência de uma subtradição na área citada, denominou-se de ‘subtradição Cariris Velhos’.

Outro estilo de grafismos pertencente à tradição Agreste é o “Geométrico Elaborado”, que geralmente ocupa grandes painéis com um único conjunto de desenhos. Este estilo foi identificado em matacões localizados em áreas planas, onde os painéis gráficos inclusive são encontrados associados ao estilo Cariris Velhos, ou em painéis isolados (Aguiar 1986; Luft 1990).

A tradição Agreste, baseada nesta caracterização inicial, é definida por apresentar grafismos de grande tamanho, geralmente isolados, sem formar cenas e, quando estas existem, apresentam-se compostas por poucos indivíduos ou animais. Grafismos puros, simples ou muito elaborados, dependendo das subtradições ou das variedades, acompanham os grafismos de ação sejam eles antropomorfos ou zoomorfos (Oliveira 2001:31).

De fato, os registros emblemáticos<sup>5</sup> da Agreste correspondem em parte aos da subtradição Cariris Velhos, pois foi caracterizada principalmente a partir da ampliação dos estudos ocorridos nas regiões dos Cariris pernambucano e paraibano. Os sítios rupestres representativos desta subtradição que apresentam indícios de ocupações seja habitação ou acampamento, costumam estar associados com cemitérios e sempre próximos de fontes ou reservatórios naturais de água (idem: 35-6).

Dentre os aspectos de escolha pelo local do sítio, A. Aguiar indica que: “um fator importante nos sítios rupestres da tradição Agreste é a acessibilidade, pois, em sua grande maioria, são de fácil acesso, não havendo subidas violentas, nem alturas perigosas a transpor” (Aguiar 1986:49).

José Luft (1990:12), acrescenta ainda, entre as características da tradição Agreste, a escolha por paredes lisas e protegidas das intempéries, normalmente em matacões graníticos que não oferecem abrigo, e a utilização predominante da cor vermelha. Por sua

---

<sup>5</sup> Para Anne-Marie Pessis (1992:49): “Quando a apresentação dos arranjos gráficos repete-se de maneira sistemática, e apesar de experimentar algumas modificações na modalidade de apresentação, as variações não distorcem a identidade da composição nem as características essenciais do arranjo gráfico. Estas composições típicas são denominadas como registros emblemáticos”.

vez, Ana do Nascimento Oliveira (2001:36), identifica as escolhas por suporte dos grafismos em afloramentos de rocha arenítica, tanto em várzeas como em brejos.

José Luft (1990:8-9), chama a atenção para dois principais locais de sítios da tradição Agreste. Segundo ele, a maioria dos sítios ocupa áreas de terrenos sedimentares, apresentando pinturas sobre matações que apresentam pequenos e raros abrigos. Estes locais, por estarem localizados em áreas próprias ao cultivo, têm seus solos arados principalmente a partir das últimas décadas, alterando seu contexto arqueológico-estratigráfico. O segundo grupo de sítios citados pelo autor, são caracterizados por um número menor de sítios, em cotas de altitude mais elevada, no sopé, encostas ou topo de morros, e normalmente em abrigos onde prevalecem os processos de sedimentação, conservando uma estratigrafia com vestígios arqueológicos.

As escavações arqueológicas realizadas na área de estudo, relacionadas à tradição Agreste, trouxeram outras informações dos grupos pré-coloniais. No sítio Peri-Peri I, que apresentava pinturas rupestres “típicas do estilo Cariris Velhos” (Aguiar 1986:95),

A escavação revelou duas fogueiras estruturadas que continham restos de ocre, lascas de quartzo, seixos muito desgastados pela abrasão, e núcleos de hematita, todos eles com sinais de uso, o que permitiu inferir que teriam sido utilizados na preparação das tintas para as pinturas rupestres. Foram obtidas duas datações radiocarbônicas nas duas fogueiras, de 1760 ±90 anos BP (GIF-5878) e 2030 ±50 anos BP (CSIC-605), que constituem as primeiras datações relativas de registros rupestres em Pernambuco. Também neste sítio, na ocupação mais recente, foram encontrados fragmentos de cerâmica com acabamento de superfície externo escovado (Oliveira 2001:33).

Já no sítio Pedra do Letreiro (Tubarão), os grafismos apresentam-se em diferentes painéis que “pertencem aos estilos Geométrico Elaborado e Cariris Velhos” (Aguiar 1989:125).

A escavação desse sítio revelou duas ocupações bem definidas e semelhantes às do sítio Peri-Peri, na camada mais recente com cerâmica de formas globulares e carenadas, diâmetro entre 20 e 25cm, com englobo vermelho na parte interna das vasilhas ou total, como também material lítico na camada mais antiga. A duzentos metros deste abrigo, existe uma necrópole indígena, conhecida como Cemitério do Caboclo, que foi escavado em parte constatando-se uma única camada arqueológica com enterramentos secundários (...) (Oliveira: 2001: 34).

Diante deste quadro acerca dos estudos arqueológicos referentes à tradição Agreste, Ana Oliveira (2001:36) comenta que os registros gráficos “necessitam ser revisados para que possam, seguindo-se procedimentos e parâmetros mais consistentes, ser segregados os

elementos gráficos, aprimorando-se assim essa classificação”. Da mesma forma que também se faz necessários novos estudos integrados ao contexto ambiental e histórico da área pesquisada, contribuindo para a compreensão dos processos de ocupação das paisagens arqueológicas relacionadas aos sítios de pinturas rupestres.

## **1.2 O reconhecimento do patrimônio arqueológico pré-colonial através do projeto: Educação patrimonial em Alagoinha/PE – melhoria na qualidade de vida da população**

O conjunto arqueológico no município de Alagoinha, identificado através das prospecções empreendidas no projeto “Educação Patrimonial em Alagoinha/ PE – melhoria na qualidade de vida da população”, contou com a parceria entre Universidade Federal Rural de Pernambuco e o Instituto Ouricuri, através de financiamento do Ministério da Educação, e integrou pesquisas e ações sociais na valorização patrimonial. A perspectiva interdisciplinar do projeto de reconhecimento e valorização contribui para novas possibilidades pedagógicas associadas ao patrimônio entre a apreensão e compreensão dos seus propósitos.

A realização do projeto oportunizou a identificação do patrimônio cultural e natural no município de Alagoinha, integrando algumas ações voltadas à educação patrimonial. Os trabalhos foram sistematizados em quatro frentes de ação de reconhecimento dos patrimônios: arqueológico; cultural imaterial; histórico construído; ambiental. E nas atividades pedagógicas de temática patrimonial.

Através dos trabalhos de prospecções arqueológicas identificaram-se nos interiores dos municípios vizinhos, Alagoinha e Venturosa, alguns sítios relacionados ao período pré-colonial. A região do alto do vale do rio Ipanema, próximo às serras localizadas a noroeste da área de estudo apresenta uma paisagem com vegetação bastante conservada de acordo com o pequeno desenvolvimento econômico da área, e onde foram observados dois sítios rupestres e um cemitério indígena.

Na área nordeste e sul do município de Alagoinha, formada por planaltos divisores das bacias hidrográficas que drenam para o rio Ipanema e deste para o São Francisco, das cabeceiras de drenagem que desembocam no rio Liberal e Ipojuca, observaram-se três sítios

rupestres dispersos em matacões graníticos destacados nestas paisagens. Um destes, o sítio da Pedra Pintada, localizado na região de Alverne, distrito de Perpétuo Socorro, já havia sido estudado por Aguiar (1986) que buscou caracterizar seus grafismos. Este sítio foi incorporado à tradição Agreste, representando o estilo “Cariris Velhos” e a variedade Ponteada. A realização de uma prospecção superficial em uma lavoura de milho identificou uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica, possivelmente associada ao período pré-colonial, a cerca de 100m do matacão que contém os grafismos. A mesma variedade ponteada também foi verificada no sítio da Pedra Furada no município vizinho de Venturosa (Aguiar 1986:134).

Na região mais urbanizada e próxima a sede municipal, ocorre a formação de *cacimbas*, que têm grande utilidade para a população no que diz respeito ao abastecimento de água atualmente, e pode-se supor que estes reservatórios naturais de água também tenham atraído as atenções de grupos no passado. Neste complexo de reservatórios foram identificados alguns fragmentos de cerâmica na superfície do solo de um pequeno abrigo formado em um matacão próximo à lagoa do Uricaca.

Uma terceira área de paisagem diferenciada se destaca, caracterizada pelas formações de depressão do planalto, de onde emergem grandes afloramentos de granito, e onde foram reconhecidos sítios muito próximos da Pedra Furada, em Venturosa, que ainda não haviam sido cadastrados. A população local levou a identificação de outro: o sítio do Barbado, que se apresenta em um abrigo formado em bloco, com painéis de pinturas em diferentes cores. A este se somaram outros quatro sítios de pinturas, todos dispersos em um raio não maior do que 3 km do Sítio da Pedra Furada, são eles: Toca da Bica, Toca dos Marimbondos, Pedra do Pote, e Pedra do Sítio do Donato, os quais são descritos no capítulo III.

Com a participação integrada da comunidade, as informações levantadas nos trabalhos de reconhecimento do patrimônio arqueológico puderam ser incluídas nos trabalhos didáticos, para novamente serem interpretadas. Estas pessoas trouxeram significativas contribuições ao disponibilizar dados históricos da região, e ao conduzir os pesquisadores aos sítios arqueológicos, registrados ou não, afirmando assim seu papel de interlocutores de uma comunicação social fundamental na constituição do patrimônio arqueológico.

A população local teve a possibilidade de envolver-se no projeto através da promoção das diferentes atividades educativas direcionadas à comunidade, pelas entidades representativas, como as escolas estaduais, municipais e associações. A partir das famílias que participam do projeto é possível se obter uma propagação das idéias de valorização e conservação patrimonial. O desenvolvimento de palestras, voltadas à comunidade, assim como visitas em grupos ao patrimônio cultural e ambiental no município estimulam o conhecimento e ajudam a reconhecer a importância da preservação patrimonial. Da mesma maneira, discutiu-se o desenvolvimento sustentável, procurando implementar atividades pedagógicas, culturais e ecológicas com perspectivas econômicas para as comunidades locais, como um monitoramento turístico ou desenvolvimento de alguns artesanatos, entre outras.

O fomento destas idéias ocorre principalmente através do incentivo para ações que envolvem famílias, escolas, e entidades de trabalhadores que, conscientes da existência e importância do patrimônio, de suas fragilidades e potencialidades, passarão a motivar a preservação e revitalização dos bens patrimoniais. Da mesma forma que, atuando como cidadãos, poderão melhor compreender os processos da construção de uma sociedade, que se reconheça culturalmente diversa e plural.

### **1.3 A pesquisa arqueológica**

Este projeto pretende interpretar as formas de ocupação e os processos de escolhas culturais dos grupos pré-coloniais, portanto precede a ele um reconhecimento arqueológico da área, ou ainda, a recuperação de dados disponíveis. Assim, o trabalho ocorreu a partir dos sítios arqueológicos conhecidos na área de estudo. Alguns destes sítios estão cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e outros em processo de cadastramento, reconhecidos em 2006 pelo levantamento do patrimônio arqueológico na execução do Projeto de “Educação Patrimonial em Alagoinha/ PE – melhoria na qualidade de vida da população”.

A interpretação arqueológica vai além da área dos sítios arqueológicos, na perspectiva de compreender os processos de escolhas e estratégias dos grupos pré-coloniais através das áreas de captação dos recursos naturais e dos acessos a estas. Além dos aspectos

materiais, a percepção de aspectos simbólicos relacionados ao entorno do patrimônio arqueológico, como a fisionomia e funcionalidade das unidades de paisagens, dá sentido à interpretação sócio-econômica e ideológica dos grupos pré-coloniais, uma vez que são identificados elementos na paisagem significativos para a vida humana.

O conjunto de sítios estudados é representativo da tradição Agreste de pinturas rupestres, onde se destacam painéis gráficos relacionados a subtradição Cariris Velhos e outros atribuídos ao estilo Geométrico Elaborado. Em três dos 19 sítios estudados houve intervenções arqueológicas que permitiram aos pesquisadores conhecer um pouco do universo da cultura material dos grupos pré-coloniais. Foram achados materiais líticos, cerâmicos, orgânicos e funerários, que vêm integrar os dados pesquisados e que serão comentados posteriormente.

É possível que muitos dos locais na área fossem ocupados de fato, e somente torna-se possível estudar a ocupação pré-colonial partindo dos raros vestígios arqueológicos contextualizados na paisagem. Os parâmetros culturais que influenciam os processos de escolhas dos grupos pré-coloniais, tanto na utilização de recursos ou na ocupação de determinados espaços, podem ser muito variados. Por sua vez, alguns elementos específicos, como a presença de água nas imediações, ou ainda, a presença de abrigos naturais, podem orientar algumas interpretações acerca das estratégias de escolhas pré-coloniais.

Tendo em vista a variedade de sítios e vestígios arqueológicos nos interflúvios dos rios Ipanema e Liberal, e suas respectivas paisagens, que foram analisadas através da pesquisa arqueológica, se buscou compreender:

- Que fatores puderam ter influenciado os grupos pré-coloniais a escolher esta região?
- Que condições o ambiente natural disponibilizava aos grupos humanos?
- Que estratégias de escolhas e utilização dos recursos apresentavam estes grupos?
- Como se apresenta à distribuição dos sítios arqueológicos com a configuração da paisagem?
- Como os vestígios culturais se apresentam quando relacionados com a paisagem arqueológica?

- Que contribuições a pesquisa arqueológica pode dar atualmente à compreensão de nossa história e às comunidades diretamente relacionadas com o entorno do patrimônio arqueológico?

Cada sítio representa por si só um conjunto de vestígios culturais que podem ser estudados em seus contextos ambiental e sócio-cultural. “A unidade básica da arqueologia é o sítio, [e a sua] finalidade é estudar o comportamento humano...” (Binford 1994 apud Dias 2003:141). Pressupõe-se que a distribuição dos sítios arqueológicos na região esteja associada à configuração da paisagem, ou seja, que os elementos e dinâmicas que caracterizam as paisagens se relacionam diretamente com os processos de ocupação e escolhas dos grupos pré-coloniais. Sendo assim, o processo investigativo integra também um estudo da configuração da paisagem relacionando-o a arqueologia da área.

Para Eliany La Salvia (2006:8) a pesquisa arqueológica busca compreender os grupos humanos do passado através das evidências em “termos processuais e/ou contextuais, extrapolando os limites que cercam as observações e descrições dos vestígios que restaram”. A arqueologia da paisagem é uma perspectiva metodológica adequada ao estudo dos grupos pré-coloniais. Seu objetivo encontra-se também na integração de diferentes abordagens, e principalmente no que “está ligado ao presente; isto exige ir mais além da morfologia e do registro material, transcendê-lo e abstraí-lo para chegar a uma leitura em termos de relações históricas” (La Salvia 2006:19).

O processo de ocupação da área pelos grupos pré-coloniais passa pela escolha do local, que é parte integrante de um sistema sócio-cultural frente às alternativas e possibilidades do sistema ambiental. Os vestígios arqueológicos quando associados às diferentes formas de ocupação estudadas, podem ser considerados como respostas específicas em momentos determinados, dentro de uma paisagem diversificada, caracterizada pelas dinâmicas do semi-árido nesta porção do Agreste pernambucano. A área de estudo apresenta formas de ocupação variadas, possibilitando inferir sobre diferentes dinâmicas de captação de recursos necessários à manutenção sócio-cultural pressuposta.

### **1.3.1 Procedimentos metodológicos:**

O desenvolvimento da pesquisa ocorre a partir da apreensão e análises em diferentes níveis escalares frente aos processos de ocupação pré-colonial no Agreste. Como proposta à

interpretação do contexto arqueológico tem se buscado a integração de abordagens diferenciadas.

Desta forma, a interpretação do contexto regional, onde foi possível relacionar os sítios arqueológicos às condições de topografia e rede de drenagem, entre outros elementos da paisagem. Esta etapa de pesquisa ocorre desde a consulta de mapas e cartas topográficas, até a construção de mapas temáticos que contribuem às análises das variáveis ambientais e de suas distribuição espacial.

Já a aproximação ao entorno dos sítios se dá através da interpretação de fotografias aéreas disponíveis no acervo do Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM), procedentes de pesquisas anteriores na região. De acordo com o objetivo da pesquisa, que é analisar o contexto arqueológico integrado ao estudo da paisagem, é preciso selecionar ou adequar os dados existentes. Entre estes se pode fazer uso de fotografias aéreas oriundas de levantamentos anteriores. E, para a área de estudo foram encontradas fotografias aéreas de um levantamento desenvolvido pelo Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) no ano de 1985 na escala de 1:25.000, tais fotografias servem para a interpretação fotogramétrica, e para a elaboração de mapas temáticos a partir da interpretação e georeferenciamento das imagens.

As imagens nesta escala possibilitam relacionar o local dos sítios arqueológicos com as formas e dinâmicas geomorfológicas. Através da análise geomorfológica é possível interpretar alguns dos processos de transformação nas paisagens, e estes têm grande influência na distribuição de muitos outros elementos, entre recursos bióticos e abióticos. Entretanto, de acordo com o período de 24 meses para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, desde a concepção e organização do projeto, leituras bibliográficas sobre a temática, execução dos trabalhos de campo, interpretação e construção de mapas temáticos, até a conclusão e fechamento do texto final, optou-se por realizar a interpretação de fotografias aéreas apenas em uma porção norte da área de pesquisa, a fins de teste metodológico, procurando relacionar os sítios ao seu contexto de paisagem geomorfológica.

Por sua vez, os trabalhos de campo proporcionam a observação dos detalhes pertinentes ao problema epistemológico e ocorrem em grande parte *in situ*, ou seja, uma maior percepção é proporcionada através da visita ao local do sítio, onde integram em seu contexto os aspectos da paisagem mais próximos e inerentes a estes. Esta é a etapa da



pesquisa na qual se busca a interpretação do contexto arqueológico a partir da observação e percepção dos fatores que teriam favorecido as escolhas dos grupos pré-coloniais. O registro dos vestígios arqueológicos permite sua análise em gabinete, que no decorrer da pesquisa se torna passível de inclusão nas análises, uma vez que fornece comprovações dos dados obtidos no campo.

A execução de um geo-referenciamento dos sítios arqueológicos é de relevante importância para a interpretação dos processos de ocupação. Para este fim, torna-se fundamental a utilização dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG), como uma ferramenta que permite ao pesquisador realizar a interface de diferentes elementos da paisagem sob a perspectiva arqueológica. O SIG permite armazenar dados de diferente natureza e organizar aqueles pertinentes através da manipulação e apresentá-los como imagem, contribuindo a observação e análises de elementos inter-relacionados que compõem as paisagens arqueológicas.



Foto 01: Grafismo puro isolado – sítio Mão de Sangue (foto: Luiz Barreto).



Foto 02: Painel composto, com sobreposição de grafismos e uso de policromia – Sítio do Barbado (foto: André Proença).



Foto 03: Grafismo puro elaborado – Sítio Pedra do Letreiro (foto: Luiz Barreto).



Foto 04: Matacão destacado nas paisagens de planalto – Sítio Pedra Pintada (foto: Luiz Barreto).

## Capítulo 2

### Arqueologia de área

#### 2.1 Levantamento arqueológico – inventário patrimonial

Na medida em que as escavações mantêm seu desenvolvimento teórico, é dada importância também às formas de reconhecimento da superfície terrestre como ferramenta para compreender as sociedades no passado.

*Apoyándose en una serie de indicios previos recogidos y sistematizados en la fase de documentación previa al trabajo de campo, la prospección de superficie en sí se verifica en puntos y áreas concretas susceptibles de deparar el tipo de información que se busca (Sanjuán 2004:98).*

Por si só, os resultados de uma prospecção arqueológica contribuem para estabelecer prioridades, destacando sítios para futuras escavações, e ainda, promovendo o estabelecimento empírico de parâmetros de ocupação territorial no passado. A integração dos trabalhos de prospecção de superfície e o reconhecimento do terreno através de fotografias aéreas compõem um conjunto fundamental na exploração, descrição, análise e interpretação arqueológica (idem: 64).

Segundo Leonardo Sanjuán (2004), o reconhecimento da paisagem arqueológica através da fotografia aérea, articula-se principalmente em torno de três possíveis objetivos metodológicos: identificar sítios arqueológicos de forma complementar as prospecções de superfície; elucidar aspectos como a forma, extensão e conformidade de sítios identificados; e, por final, utilizar a interpretação aérea na contextualização dos sítios arqueológicos na paisagem (idem: 105-7). Esta articulação do reconhecimento do terreno através da interpretação foto-aérea e os trabalhos de prospecção de superfície permitem a análise dos processos de escolhas na ocupação da paisagem pelos grupos do passado, assim como permite visar a proteção e gestão arqueológico-patrimonial.

L. Sanjuán (2004) destaca alguns indicadores que podem ser extraídos a partir de análise da documentação, prévia ao trabalho de campo. Sendo assim, a consulta contínua a fontes bibliográficas, cartográficas e documentais que levam à identificação de estruturas e vestígios arqueológicos é de fundamental importância para direcionar os trabalhos de reconhecimento. Entre muitos indicadores, a toponímia pode ser bastante funcional nas

pesquisas, assim como outros de natureza fitoarqueológicas<sup>6</sup>, ou elementos materiais específicos localizados em superfície. De qualquer maneira, a prospecção arqueológica deve ser direcionada ao objeto de estudo (idem: 99).

São muitos os fatores que interferem no registro arqueológico, desde sua formação até os dias atuais. O resultado de diferentes processos geomorfológicos levou tanto à destruição, quanto ao soterramento, ou ainda à preservação seletiva de alguns vestígios superficiais. Além disso, métodos de prospecção de sítios têm se apresentado bastante variados e dependem de questões como a acessibilidade, visibilidade, concentração dos vestígios, entre outros fatores (Butzer 1989:247-9).

*... la prospección pasa a ser una actividad realizada no individualmente, sino en equipo (y preferentemente por equipos multidisciplinares), con una serie de procedimientos formalizados y estandarizados, cada vez más sofisticados en su diseño técnico, para la cobertura del terreno y la recogida de la información (Sanjuán 2004:63-4).*

O planejamento e a preparação da prospecção exigem a seleção e análise dos mapas disponíveis para a área de trabalho. Desta forma, o processo de elaboração de mapas está associado ao reconhecimento arqueológico da paisagem. Através dos mapas topográficos pode-se representar a distribuição de sítios relacionados às formas de relevo, o que é essencial para inferir estratégias de ocupação e escolhas dos grupos pré-coloniais. A topografia representa um dos elementos da paisagem e a sua forma se relaciona com muitos outros elementos, tanto ambientais como simbólicos.

## **2.2 Os estudos de sistemas de assentamento na arqueologia processual**

O reconhecimento prévio da superfície terrestre, independentemente da execução de escavações arqueológicas, tem contribuído para o campo epistemológico a partir das abordagens da Nova Arqueologia/ Processual. As abordagens baseadas em sistemas de assentamentos tornaram-se mais recorrentes na arqueologia americana por volta das décadas de 1960 e 70, como revisão da noção em padrões de assentamento nos estudos das relações homem-espço. Os sistemas de assentamentos são compreendidos de acordo com a

---

<sup>6</sup> O autor define a fitoarqueologia como especialidade que estuda a vegetação como conjunto de indícios relativos à localização e natureza de determinados elementos do registro arqueológico (Sanjuán, 2004: 294).

idéia sistêmica de cultura, caracterizada pela “integração de indivíduos e unidades sociais, desempenhando distintas tarefas em diferentes locais” (Binford 1965 apud Dias 2003:31).

O estudo acerca dos sistemas de assentamentos levou Bruce Trigger (1972:112 apud Franch 1989:160) a propor uma definição para uma arqueologia de assentamentos, em contraposição a uma arqueologia cultural:

*Arqueología de asentamientos como el estudio de las relaciones sociales, utilizando datos arqueológicos. Este estudio incluye una investigación profunda tanto sobre los aspectos sincrónicos o estructurales, como diacrónicos o de desarrollo de estas relaciones. Se diferencia de la arqueología cultural común en que no pretende considerar los diferentes aspectos de las relaciones sociales simplemente como unos rasgos más a enumerar dentro del complejo de rasgos de las culturas arqueológicas.*

A cultura para L. Binford (1962:218 apud Sanjuán 2004:199), é definida como um total extra-somático no qual os grupos buscam se adaptar ao meio físico e sócio-cultural através de séries complexas de relações entre pessoas, lugares e coisas, que se expressam de múltiplas formas. “*Esta definición integra los elementos fundamentales de la epistemología ecológico-cultural y procesualista... (la cultura es una noción sistêmica, adaptativa y cuantificable)* (idem: 200)”.

Gordon Willey (1953, 1974 apud Trigger 1992:264) considerou os modelos de assentamentos arqueológicos como evidência das relações entre os grupos humanos e o ambiente, optando por tratá-los como “*puntos de partida estratégicos para la interpretación funcional de las culturas arqueológica*”. Os modelos de assentamentos são importantes para estudos preliminares necessários às interpretações e podem ser considerados como fontes de informação arqueológica. Assim, os sítios arqueológicos são vistos “*como redes en las que cada yacimiento desempeñaba un papel diferente y complementario* (idem: 266)”. Sob este olhar, os sítios arqueológicos em conjunto passam a significar mais do que quando analisados isoladamente. Os sítios arqueológicos são interpretados a partir da sua ocorrência no espaço, e do funcionamento indissociável dos contextos sócio-cultural e ambiental.

A definição e registro dos sítios arqueológicos por si só têm permitido questionamentos entre os pesquisadores. Karl Butzer destaca que como os sítios remetem aos vestígios da atividade humana em locais determinados, estes estão sujeitos às intempéries e aos agentes de transformação geomorfológica. A dificuldade de registrar os

sítios é intensificada diante dos que possuem dimensões pequenas e especialmente dos que tem pouca densidade de vestígios. Assim, alguns arqueólogos preferem definições mais específicas para os sítios (Plog et al. 1978 apud Butzer 1989:248): *“una agregación delimitada en el espacio, de materiales culturales en cantidad e calidad suficientes como para producir incidencias en el comportamiento del lugar”*.

Estes questionamentos conceituais que envolvem os vestígios das atividades humanas no passado, de fato mostram-se como uma proposta à interpretação da variabilidade na distribuição de sítios arqueológicos no espaço e de sua participação no conjunto de assentamentos (Plog e Hill 1979 apud Dias 2003:31). L. Forsberg (1985 apud Parellada 2005:95) analisa os sistemas de assentamento através “da distribuição, das formas, funções e hierarquias dos sítios arqueológicos de determinado grupo em uma região e período de tempos específicos”. Busca-se assim, uma compreensão das estratégias de ocupação e da definição de territórios em um ciclo anual. As escolhas de assentamento dependem, portanto, das disponibilidades de recursos no ambiente atribuídas a sazonalidade; das diferentes funções dos assentamentos; e da relação das estruturas dos assentamentos com segmentos sociais de cada grupo cultural em questão.

Segundo David & Kramer (2001:227 apud Dias 2003:34): “Os sistemas de assentamento observados pela arqueologia são inferenciais, derivados de inúmeras associações e distribuições de resíduos que sobreviveram a uma variedade de ações que se desenvolveram ao longo do tempo em diferentes locais na paisagem”. Para E. La Salvia (2006:9-10) a abordagem processual exprime a idéia de que cada assentamento representa uma parte do total de ações, que tem relações com os vestígios culturais, e/ou com um grupo de assentamentos.

Através dos estudos da etnoarqueologia é possível buscar orientações para incorporar os aspectos relativos à organização territorial aos sistemas de assentamentos associados às estratégias particulares de subsistência e adaptação. Segundo Adriana Dias (2003:34) uma das premissas dos estudos etnoarqueológicos em sistemas de assentamento é que “independente do sistema de subsistência, [nenhuma comunidade] está limitada espacial e funcionalmente a um único sítio”. Desta forma, as pesquisas etnoarqueológicas poderiam inferir sobre os sistemas de subsistência e, conseqüentemente sobre os sistemas de assentamento à medida que vêem a ilustrar a variabilidade de ocupações na paisagem.

Ao ser posta em prática a pesquisa etnoarqueológica sistematiza as relações entre comportamento e cultura material, buscando “averiguar como certas feições de comportamentos observáveis podem refletir nos vestígios arqueológicos” (Kramer 1979 apud Parellada: 96-7). Assim, esta abordagem contribui para a compreensão destas relações tanto em uma escala regional quanto local. As pesquisas etnoarqueológicas envolvem as observações diretas, integrando dados etnográficos e etno-históricos com os dados arqueológicos.

### **2.2.1 O enfoque da ecologia cultural e os processos de adaptação cultural**

O conceito de Ecologia Cultural, cunhado nas ciências biológicas, é adotado em estudos sobre a relação entre sociedades e ambientes. A noção de Ecologia Cultural é interpretada por Julian Steward (1955, 1977 apud Sanjuán 2004:191) “*como el estudio de los procesos a través de los cuales una sociedad se adapta a su medio ambiente*”. O enfoque nestes estudos baseou-se na aplicação da Teoria Geral de Sistemas; nos fatores materiais da cultura e da sociedade; e em um consistente cientificismo – o qual obteve grande aceitação em Antropologia e Arqueologia.

A utilização desta abordagem considera dois conjuntos sistêmicos: o sócio-cultural e o ambiental, que possuem elementos e dinâmicas diferenciadas. Ambos os conjuntos se encontram em constante interação e são compostos por séries de subsistemas, como por exemplo: o tecnológico, o econômico e o psicológico, para o contexto sócio-cultural; e o topográfico, o climático, o geológico e o biótico, para o contexto ambiental. Nesta perspectiva, a análise arqueológica de assentamentos volta-se para os elementos excepcionais e únicos que compõe cada sítio de um mesmo sistema de assentamento, em detrimento dos gerais e recorrentes.

A análise arqueológica de assentamentos, influenciada pela Ecologia Cultural, se converte em uma ferramenta fundamental de análise da ecologia humana (Butzer 1989:204 apud Sanjuán 2004:197):

*Puesto que su propósito es la reconstrucción de las relaciones entre las comunidades que habitaron esos asentamientos y su medio natural, se hace precisa alguna noción sobre las características de esse medio y sus cambios a lo largo del tiempo. Partiendo de la observación de que la naturaleza no es una entidad estática sino que todos sus*



*elementos, sean orgánicos o inorgánicos, cambiam y evolucionam (em buena medida también a partir de la influencia antrópica), el planteamiento ecológico-cultural requiere de una lectura arqueológica sistemática de las cambiantes dinámicas del paisaje natural (idem: 197).*

David Clarke (1968:85 apud Butzer 1989:269) caracterizou os sistemas culturais “no como actividades, artefactos o creencias arbitrarias sino como la información que controla y regula esas tres expresiones de la tradición cultural”. Por sua vez, W. Buckley (1968 apud Butzer 1989:270), ao estudar os sistemas culturais, concentra-se nos mecanismos adaptativos, incorporando o conceito de “sistemas adaptativos complejos”. De acordo com esta interpretação, as estratégias adaptativas são como conjuntos de comportamentos “que reflejan una cartografía cognitiva del medioambiente y mediante los cuales el sistema se ajusta tanto a los cambios internos como externos”. Esta definição de Buckley para adaptação cultural destaca os processos de cognição e escolhas, incorporando soluções adaptativas alternativas que transcendem às tendências deterministas dos modelos tecnológicos/ ambientais (idem: 271).

A adaptação cultural, como coloca José Franch (1989:152), consiste no descobrimento e formulação de respostas adaptativas dos grupos sociais aos estímulos do ambiente natural. “Como dos esferas de relación mutua la sociocultural y la ambiental, la adaptación ecológica será el resultado de esa mutua interacción en la que los factores internos de la cultura tendrán tanta importancia como los factores ambientales”.

Desta forma, as oscilações, ajustes e transformações nos sistemas culturais são resultantes tanto de elementos externos que podem ser aceites, integrados ou alterados, como internos, gerados por recombinações dos componentes existentes na produção de resultados diferentes. Esta perspectiva da cultura como um sistema de informações integra-se ao enfoque da adaptação cultural na pesquisa arqueológica.

*Los cambios en la estrategia adaptativa pueden vincularse provechosamente con el proceso de selección cultural, que opera en respuesta a limitaciones medioambientales que canalizan o determinan el alcance potencial de los comportamientos, así como a través de procesos cognitivos que reflejan la inteligéncia, las necesidades percibidas, lo valores culturales, la anticipación de futuras necesidades y la valoración del comportamiento (Kirch 1980 apud Butzer 1989:271-2).*

A adaptabilidade depende da capacidade do sistema cultural em incorporar novas informações, ou seja, os processos que levam a adaptação cultural são basicamente as

estratégias de sobrevivência. “*Cuanto más variabilidad de comportamiento se tolere, más probable resultará la armonía entre las nuevas ideas y los valores existentes y la virtual aceptación de aquellas*” (Butzer 1989:272). As necessidades de água, comida, proteção e obtenção de recursos variados estão relacionadas às estratégias culturais e decisões dos grupos, e sucessivamente na formação do assentamento.

### **2.2.2 Arqueologia espacial – territórios e estratégias de subsistência**

A Arqueologia Espacial é uma abordagem que se lançou como crítica aos estudos em sistemas de assentamento na Nova Arqueologia. Caracteriza-se pela adoção de teorias e subteorias de outras ciências, como a geografia, a ecologia e a economia, visando esclarecer novos questionamentos.

As análises relativas à captação de recursos pelos grupos humanos são incorporadas às pesquisas de Eric Higgs (Vita-Finzi e Higgs 1970 apud Sanjuán 2004:203) e vinculadas ao conceito de território. Com a utilização do conceito *site catchment analysis*, E. Higgs e C. Vita-Finzi (1970 apud Parellada 2005:94) buscam relacionar a distribuição dos assentamentos na paisagem às estratégias de obtenção de recursos, de acordo com uma minimização dos esforços.

A análise da relação espacial entre os sítios arqueológicos ocorre desde o século XIX, na arqueologia européia. Influenciadas pela escola alemã, as pesquisas eram associadas à construção de mapas, com distribuição de sítios e artefatos a fim de interpretar complexos culturais pré-históricos associados à geografia e à paisagem (Dias 2003:32).

A partir das décadas de 1930 e 40, em estudos sobre o padrão de subsistência na pré-história, Graham Clark enfatiza uma abordagem paleo-econômica. Tais estudos influenciaram pesquisas a respeito das relações entre os recursos ambientais disponíveis e os possíveis padrões de exploração sazonal destes.

O enfoque sistêmico teve participação no surgimento de pesquisas concebidas na Arqueologia Espacial na Inglaterra durante as décadas de 1960 e 70. David Clarke (1977:5-9 apud Dias, 2003:33) por sua vez, aborda a noção de territorialidade ao direcionar as relações entre as “conseqüências espaciais das atividades humanas em sua articulação com sítios, sistema de sítios e ambiente”.

*La arqueología espacial no atiene sólo a los asentamientos, sino a cualquier tipo de yacimientos (es decir, contempla la presencia humana en el paisaje y la naturaleza en su totalidad, aunque el estudio de los asentamientos tenga un indudable protagonismo) y se desenvuelve en tres escalas de análisis espacial denominadas micro, semimicro y macro (Clarke 1977:11-14 apud Sanjuán 2004:201).*

Sendo assim, as variáveis espaciais interpretadas pelos arqueólogos, incluem as matérias-primas, artefatos, suas características, estruturas, sítios de atividades diversas, rotas, áreas de recursos, e os grupos humanos que os habitaram (Clarke 1977 apud Butzer 1989:204). As interpretações acerca da captação de recursos são como modelos de análise territorial em arqueologia, que derivam de abordagens da Ecologia Cultural.

Karl Butzer (1989:247) destaca dois aspectos que se articulam na concepção e realização de estratégias de subsistência:

*Primero, la distribución, la predictibilidad y las variables competitivas que controlan la disponibilidad y la limitación de recursos, exigen decisiones complejas que admiten múltiples opciones alternativas. Segundo, las variables culturales y socioeconómicas aumentan la multiplicidad de opciones alternativas posibles con respecto al medioambiente percibido, más que al real.*

De acordo com os sistemas de aproveitamento de recursos e organização sócio-econômica, os grupos pré-coloniais mostram pautas de territorialidade móveis e abertas. Os assentamentos podem variar desde acampamentos efêmeros, a acampamentos temporais e/ou estacionais, de acordo com as pautas de movimentação articuladas com as distribuições sazonais dos recursos (Butzer 1989:228-31 e Sanjuán 2004:229-30).

Estudos etnoarqueológicos têm apresentado diversas hipóteses sobre a variabilidade de lugares de assentamento e suas relações com as estratégias de captação associadas às concentrações estacionais dos recursos. *“Se distinguen grados de permisividad de acceso em función de que los extraños sean amigos/parientes o enemigos/extraños, pero los conflictos territoriales y la guerra tienen una dimensión más simbólica que real”* (Service 1984:73-4 apud Sanjuán 2004:231-2). Assim, mesmo que existisse uma noção do território ocupado por determinado grupo, esta não comportaria uma territorialidade exclusiva dos grupos pré-coloniais.

*“El carácter abierto de los territorios se manifiesta en la ausencia de delimitaciones o fronteras estrictas y permanentes: inexistentes los sistemas de apropiación privada de la tierra, consideran a toda la naturaleza como um marco abierto de existencia”* (Sanjuán

2004:230-1). Mesmo que os sítios arqueológicos se tratem de amostragens vestigiais, e que as vantagens percebidas em cada sítio e em seu entorno se diferenciem, os parâmetros espaciais implícitos se assemelham àqueles aspectos existentes no ambiente real. A compreensão do comportamento espacial dos sítios arqueológicos é possível e fundamentalmente racional em termos econômicos, mas não necessariamente otimizada e exclusiva.

A existência de aspectos ideológicos nos vestígios culturais não é negada pelas abordagens processualistas, porém não têm atraído as atenções destes pesquisadores, que se encontram apenas focados na materialidade dos elementos vestigiais. Neste aspecto é que se originam as críticas a partir das abordagens ditas pós-processualistas.

### **2.3 A arqueologia pós-processual e a perspectiva através da paisagem**

A chamada Arqueologia Pós-processualista destaca as necessidades de analisar os fatores cognitivos da cultura diante das dificuldades inerentes das abordagens positivistas. A configuração do registro arqueológico pode ser interpretada de diferentes formas, com referências a processos distintos, que não apresentam necessariamente possibilidades de contrastá-las. Os aspectos ideológicos, as crenças e sua simbologia têm importância fundamental na compreensão do contexto arqueológico. Desta forma, as culturas não podem ser interpretadas unicamente em termos de adaptação ao meio, sendo a cultura material ativamente manipulada pelos indivíduos, que fazem desta, usos diversos de acordo com distintas estratégias sociais (Johnson 2000:132-3).

A recusa da objetividade científica, na Arqueologia Pós-processual, levou a uma aproximação da filosofia de Edmund Husserl acerca dos estudos fenomenológicos. Martin Heidegger, apresenta uma revisão da noção de hermenêutica:

*el análisis del Pasado implica inevitablemente una intrección entre las evidencias materiales (texto) y el investigador, que se convierte en parte del resultado interpretativo final. Esta filosofía pone el énfasis en un concepto de las ciencias humanas como recreación de la experiencia subjetiva de otros individuos (Sanjuán: 2004-241).*

Sob esta perspectiva, os fenômenos estudados pelo pesquisador estão associados a sua percepção e cognição, assim como aos processos de atribuição de valores. “*La fenomenología se preocupa por tanto del ‘mundo habitado’ por el individuo donde el ‘espacio’ es más bien un ‘lugar’ definido como centro de significado subjetivo, foco de implicación y vinculación emocional para cada individuo*” (idem: 241).

As pesquisas pós-processuais se orientam a partir das concepções de ciência, próximas ao construtivismo social. Para estes pesquisadores, a interpretação é sempre hermenêutica. “*Cuando los arqueólogos interpretan objetos lo hacen asignando significados a estos objetos, significados que suponemos son los mismos que daban los pueblos antiguos que los habían producido y usado*” (Johnson 2000:135-6). Um dos postulados pós-processuais em arqueologia é que os dados com os quais o arqueólogo investiga são percebidos através da abordagem teórica escolhida pelo pesquisador. Desta maneira, as abordagens positivistas, não podem ser consideradas como única forma de conhecimento, ou seja, não há possibilidades de contrastar teoria e dados.

As interpretações acerca do registro arqueológico são como interpretações de um texto, feitas em diferentes contextos verbais, e em diferentes contextos sociais. De fato, cultura significa “*una serie de preguntas y respuestas vacilantes, y no un conjunto-receta de respuestas*” (Drummond 1983:171 apud Hodder, 1994:169). Da mesma forma, Ian Hodder postula: “*la realidad cultural es un surtido cambiante de perspectivas diversas, de forma que, considerada como un todo, no hay una sola versión ‘verdadera’ de los hechos*” (idem: 169).

Os indivíduos que integram os grupos pré-coloniais não são compreendidos como passivos diante das regras e concepções socioculturais, tampouco do ambiente que habitaram. Assim, a abordagem pós-processualista busca referência nos trabalhos de Anthony Giddens e Pierre Bourdieu que sugerem uma postura ativa dos indivíduos diante do conjunto de regras socioculturais, ao passo que tendem a entender e utilizá-las, a intervir ou estruturá-las, de modo a contribuir para legitimá-las, ou alternativamente transformá-las (idem: 138).

*En todos los ámbitos de la arqueología, una creciente conciencia de que hay que tener presente el contexto histórico concreto al aplicar teorías generales. [...] Los significados históricos, por muy [diversos] y coherentes que sean, son, sin embargo,*

*reales, producen resultados reales en el mundo material e son coherentes y, por eso mismo, estructurados y sistemáticos. Los arqueólogos valoran críticamente sus teorías em relación al sistema real y estructurado de datos. Éstos son reales, pero no objetivos; y las teorías permanecen siempre abiertas a nuevas preguntas y nuevas perspectivas. Pero es posible conseguir ajustes cada vez mejores en un continuo proceso de interpretación* (Hodder 1984:173-4).

À medida que se persegue a construção de uma teoria arqueológica que possibilite uma compreensão do comportamento humano, no que tange aos atos cognitivos, abordagens pós-processuais se aproximam da teoria estruturalista de Claude Lévi-Strauss. Segundo I. Hodder (1988:66 apud Sanjuán 2004:242), o estruturalismo se interessa pelos aspectos da mente humana e por padrões universais de comportamento, “*en lugar de estar determinado por las leyes de la adaptación, el individuo está determinado por las estructuras y/o universales de la mente humana*”. Portanto, para Claude Lévi-Strauss, os estudos acerca dos sistemas mitológicos e cosmológicos, da mesma forma que os sistemas de parentescos ou de linguagem têm possibilidade de expressar pautas culturais universais.

De acordo com a teoria estruturalista, a arqueologia pós-processual busca enfatizar o potencial da ideologia e do pensamento como agentes das alterações sociais e culturais, propondo que as idéias, crenças e mitos possam atuar como uma infra-estrutura da cultura. “*Las ideas y sus expresiones materiales (signos y símbolos) no son entendidas como meros reflejos o expresiones de la realidad material, sino como elementos activos y dinámicos de la cultura capaces em sí mismos de transformar la percepción individual y colectiva de la realidad*” (idem).

De fato, a ênfase do enfoque pós-processual no aspecto cognitivo da vida humana tem despertado aproximações teóricas e interpretativas de caráter não estritamente pós-processualista (Sanjuán 2004:243). As diferentes interpretações dadas ao contexto arqueológico encontram-se, assim, associadas à experimentação dos pesquisadores, sendo desnecessário alcançar uma conclusão definitiva que possa explicá-lo. A abordagem pós-processualista possui uma categoria baseada no contexto arqueológico:

Onde as dimensões culturais, sociais, políticas, biológicas e físicas são suscetíveis de inclusão e aplicação dentro da arqueologia. (...) Uma leitura contextual da cultura material enfatiza a ação social desta sobre os grupos que a produziram, conectando significados simbólicos, crenças, conceitos e disposições de uma sociedade e dos indivíduos que a compõe. A materialidade está inserida e varia conjuntamente com o

contexto cultural historicamente específico de cada cultura e com seus respectivos significados (La Salvia 2006:14).

O enfoque no contexto espacial, a partir dos estudos da Arqueologia Pós-processual visa identificar os significados, estruturas funcionais e simbólicas a partir da disposição dos objetos no espaço.

*Las visiones sobre el paisaje de los pueblos antiguos no consistían en un conjunto de ideas fijas, sino que eran las vivencias cotidianas fruto de las actividades desarrolladas sobre el paisaje, el medio a través del cual las gentes llegaban a adquirir un conocimiento del paisaje que se perpetuaba y se iba transformando al mismo tiempo (Johnson 2000:137).*

Desde as últimas três décadas as abordagens da Arqueologia da Paisagem sobre os contextos arqueológicos passaram a percebê-los como resultado da “ação combinada de processos naturais e culturais, cujas mudanças dizem respeito a alterações de longa duração, associadas à evolução da paisagem” (Lanata 1997 apud Dias 2003:34). A caracterização da paisagem arqueológica pode representar a variabilidade de respostas diante das alternativas e estratégias de ocupação dos grupos humanos ao longo dos tempos. Assim, sob uma perspectiva funcional, a paisagem arqueológica busca interpretar como as populações humanas reagiram à heterogeneidade da distribuição espaço-temporal dos recursos disponíveis.

*El paisaje puede actuar como una verdadera plantilla organizativa de formas de comprensión, actuación y presencia en el mundo. La capacidad de control del acceso a determinados lugares y escenarios se constituye como un mecanismo fundamental de dominio y poder. Las simbologías más complejas e intrincadas se extienden por todo el medio físico, dando sentido a la realidad social, económica e ideológica de un grupo humano dado (Sanjuán 2004:248).*

Também é possível realizar esta leitura através da utilização da analogia etnográfica entre contextos, tendo por base teorias gerais. “Uma análise contextual implicará, então, constantes movimentos entre teoria e dados, utilizando diferentes teorias para descobrir qual delas explica melhor os dados” (Hodder 1994:160 apud La Salvia 2006:15). Na arqueologia, o objeto de estudo são as sociedades humanas do passado, e desta forma o trabalho se dá a partir de seus elementos vestigiais.

A crítica desenvolvida às propostas pós-processualistas tem procurado demonstrar a inviabilidade metodológica da percepção subjetiva do “outro”, o que, para os críticos, não

permitiria servir como informante ou sequer gerar escritos (Binford 1989:70-1 e Layton y Ucko 1999:13 apud Sanjuán 2004:246).

*La experiencia corporal y sensorial del movimiento por el paisaje en general es, antes que una experiencia de visualización o percepción global (como por ejemplo puede aportar una fotografía aérea o un mapa), una experiencia de carácter secuencial, donde el individuo encuentra y percibe subjetivamente primero un lugar, luego outro y así sucesivamente, creando en su mente una sucesión de eventos que conforman una verdadera narrativa (Thomas 1990:169 apud Sanjuán 2004:247).*

A noção de paisagem associada ao contexto arqueológico e definida através dos processos de percepção e apreensão se mostra como alternativa às análises desenvolvidas na Ecologia Cultural, que se encontram baseadas fundamentalmente na noção de adaptação cultural e nos modelos da geografia quantitativa. A paisagem arqueológica é vista como um conjunto de elementos dotados de significação, essencialmente dinâmicos dentro da experiência cognitiva humana, ou seja, um conjunto de elementos que atuam como signos, símbolos e mensagens inter-relacionadas com a sociedade e com o indivíduo da época. Os significados, desta forma, são compreendidos subjetivamente pelo pesquisador, como aquilo a que os indivíduos atribuem seus próprios atos, mediante consciência e compreensão (Layton y Ucko 1999:11 apud Sanjuán 2004:245).

### **2.3.1 A contribuição dos SIGs na interpretação da paisagem arqueológica**

Os sistemas de informações geográficas (SIG) integram-se às pesquisas arqueológicas por possibilitarem a compreensão das relações das paisagens com as formas de ocupações humanas, a partir da localização espacial dos sítios.

A distribuição dos sítios na paisagem resulta de opções culturais e experiências econômicas, ajustadas pela realidade topográfica (Dias 2003:34). Por sua vez, a construção de modelos de representação através do uso dos SIG é bastante pertinente na medida em que proporciona a visualização efetiva e intuitiva da forma da paisagem, permitindo a obtenção de dados analíticos relativos à declividade, condições de insolação e iluminação, recursos hídricos, entre outros elementos relacionados às estratégias de assentamentos (Sanjuán 2004:156).



A cartografia se especializa à medida que engloba uma variedade de temas, sejam naturais (hidrográfico, fitogeográfico, pedológico, entre outros), ou antrópicos (densidade demográfica, núcleo de povoamento, via de comunicação, entre outros). G. Priestley (1992:98-9 apud Sanjuán 2004:146) propõe três categorias na classificação dos mapas temáticos arqueológicos, segundo ele os *mapas inventários* representam uma grande quantidade de dados brutos ou primários; os *mapas analíticos* apresentam os sítios agrupados em categorias funcionais, mediante uso de uma simbologia; e os *mapas sintéticos* que se assemelham a mapas oriundos de uma hipótese, por exemplo, de um agrupamento de sítios de acordo com algumas categorias funcionais.

A construção de mapas arqueológicos não se diferencia de nenhuma outra forma de cartografia, ou seja, tem como finalidade proporcionar a comunicação de forma objetiva através da visualização e interpretação das informações. Portanto, é de fundamental importância, que sejam destacadas as informações necessárias e apresentadas de forma simplificada, sem proporcionar distorções. A inteligibilidade dos mapas temáticos em arqueologia é imprescindível para que estes possam contribuir no reconhecimento da paisagem arqueológica (Sanjuán 2004:147).

Para Almudena Orejas (1998 apud La Salvia 2006:18-9), alguns enfoques dentro da arqueologia da paisagem (estético-reconstrutivistas, análises morfológicas, visões paleoambientais e economicistas) somente adquiriram projeção, quando foram associadas às visões de síntese. Quanto às abordagens morfologistas da paisagem arqueológica “as formas que articulam uma paisagem podem ser lidas como materialização de sucessivas intervenções agressivas das comunidades, porém, é necessário ir mais além e ler em termos sociais, econômicos e de relações de poder”.

Dentre as revoluções tecnológicas das últimas décadas, os SIG proporcionaram um amplo alcance no reconhecimento arqueológico da paisagem, assim como na análise e interpretação do território dentro dos questionamentos da arqueologia.

Numa visão bastante abrangente, um SIG tem os seguintes componentes: interface com usuário; entrada e integração de dados; funções de consulta e análise espacial; visualização e impressão; armazenamento e recuperação de dados organizados sob a forma de um banco de dados geográficos (Nazareno 2005:14).

*Quizá la forma más efectiva de concebir un SIG sea como una base de datos con elementos georreferenciados que pueden ser visualizados y analizados de forma*

*multivariada e interactiva, obteniéndose así una visión del territorio como conjunto desagregado de elementos* (Sanjuán 2004:150).

Os SIG's têm a característica de integrar diferentes funções no tratamento de informações espaciais. Muitos programas de informática realizam algumas destas funções, como os programas de CAD, entre outros que permitem visualizar, editar e manipular informações gráficas, realizar modelos em três dimensões e ainda, preparar saídas gráficas. Desta forma, a cartografia apresenta-se dinâmica, podendo ser manipulada, editada, transformada e reciclada constantemente (Sanjuán 2004:151-4).

Ao exemplo desta pesquisa, alguns dados primário referente ao conjunto de mapas inventário procede de cartas topográficas na escala de 1:100.000 impressas em 1986 pela Diretoria de Serviço Geográfico 3<sup>a</sup>. DL<sup>7</sup> foram digitalizados para o formato vetorial, como as informações referentes às drenagens e a topografia (curvas de nível e pontos cotados). Com estes somou-se a localização dos sítios arqueológicos proporcionada pelo uso do aparelho GPS. E assim, os dados foram editados e manipulados ao longo da pesquisa, gerando os mapas analíticos e sintéticos apresentados no capítulo 05, inclusive modelos de representação do terreno em 3D.

A modelagem do terreno sob a perspectiva arqueológica, passa pelo estudo das diversas interações que os homens do passado mantiveram com o ambiente. A localização dos sítios arqueológicos na paisagem compõe um sistema de relações com os processos sócio-culturais de escolhas pela ocupação e assentamento. Assim, na pesquisa das paisagens pré-coloniais torna-se necessária uma seleção de variáveis ambientais relevantes e que representem essas interações.

Alguns aspectos inclusive “fornecem indicadores dos locais onde existe a maior probabilidade de serem encontrados vestígios de ocupação”. E, segundo J. L. Morais (*et al* 1998 apud Nazareno 2005:46) “em uma primeira aproximação, os parâmetros podem ser subdivididos naqueles cuja função está ligada à moradia e naqueles onde ela está ligada a atividades extrativas”. Portanto, os parâmetros para localização dos sítios são definidos a

---

<sup>7</sup> As cartas topográficas são produto de uma cobertura aérea executada pela Aerofoto Cruzeiro S. A. em 1967, e restituição em aparelho de 2<sup>a</sup>. ordem em 1969. O desenho e impressão foram feitos pela Diretoria de Serviço Geográfico 3<sup>a</sup>. DL em um convênio MEX/SUDENE. Os dados da área de pesquisa encontram-se nas folhas SC.24-X-B-II e SC.24-X-B-V, ambas com datum vertical em Imbituba/ SC, e datum horizontal: SAD-69/ MG, com origem da quilometragem UTM em equador e meridiano 39° W. GR acrescidas as constantes: 10.000km e 500km, respectivamente.

partir de seus aspectos geomorfológicos, relacionados com a ocupação da superfície do terreno e a utilização dos recursos naturais.

No que diz respeito às potencialidades das moradias e assentamentos, N. Nazareno (2005: 47-8) destaca, entre outras unidades: os terraços fluviais; vertentes; patamares de vertentes; cabeceiras de drenagem; topos de interflúvios e escarpas. E relacionada aos parâmetros para atividades extrativas dos grupos pré-coloniais: cascalheiras; pavimentos detríticos; barreiros; e corredeiras, cachoeiras e saltos, entre outras. O autor (op. cit.) também observa os respectivos potenciais de uso associados a dois tipos de grupos pré-coloniais hipotéticos, com estratégias adaptativas diferentes: caçador-coletores e agricultores. Qualquer grupo sócio-cultural no passado tinha suas próprias necessidades e escolhia seus lugares de ocupação por critérios que tivessem significados associados aos aspectos sócio-culturais.

#### **2.4 Geomorfologia e classificação da paisagem**

A espécie humana é indissociável do conjunto sistêmico e “influenciando o movimento circular das substâncias da terra” interfere no equilíbrio climático, entre a exploração biológica (biosfera: vegetação, solo e fauna) e os elementos que compõem o potencial ecológico (litosfera, atmosfera e hidrosfera) (Bertrand 1968 apud Cassetti 1995:32). O equilíbrio proposto é compreendido através das leis e dinâmicas gerais da Terra, sendo sintetizado a partir da integridade; da existência de fenômenos circulares de matéria e energia; do ritmo destes fenômenos; da existência de particularidades zonais e azonais<sup>8</sup>; e da evolução.

Se por um lado, a análise dos sistemas naturais é comandada pelas leis da própria natureza, sua apropriação pelo homem responde por intervenções que muitas vezes afetam de maneira significativa a atividade do sistema. Portanto, as propriedades geológicas convertem-se em propriedades sócio-reprodutoras (como suporte ou recurso), momento em que surgem as conseqüências ambientais (idem 31-2).

---

<sup>8</sup> “La disposición zonal se hall siempre em relación con un determinado gradiente... En relación con un elemento central a partir del cual se establece el gradiente, los paisajes aparecen en forma concéntrica, como por ejemplo los situados alrededor de um lago o alrededor o alrededor de un nucleo urbano... Las disposición azonal presenta una muy difícil clasificación, y guarda relación con los diferentes elementos abióticos y entradas de energia.” (In: Bolos 1992:54).

Assim, o estudo dos vestígios arqueológicos é compreendido como indissociável das paisagens em que se encontram os sítios, para que haja a compreensão dos processos de escolhas dos grupos pré-coloniais. O relevo terrestre é um componente da paisagem e constitui-se em recurso natural. Portanto exige ser tratado sob o enfoque ambiental e sócio-cultural. Por sua vez, o estudo do relevo, a Geomorfologia, “busca explicar dinamicamente as transformações do geo-relevo, portanto, não apenas quanto à morfologia (forma) como também à fisiologia (função), incorporando organicamente ao movimento histórico das sociedades” (idem 35).

Sob a perspectiva empírico-naturalista, o estudo das paisagens ganha destaque a partir do alemão von Richthofen (1886) e de A. Penck (1894), que tiveram referências como Goethe e Humboldt, os quais valorizaram a observação e análise dos fenômenos. S. Passarge (1912, 1921), entre outros seguidores da escola alemã, passou a utilizar o conceito de fisiologia da paisagem fundamentado na idéia de organismo, integrando abordagens da ecologia à análise geográfica. A discussão acerca da “paisagem” se desenvolveu e consolidou a partir dos estudos da geoecologia e ordenação ambiental do espaço, verificados em Troll (1932, 1939, 1959 e 1966 apud Caseti 1995:41-2). No campo da cartografia geomorfológica, as contribuições de pesquisadores da Polônia, Tchecoslováquia e URSS foram fundamentais para a análise do relevo, principalmente após a Segunda Guerra.

Com o progressivo amadurecimento do estudo da paisagem e dos estudos geoecológicos, originados e desenvolvidos a partir da sistematização da geomorfologia alemã, tem sido possível articular a natureza à sociedade. Conforme Schmithüsen (1970), “se queremos compreender a ação do homem, não devemos separar a sociedade do meio ambiente que o rodeia” (Caseti 1995:46).

As ações humanas e dos grupos sócio-culturais em geral, ao ocupar e apropriar-se de determinado espaço promovem alterações na exploração biológica, gerando gradativamente modificações no potencial ecológico (idem 49). A combinação entre o potencial ecológico, a exploração biológica e a ação antrópica, em unidade definida como geossistema por Bertrand (1968), pode se apresentar em biostasia<sup>9</sup> quando verificado o

---

<sup>9</sup> “Toda modificação do sistema processa uma alteração do estado inicial (biostasia), o que pode ser interrompida ou eliminada, proporcionando a recuperação do próprio sistema (retorno á biostasia). Caso contrário, a continuidade do esforço pode implicar a ultrapassagem do limiar de recuperação, o que

equilíbrio climático, ou ainda, quando a ação do homem implica numa alteração sensível desse equilíbrio, podendo se apresentar como um geossistema em resistasia.

*También puede detectarse en el paisaje como una misma zona ha estado sometida a funcionalidades diversas a lo largo de la historia. Áreas que en un momento determinado se abancalaron para el cultivo, actualmente se han abandonado y el bosque las ocupa... Estos cambios están, pues, em función de las necesidades socioeconómicas propias de cada época histórica (In: Bólos 1992:106).*

A compreensão do funcionamento do sistema estudado e de suas unidades de paisagem é fundamental para aproximar-se de sua complexidade. “*Solamente cuando necesitemos información sobre estructuras a escalas diferentes, nos veremos obligados a utilizar técnicas y conocimientos de las ciencias cercanas (Bolos 1992:48)*”.

*A causa de la complejidad natural de los paisajes, los estudios que pueden realizarse son diversos y, por tanto, son varias las metodologías útiles en cada caso, lo que hace difícil hablar de “la metodología del paisaje”... Cuando al científico se le presenta un paisaje determinado, lo primer que hará será reconocer sus elementos y analizar-los. Estudiará el tipo de elementos que estructuran el geossistema y sus interrelaciones. Una vez realizado el análisis de los elementos del paisaje podrá diagnosticar su estado actual, lo cual permite también clasificarlo o determinar si resulta apto para acoger alguna función específica” (In: Bólos 1992, 124-6).*

A análise dos elementos que compõem a paisagem, assim como as relações entre estes, são as primeiras etapas no estudo da paisagem. Em seguida são avaliados os dados e desenvolve-se um diagnóstico, ou uma interpretação, e a partir daí a paisagem é classificada, seja através da funcionalidade que lhe é atribuída, ou ainda de acordo com sua estabilidade (In: Bolos 2007:130-1).

Com o uso de estereoscópio na interpretação das fotografias aéreas foi possível construir uma representação das formas de paisagem. O ordenamento geomorfológico proposto por Aziz Ab'Saber (1983) serve de orientação na caracterização e descrição das formas de relevo associadas aos níveis de escala verificados nos processos que atuam e atuaram na sua transformação. A idéia fundamenta-se na interação das forças endógenas e exógenas, sendo o relevo formado a partir de suas combinações. A ação predominante na força endógena (tectônica) forma os elementos morfoestruturais que, para serem

---

responderá por uma nova situação de equilíbrio dinâmico, com características totalmente diferentes do estado inicial (resistasia). Enquanto a emissão de esforços e conseqüentemente alteração do estado do sistema (de biostasia para resistasia) acontece em um curto espaço de tempo, o processo de recuperação é bastante demorado até atingir a restauração” (Cassetti 1995:49).

interpretados, devem ser analisados a partir dos condicionantes tectônicos. As morfoesculturas correspondem ao modelado de formas geradas sobre diferentes estruturas e sob a ação dos fatores exógenos (climáticos).

A proposta de classificação geomorfológica passa pela expressão cartográfica do relevo e baseia-se nos conceitos de morfoestrutura, para as unidades maiores, e de morfoescultura para as formas e tipos de relevos contidos em cada morfoestrutura existente. A proposição de Jurandir Ross (1992) estabelece uma ordem taxonômica para o relevo terrestre, calcado em considerações de natureza conceitual, ressaltando que o estrutural e o escultural estão presentes em qualquer tamanho e forma, embora algumas de suas categorias, como tamanho, idades, gêneses e formas, sejam possivelmente identificadas e cartografadas separadamente em categorias distintas.

Desta forma, J. Ross (1990 apud MAXIMIANO 2004:89) enfatiza os aspectos geomorfológicos nos estudos e classificação da paisagem, analisando a ocupação humana a partir do uso do solo, ou seja, da apropriação da superfície do relevo. De acordo com as fragilidades do meio físico e das necessidades sócio-econômicas, como moradia e captação de recursos são orientadas a partir das dinâmicas de transformação da paisagem. Quando intensificadas pelo uso e ocupação desencadeariam transformações. E muitas das funcionalidades atribuídas a algumas áreas se alterariam no tempo histórico.

## Capítulo 3

### O entorno do patrimônio arqueológico e sua utilização

#### 3.1 O patrimônio arqueológico

Os sítios arqueológicos são segmentos importantes do patrimônio cultural brasileiro, e, desta forma, possuem uma legislação específica que visa orientar as ações de preservação deste patrimônio aos profissionais, comunidades envolvidas, e a sociedade brasileira em conjunto. Por sua vez, a divulgação das leis e das normas busca contribuir para a ampliação das percepções sociais dos procedimentos pertinentes na preservação do patrimônio arqueológico.

As leis e normas referentes ao patrimônio arqueológico<sup>10</sup> são instrumentos de ação do Estado que interferem em questões relativas à inclusão social e à qualidade de vida das pessoas. E, encontram-se permanentemente em discussão, haja vista as recomendações internacionais e a busca de uma adequação à realidade do patrimônio arqueológico nacional.

A Carta de Recomendação de Paris de 1968<sup>11</sup> destaca aspectos pertinentes da preservação dos bens culturais, entendidos como o produto e o testemunho de diferentes tradições e realizações intelectuais do passado, sendo elemento essencial da personalidade dos povos. Considera que é indispensável preservá-los e valorizá-los de modo que os povos compreendam sua significação e mensagem, contribuindo para a consciência de sua própria dignidade. Destaca, a importância da vinculação que a própria população experimenta em relação a esses bens, e ainda, que os Estados membros deveriam contribuir para a gestão deste patrimônio fortalecendo tais sentimentos através de medidas adequadas.

Quanto ao gerenciamento do patrimônio cultural, a Carta recomenda algumas medidas a serem adotadas na preservação e salvamento do patrimônio, entre elas:

---

<sup>10</sup> Segundo o art. 1º da Carta para Proteção e a Gestão do Patrimônio Arqueológico (ICOMOS/ICAHM, Lausanne 1990): “O ‘patrimônio arqueológico’ compreende a porção do patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os conhecimentos primários. Engloba todos os vestígios da existência humana e interessa todos os lugares onde há indícios de atividades humanas, não importando quais sejam elas; estruturas e vestígios abandonados de todo tipo, na superfície, no subsolo os sob as águas, assim como o material a eles associados”.

<sup>11</sup> Recomendação de Paris de Obras Públicas ou Privadas, concebida na Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultural durante sua 15ª Sessão em 19 de novembro de 1968, em Paris.

legislação; financiamento; métodos de preservação e salvamento dos bens culturais; assessoramento; e, programas educacionais. Cabe ao Estado, principalmente, estimular e fomentar o interesse e respeito pelo patrimônio cultural, divulgando-o através do desenvolvimento de programas educacionais que enfatizem a preservação patrimonial em instituições educacionais.

Também seria atribuição do Estado desenvolver ações direcionadas à conservação do patrimônio natural. Na Carta de Recomendação de Paris de 1972<sup>12</sup>, é recomendado: que se identifique, proteja, conserve, valorize e transmite às futuras gerações os bens patrimoniais. A Carta ainda sugere aos Estados membros, dentro das condições de cada país, que adotem políticas a fim de conduzir o patrimônio a uma função na coletividade e integrar sua proteção em programas de planejamento geral. Deve também implementar programas educativos que fortaleçam a apreciação e o respeito das pessoas pelos bens patrimoniais e seu entorno.

Nas recomendações da Carta de Lausanne de 1990, há ressalvas sobre a importância de uma regulamentação de procedimentos a serem adotados em projetos de desenvolvimento e ocupação do solo, a fim de evitar a destruição do patrimônio arqueológico.

As políticas de proteção ao patrimônio arqueológico devem ser sistematicamente integradas àquelas relacionadas ao uso e ocupação do solo bem como às relacionadas à cultura, ao meio ambiente e à educação. As políticas de proteção ao patrimônio arqueológico devem ser regularmente atualizadas. Essas políticas devem prever a criação de reservas arqueológicas (Cartas Patrimoniais, Lausanne 1990, art. 2º).

Através da criação da Lei Federal, número 3.924, de 26 de julho de 1961 – que trata essencialmente do controle das escavações arqueológicas e registro dos sítios

---

<sup>12</sup> Recomendação de Paris – Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, foi desenvolvida durante a 17ª Sessão da Conferência Geral da ONU em novembro de 1972, e define o patrimônio cultural como: “Os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitetura unidade ou integração na paisagem, tenham um valor excepcional do ponto de vista da história, arte, ou da ciência; os lugares notáveis: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as zonas, inclusive lugares arqueológicos, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência”.



arqueológicos<sup>13</sup> – fica proibido em todo território nacional o aproveitamento econômico e a destruição ou mutilação do patrimônio arqueológico, para qualquer fim. Fica determinada, também, a necessidade de autorização para pesquisas de intervenções pelo órgão federal encarregado da fiscalização e cadastramento dos sítios.

Entende-se como efetivo o desenvolvimento da preservação, conservação e valorização, quando na população ou comunidade que se encontra diretamente envolvida com o bem patrimonial, estiverem claros os sentimentos de pertencimento e respeito ao entorno onde se vive. Assim, a educação que enfatiza os temas patrimoniais, contribui para desenvolver uma consciência sobre os perigos da destruição e benefícios da conservação do bem patrimonial e seu entorno, de acordo com sua importância cultural.

Os inventários do patrimônio arqueológico, assim como os quadros de potenciais e fragilidades do patrimônio em seu contexto atual, promovem sua proteção e gestão, além de constituírem fontes de dados importantes para estudos científicos.

A apresentação do patrimônio arqueológico ao grande público é um meio essencial de fazê-lo ascender ao conhecimento das origens e do desenvolvimento das sociedades modernas. Ao mesmo tempo, constitui o meio mais importante para fazê-lo compreender a necessidade de proteger esse patrimônio (Cartas Patrimoniais/ Lausanne 1990, art. 7°).

A Declaração de Xi'an<sup>14</sup> sobre a Conservação do Entorno Edificado, Sítios e Áreas do Patrimônio Cultural, considera o entorno do bem patrimonial importante para sua autenticidade e atribuição de significado. A importância advém da sua percepção como o *locus* de interação do ambiente natural e aspectos sociais, através das sociedades e suas tradições culturais. Este reconhecimento possibilita o desenvolvimento de instrumentos de planejamento para a gestão sustentável do patrimônio e seu entorno, diante dos intensos processos de transformação das paisagens atuais.

A preservação do patrimônio arqueológico ganha força integrando ao seu entorno aspectos naturais e sociais. As comunidades diretamente relacionadas com o bem patrimonial e seu entorno por sua vez, se apresentam como fortes aliadas para este fim, na

---

<sup>13</sup> O texto da Lei define como sítios arqueológicos: as jazidas, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil, e os sítios, grutas, lapas e abrigos-sob-rocha, os sítios ou locais de pouso prolongado ou de aldeamentos, onde se encontram vestígios humanos e as inscrições rupestres.

<sup>14</sup> “Declaração de Xi'an sobre a Conservação do Entorno Edificado, Sítios e Áreas do Patrimônio Cultural” 2005

medida em que ocorram sentimentos de identificação com o patrimônio e a realidade da região.

É no entorno do bem patrimonial que ocorrem os conflitos de interesses entre a exploração econômica e a conservação patrimonial. As ações voltadas para conservação do patrimônio e de seu entorno, a fim de garantir sua integridade, devem estar de acordo com os anseios das comunidades envolvidas, no sentido de minimizar qualquer conflito que possa prejudicar as ações voltadas a preservação patrimonial.

### **3.2 O patrimônio pré-colonial – contexto nacional**

O patrimônio arqueológico no Brasil tem sido ignorado pela maioria da população e a destruição dos sítios arqueológicos vem ocorrendo com a contribuição do desconhecimento desses bens. Os sítios são depredados, em grande parte pela população não esclarecida, ou simplesmente por vandalismo, enquanto outros sítios desaparecem diante de demandas econômicas e mesmo de obras públicas (Morley 2000:371).

São exemplos de descaso com o patrimônio e conseqüentemente da destruição de sítios arqueológicos: as obras de grande porte, decorrentes do desenvolvimento crescente dos centros urbanos; o aproveitamento econômico em áreas de interesse arqueológico, onde os responsáveis pela destruição são muitas vezes trabalhadores rurais que “desconhecem totalmente” a existência de sítio ou materiais arqueológicos no local; e a desinformação do brasileiro sobre seu passado cultural, explícita nos atos de vandalismo, e apoiadas em fantasias de tesouros e credices associadas ao patrimônio (Morley: 2000:373). A desinformação da população contribui para o desaparecimento dos vestígios arqueológicos que poderiam ser evitados pelo simples esclarecimento dos proprietários das terras, ou por algum instrumento do poder público que os conscientizem das responsabilidades com o patrimônio cultural (Spencer 2004:13-19).

No Brasil, diante da exclusão indígena no processo de construção da história nacional, pode ter ocorrido um descaso com os sítios arqueológicos pré-coloniais, que fazem parte deste passado. As abordagens históricas no Nordeste do Brasil, ou valorizaram um passado aqui inexistente representado no culto aos clássicos, ou valorizaram as idéias de progresso e desenvolvimento, somando fatores que levariam à destruição física e ideológica da memória nativa.

Segundo a Carta de Lausanne: “o estudo da história das populações indígenas é tão importante quanto o dos monumentos e sítios prestigiosos para a conservação e compreensão do patrimônio arqueológico”. A atribuição de valor aos bens patrimoniais, justificando sua proteção, é conduzida por atores definidos e em circunstâncias específicas através de processos de construção deste patrimônio.

O reconhecimento do patrimônio nacional depende, segundo Maria Cecília Fonseca (2005), de uma ação cultural e educativa na demonstração de seu valor intrínseco. Em alguns casos se pode, inclusive, demonstrar que a população local se tornaria uma “aliada na preservação do patrimônio revelado como também (...) dar informações que levem a descobertas de outros” (Spencer:2004:18). A identificação e estudo que tornam de conhecimento público os sítios arqueológicos pré-coloniais e, inclusive, o enfoque decorrente das pesquisas, têm reflexo sobre o significado atribuído ao patrimônio.

A apreensão arqueológico-patrimonial depende de uma ação cultural mais ampla e educativa na demonstração de seu valor intrínseco. A arqueologia, através da atribuição de significado aos bens materiais, desempenha um papel político relevante à medida que fortalece certas ideologias.

A apreensão simbólica do patrimônio arqueológico nacional tem um alcance limitado. O discurso que costuma justificar a constituição do patrimônio nacional é que as políticas de preservação, atuando basicamente no nível simbólico, objetivam reforçar uma identidade coletiva, educação e formação de cidadãos. E, enquanto prática social, a proteção do patrimônio encontra-se assentada em um estatuto jurídico próprio que torna viável a gestão pelo Estado, em nome da sociedade.

(...) Política pública de preservação supõe não apenas levar em conta a representatividade do patrimônio oficial em termos da diversidade cultural brasileira e a abertura à participação social na produção e na gestão do patrimônio, como também as condições de apropriação desse universo simbólico por parte da população (Fonseca 2005:29).

As políticas de preservação do patrimônio têm como justificativa o interesse público e como objetivo, os valores culturais, sendo mais que simples proteção de bens em sua feição material. Maria Fonseca (2005) destaca a diferença existente entre os conjuntos de políticas públicas e políticas estatais. O primeiro ocorre no sentido de atividades articuladas com os interesses múltiplos da sociedade e através de mecanismos formais, enquanto que o

segundo caracteriza-se como atividade concentrada e conduzida no interior do aparelho do Estado. E nesse caso, o valor atribuído ao conjunto de bens é o valor nacional, intermediado pelo órgão responsável do Governo Federal – IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) conforme determina a Constituição Federal Brasileira para a legitimidade da identidade nacional imaginada.

Se os valores que se pretende preservar, estão no reconhecimento do bem patrimonial, os significados não estão contidos nele nem lhe são inerentes, são valores atribuídos em determinadas relações entre atores sociais, sendo, portanto, “indispensável levar em consideração o processo de produção, de reprodução, de apropriação e de reelaboração desses valores enquanto processo de produção simbólica e enquanto prática social” (Fonseca 2005:41). As políticas de preservação exigem um grau de especialização em determinadas áreas do conhecimento e, dos cidadãos, algum domínio desses códigos (Fonseca 2005).

Assim, as relações sociais mediadas por bens e relacionadas ao processo de construção de uma identidade nacional, pressupõem um consenso quanto ao valor atribuído aos bens patrimoniais que justifique, inclusive, o investimento na sua proteção. Então, para que os vestígios arqueológicos funcionem enquanto patrimônio é preciso que estes conotem determinadas significações, ou seja, que o interlocutor domine os códigos utilizados, e participe do universo cultural. Ao passo que também torna necessário que existam interlocutores dessa forma de comunicação social, seja para aceitá-la tal como é proposta, seja para contestá-la, seja, ainda, para transformá-la. No Brasil, devido ao grau extremamente restrito da participação da sociedade nas políticas de preservação, as decisões dos intelectuais costumam orientar essas políticas.

### **3.3 A importância do reconhecimento arqueológico para a sociedade brasileira**

O patrimônio arqueológico é símbolo de referência à memória coletiva, nacional ou regional, sendo bens patrimoniais que fazem parte da construção de identidades. Assim, a arqueologia, através do reconhecimento e atribuição de significado aos bens patrimoniais, desempenha um papel político-ideológico, ao passo que legitima as relações de poder, e

fortalece certas ideologias nacionais ou culturais. Ou seja, a relação entre os fatores político-ideológicos e a arqueologia se dá decorrente do fato da mesma ser uma disciplina acadêmica institucionalizada possuidora de mecanismos controladores de pesquisa (Funari 1988).

A especificidade de cada ciência humana consiste na investigação e nos meios de tratamento do objeto investigado. A arqueologia, enquanto ciência que estuda a cultura material, possui exercícios práticos e reflexões metodológicas próprias, que se encontram em desenvolvimento, caracterizando-se ciência em construção.

Como ciência acadêmica, a arqueologia tem objetivado a compreensão das sociedades humanas, através dos vestígios culturais. Para Pedro Funari (1988:09), a arqueologia “estuda os sistemas sócio-culturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade”. Os vestígios arqueológicos exercem uma função de mediação quando inseridos de uma “cultura extinta numa cultura viva”, e é o arqueólogo que os introduz novamente em outro contexto cultural em funcionamento (Funari 1988:24).

Os objetos/vestígios das culturas pré-coloniais ao se relacionarem com as sociedades contemporâneas passam a ter autonomia de sua base material, na medida em que, em qualquer sociedade, lhes são atribuídos valores e simbologias. Os vestígios culturais assemelham-se aos fragmentos de um sistema simbólico à medida que são interpretados pelo pesquisador, que os utilizaria como fragmentos de uma construção narrativa, relatando um saber sobre o qual somente dão testemunho dele (Silva 2003).

De forma geral, os intelectuais envolvidos na preservação patrimonial também exercem uma função de mediadores simbólicos, de acordo com seu posicionamento e comprometimento diante da sociedade (Fonseca 2005). “Discussões relativas ao quê conservar, em que instituição, com quais condições de acessibilidade e, ainda mais, quanto à propriedade científica do material, dizem respeito a todo um universo de mediações direcionadas por esses artefatos” (Funari 1988:25). São vestígios reintegrados pelo arqueólogo e que passam a conotar novas funções, exercendo mediações no contexto das relações sociais em que se encontram atualmente. Adquirem, assim, funções ideológicas, na medida em que podem atuar no “acobertamento de relações sociais passadas”, ou também, atuando na “recuperação do passado para uma crítica do presente” (idem: 25). Ou seja, o

exercício interpretativo ocorre através do intermédio dos vestígios da cultura material na medida em que lhes são atribuídos significados.

Pedro Funari (1988:70) chama a atenção para o universo da cultura material na compreensão do passado, pois mesmo diante da importância dos documentos escritos, estes seriam pouco acessíveis e teriam “uma significação consideravelmente menor do que a cultura material, cuja presença atinge diretamente os membros da sociedade”. Para a região Nordeste do Brasil, Walner Spencer (2004:20) dá destaque às comunidades que se encontram envolvidas com exemplos do patrimônio pré-colonial, principalmente as populações rurais vinculadas às suas tradições. Estas seriam “depositárias de [...] considerável parte do patrimônio cultural das etnias e culturas autóctones, desaparecidas ou socialmente esquecidas”.

Anna Roosevelt (apud Neves 1995:175) lembra que a ruptura demográfica e social promovida pelos processos de conquista e colonização teria contribuído para transformações na organização social e manejo dos recursos pelas populações indígenas contemporâneas, não sendo estas representativas das sociedades pré-coloniais. Por sua vez, Eduardo Neves (1995:175) chama a atenção para o fato de que foram poucos os trabalhos realizados a partir da integração entre disciplinas na construção de uma história indígena. A interpretação dos vestígios arqueológicos integrados a abordagens consagradas em outras disciplinas, como antropologia cultural e etno-história, poderia se aproximar da compreensão de uma história (de fato) indígena, a partir de suas próprias dinâmicas.

### **3.4 Processos de ocupações nos interiores do Nordeste do Brasil – reconhecimento étnico dos povos indígenas**

Manuela da Cunha (1992) mostra que, a exclusão social dos povos indígenas no processo de colonização europeia do Brasil promoveu também sua exclusão do processo de construção histórica nacional, mesmo quando estes teriam sido “atores políticos importantes de sua própria história e de que, nos interstícios da política indigenista, se vislumbra algo do que foi a política indígena” (idem: 18). As relações davam-se sob tensão opondo interesses dos europeus, envolvendo colonos, governo e missionários. Durante o primeiro governo geral do Brasil, os indígenas teriam deixado de ser os parceiros

comerciais. Logo, alteraram-se as relações comerciais com os indígenas (escambo) para empreender a utilização da mão-de-obra que desejavam para as empresas coloniais e ainda para conquistarem aliados nas lutas em conflitos internos. A partir do final do séc. XVIII e meados do séc. XIX, as políticas indigenistas teriam sido reduzidas e alterado a cobiça da mão-de-obra indígena, para suas terras e, mais recentemente, passando para o subsolo das áreas indígenas.

As sociedades indígenas contemporâneas, e mesmo antes da conquista, mantiveram intenso contato cultural com povos vizinhos, através de suas mobilidades e de suas dinâmicas. Este contato cultural criaria, segundo Claude Lévi-Strauss (apud. Porto Alegre, 1999: 40), tanto o desejo de igualdade quanto o de oposição, em que forças opostas operam, uma na manutenção das divergências e outra no sentido da convergência das afinidades.

Maria Sylvia Porto Alegre (1999:44-6) destaca a capacidade de sobrevivência de muitas etnias indígenas, mesmo diante dos conflitos vividos pelas comunidades nos sertões do Nordeste, onde o contato prolongado e a imposição de padrões culturais externos contribuíram para a perda da identidade. Nestes sertões, especialmente, a população livre e pobre de origem indígena teve oportunidade de expandir-se, favorecida pelas condições da economia regional e a base da subsistência.

Nas últimas décadas, novas pesquisas e abordagens diferenciadas têm contribuído para uma compreensão dos processos culturais dos povos indígenas antes, e durante as ações de colonização. A ocupação colonial do território, na região, caracterizou-se por movimentos sucessivos e desiguais de “experiências e negociações reversíveis de uma frente de expansão que nunca foi única, mas múltipla e complexa” (idem: 63). Estes povos que ocupam os interiores do Nordeste tornaram-se uma unidade histórica marcada pela exclusão e, regionalmente condicionada aos fatores ecológicos e ao prolongado contato com as frentes de colonização (Arruti 1995: 85).

A ocupação colonial dos sertões interiores no Nordeste seria realizada através de três estratégias sucessivas, a guerra justa, a conversão, e a mistura étnica. As estratégias da guerra eram empreendidas sob a justificativa de defesa e represália por ataques das nações indígenas hostis, e complementada com a instalação de povoações que garantiam a ocupação das sesmarias. A conversão em aldeamentos reunia os grupos indígenas que eram tidos como mão-de-obra livre e administrada pelos missionários religiosos, enquanto a

consolidação da assimilação física e cultural dos grupos indígenas no Nordeste ocorreu com as medidas pombalinas, que incentivavam e orientavam a ocupação não-indígena nos aldeamentos. Esses processos que conduziram a descaracterização cultural indígena, a partir da lei de terras datada de 1850, levaram a extinção muitos aldeamentos sob o argumento de que nestes restavam poucos sobreviventes, ocorrendo suas transferências a outros aldeamentos maiores, e conseqüentemente, a liberação de suas terras (idem: 63-6).

Os grupos indígenas no Nordeste, de forma geral, foram marcados por processos históricos e regionais de emergência étnica. João P. de Oliveira (1999:11) chama atenção para o paradoxo que surge diante das lacunas etnográficas e da historiografia no movimento dos povos indígenas do Nordeste do Brasil. Paradoxo ilustrado nas últimas décadas pelo número crescente de povos indígenas que estão organizando-se e reclamando direitos e propriedade de terra quando estes se pensam e são reconhecidos como originários e autóctones.

José Arruti (1995), em pesquisa com o etnônimo pankararu, faz uso da metáfora através da figuração vegetal, ao tratar de “troncos velhos” e “pontas de rama”. Fala da progressiva e ramificada ampliação dos processos de emergência étnica, dessa forma classificando a proximidade com as reservas de memória, de cultura e de religiosidade. A utilização do termo “enxame/enxamear” daria movimento ao sistema de metáforas no processo de emergência étnica, na medida que, “levantar uma aldeia” complementaria o esforço e a ligação entre um grupo aos pólos “troncos” e “ramas” (idem: 77-81). A análise desenvolvida a partir dos sobrenomes (etnônimo) das famílias indígenas corresponderia às etnias que participaram historicamente, deste processo de identificação étnica, onde cada uma guarda seu significado na memória, “guardar esses sobrenomes significou poder constituir uma unidade política e social sem precisar apagar os germes da diferença” (idem: 79).

O sentimento de pertencimento à família/etnônimo ganharia força e sentido por meio de experimentação mística e coletiva através do ritual do toré à ancestralidade. O desenvolvimento da religiosidade dos grupos indígenas no Nordeste e os levantamentos de aldeias seriam atos coletivos, políticos, de invenção cultural e projeções do futuro, e retomada do passado (idem: 83-4). A emergência étnica para os grupos indígenas no



Nordeste explica-se através do seu aspecto simbólico, buscando o que ela significa para os que vivenciam em seu sistema de relações e pontos de comunicação a outras emergências.

### **3.5 A ocupação das paisagens semi-áridas no Nordeste brasileiro**

O aspecto climático do semi-árido regional, muito quente e sazonalmente seco, é determinante na configuração das paisagens sertanejas. O sistema hidrográfico autóctone<sup>15</sup> é dependente das chuvas sazonais que apresentam seqüências irregulares ao longo dos anos, intercalando longos períodos de secas trágicas para a vida no bioma da caatinga.

Durante o período de estiagens, o nível do lençol freático aprofunda e as águas dos rios passam a alimentar o lençol, secando conseqüentemente. Todavia, todos os rios da região, mesmo intermitentes, chegam ao mar, contribuindo para evitar uma salinização excessiva e prejudicial dos solos drenados.

A formação litológica de algumas áreas (como os conhecidos “altos pelados”) desfavorece a formação de solos, contribuindo para a aridez da paisagem. Em outras áreas, são marcantes os morros do tipo *inselberg* – referência na imensidão de colinas – assim como, locais conhecidos por apresentarem conjuntos de matacões graníticos, onde se desenvolvem espinheiros facheiros entre as rochas.

A terminologia popular, bastante arraigada no interior do Nordeste, abrange aproximadamente toda a tipologia proposta pelos cientistas. Usa-se a expressão ‘sertão bravo’ para designar as áreas mais secas e subdesérticas do interior nordestino. Aplica-se ‘altos sertões’ às faixas semi-áridas rústicas e típicas existentes nas depressões colinosas de todos os ambientes sertanejos. Enquanto as áreas semi-áridas moderadas, dotadas de melhores condições de solo e maior quantidade de chuvas de verão, recebem expressivos nomes: caatinga agrestadas ou agrestes regionais. As faixas típicas de transição entre os sertões secos e a Zona da Mata nordestina têm o nome genérico de agrestes, passando a matas secas. Existem razões para afirmar que a maior parte dos agrestes foi recoberta por caatinga arbórea, entremeada ou não por matas secas (Ab’Sáber 2003:89).

A população sertaneja conhece as potencialidades de cada espaço, isto porque se encontra vinculada a uma cultura de longa maturação. Porém, mesmo adaptados à vida

---

<sup>15</sup> Segundo Aziz Ab’Sáber (2003:92): “entende-se por autóctones todos os rios, riachos e córregos que nascem e correm no interior do núcleo regional principal de semi-aridez do Nordeste brasileiro, em um espaço hidrológico com centenas de milhares de quilômetros quadrados”.

rústica nos sertões, os moradores não suportam os longos períodos de estiagem, que geram miséria e fome às famílias, provocando o êxodo populacional.

No vasto território dos sertões secos, onde imperam climas muito quentes, chuvas escassas, periódicas e irregulares, vivem aproximadamente 23 milhões de brasileiros. Trata-se, sem dúvida, da região semi-árida mais povoada do mundo. E, talvez aquela que possui a estrutura agrária mais rígida na face da Terra. Para completar o esquema de seu perfil demográfico, há que sublinhar o fato de se tratar da região de mais alta taxa de fertilidade humana das Américas. Uma região geradora e redistribuidora de homens, em face das pressões das secas prolongadas, da pobreza e da miséria (idem: 92).

No processo de colonização houve períodos de grandes secas em que grupos indígenas das regiões dos Cariris Velhos, dos agrestes e sertões interiores viram-se obrigados a dirigirem-se para a costa, como se verificou nos anos de 1583, 1603, 1614, 1645 e 1692. Segundo Joaquim Alves (apud Ab'Sáber 2003:96), os sertões eram domínio dos grupos indígenas até a primeira metade do século XVII, enquanto que a ocupação portuguesa foi lenta e efetivada com a inserção da pecuária na caatinga.

Os colonizadores buscavam explorar as potencialidades das serras úmidas, investindo em pequenas áreas mais úmidas com florestas tropicais, muitas vezes, a partir da introdução da cana-de-açúcar em diferentes tipos de brejos. “Ribeiras, agrestes e serrinhas úmidas ficaram sob a mira e o assédio dos colonizadores”. Estes fatos, associados aos períodos de estiagens do final do século XVII, levaram a um grande conflito pelos recursos destas áreas mais úmidas. Os grupos indígenas, “cientes de que seus espaços de vivência e sobrevivência estavam completamente ameaçados, tentaram um último e desesperado lance de resistência. Fizeram parcerias, tornaram-se confederados” (idem: 97).

No decorrer do século XVIII, com novos contingentes, pode-se retomar a colonização de grandes áreas nos sertões. A criação de espaços agrários nos brejos de cimeira, brejos pé-de-serra e uso extensivo dos brejos e vazantes dos vales e ribeiras ocorreu associado a incorporação da mão-de-obra indígena e sua miscigenação. Além destas áreas se caracterizarem pela produção variada de alimentos, passaram a diversificar ainda mais, suas produções: “rapaduras, aguardentes, fubás e, eventualmente, pedaços de rústicos queijos do sertão. E logo uma grande variedade de confecções simples, relacionadas com a necessidade de vestuário” (idem: 98). A comercialização dos mais

diversos produtos em feiras nos sertões levou ao crescimento de cidades que funcionam como capitais regionais do Nordeste Seco e um relativo desenvolvimento para a região.

A expansão de uma rede rodoviária nos sertões do Nordeste, na qual o clima seco obtém uma maior conservação, proporcionou alguns sucessos à medida que pode “vincular o processo de construção de estradas a criação de frentes de trabalho como solução emergencial para evitar o desenraizamento de populações e atender às necessidades do povo sertanejo por ocasião das grandes secas” (idem: 99). Por sua vez, a construção de reservatório de água para o abastecimento das cidades fez parte de projetos governamentais a favor da população e economia regional. Porém existem vicissitudes e falhas sociais nestes projetos de acordo com as desigualdades de acesso aos recursos.

### **3.6 As utilizações atuais no entorno do patrimônio arqueológico**

O entorno dos sítios arqueológicos está exposto à apropriação e ao uso dos grupos humanos há séculos. Atualmente, através das grandes obras que acarretam a aceleração dos processos de transformação das paisagens, a apropriação e degradação têm sido intensa. Portanto a preservação do patrimônio arqueológico se relaciona a estes processos que atuam sobre a superfície do relevo, principalmente àqueles ligados à degradação das rochas onde se encontram os grafismos rupestres.

Os sítios e vestígios arqueológicos identificados e valorizados caracterizam-se como patrimônio, e sua preservação é fundamental para que se conservem os elementos sócio-culturais representativos dos grupos do passado. O crescimento urbano tem implicado em transformações intensas e não previstas na paisagem, levando à limitação da disponibilidade dos recursos significativos, ou até mesmo seu esgotamento. Intervenções de médio e grande porte, como construção de barragens e estradas, quando devidamente acompanhados por um profissional competente podem levar à identificação de sítios arqueológicos, caso contrário, danificá-los e, possivelmente destruir por completo o patrimônio arqueológico.

No entorno do conjunto de lagoas formadas sobre os afloramentos rochosos observa-se o uso intenso de água para abastecimento (foto 05). Muitas famílias locais se dirigem a elas para a realização das atividades domésticas que requerem água,

principalmente para lavar roupas e para abastecer as casas. De maneira semelhante, se observam nesse local algumas construções de casas sobre os lajedos. A construção de casas sobre estes afloramentos é inadequada, uma vez que deveria ser prevista a construção de fossas sanitárias, já que não há rede de saneamento. Observam-se também muitos animais sobre as lajes de granito e, durante as chuvas, muitos dejetos sobre elas são carregados para os reservatórios, tornando a utilização da água bastante restrita.

Algumas áreas de afloramentos rochosos têm sido visadas pela exploração de granito. Observam-se nas áreas próximas aos sítios Peri-Peri I e II e Lagoa Uricaca a extração do granito róseo (mais valorizado), e do granito comum (utilizado na pavimentação pública). O sítio Peri-Peri I está sob ameaça, uma vez que a extração de granito chegou ao lado do matacão do sítio e seu entorno encontra-se totalmente transformado (foto 06). No entorno do sítio Lagoa Uricaca, na zona urbana de Alagoinha, há extração de granito, utilizado na pavimentação (foto 07).

Nos locais onde há fontes de água permanentes, de acordo com sua importância para as populações próximas, como a fonte do Padre Cícero, no alto Ipanema, e a fonte no entorno da Toca da Bica, foram construídos reservatórios que mesmo nas estações mais secas há presença de água. Assim, na fonte do Padre Cícero foi construída uma canaleta que leva a água a dois pequenos tanques e dali drena pela encosta até o rio Ipanema (foto 08). O local apresenta um abrigo sob rocha e em seu entorno há uma grande diversidade de plantas da caatinga, inclusive frutíferas e outras exóticas, porém as intervenções neste local não permitem a observação de uma ocupação mais antiga. No entorno do sítio Toca da Bica (foto 09) a fonte encontra-se em local rebaixado, próximo ao serrote do Barbado, onde foi construído o reservatório de fácil acesso para a população que busca abastecer-se através de tonéis carregados principalmente por carroças.

A construção de uma escada de acesso ao Parque da Pedra Furada facilitou o acesso ao sítio arqueológico, permitindo que aumentasse o número de visitantes, conhecendo estes lugares significativos para a sociedade em geral. Entretanto, em alguns casos a visitação em larga escala apresenta problemas difíceis de serem contornados pela preservação patrimonial. O sítio da Pedra Furada teve grande parte de seu painel rupestre depredado por atos de vandalismo expressos nas pichações (foto 10). A depredação do sítio teve início a partir da iniciativa de valorização do espaço do Parque, o que sem o acompanhamento

adequado aos visitantes permitiu que ignorassem o patrimônio arqueológico por completo, privando os outros cidadãos de verem os grafismos. A Pedra Furada apresenta uma precária infra-estrutura voltada para visitação, com apenas uma guarita e um vigilante.

Os sítios nos quais se observam pichações sobre os painéis rupestres são aqueles mais visitados pela população. O sítio da Pedra da Buquinha I, sem nenhuma infra-estrutura, costuma receber também muitas pessoas durante momentos de lazer, e onde já se observam algumas pichações sobre os painéis com as pinturas.

Outros usos do entorno aos sítios arqueológicos encontram-se relacionado às práticas e costumes da população local. São intervenções de menor porte e que acarretam transformações ao longo de muitos anos de marcante utilização dos recursos do entorno. Como muitos sítios encontram-se localizados em áreas cultiváveis, estão expostos às formas de utilização dos solos. As queimadas são utilizadas com frequência como técnica para limpar o terreno antes de ará-lo (foto 11). Tais queimadas próximas dos sítios aceleram o processo de degradação das rochas além de danificarem os grafismos rupestres.

A exposição dos solos após a ação do arado permite a visualização de elementos que estavam sob a superfície, como vestígios materiais. Estes elementos podem facilitar a identificação de sítios arqueológicos a céu-aberto. Quanto aos vestígios arqueológicos depositados junto aos sedimentos, o continuado cultivo destes solos a cada ciclo de produção leva ao deslocamento destes materiais. Faz-se evidente a necessidade de empreender projetos específicos na identificação e prospecção sistemáticas de sítios arqueológicos na região.

Nas encostas observadas principalmente nas áreas de depressão, onde ainda há formação vegetal de médio porte, observa-se a derrubada da caatinga em função da comercialização do carvão. No entorno da Pedra Furada há alguns fornos utilizados para a queima das madeiras do entorno para o preparo do carvão (foto 12).

Já em alguns locais específicos, e principalmente em abrigos, o processo de deposição tende a predominar. No sítio Pedra da Velha Chiquinha, entre outros locais, houve provavelmente a conservação de vestígios arqueológicos a partir de sedimentos externos ao abrigo e que foram carreados para o seu interior.

A conservação da vegetação no entorno dos sítios e dos blocos rochosos contribui para a diminuição do gradiente térmico, que é amplo e favorece a desagregação da rocha no

semi-árido. No entorno de outros sítios, onde não se utilizam os solos para cultivos, principalmente em vertentes mais íngremes, observa-se que a vegetação se desenvolve bloqueando passagens e tornando o acesso a alguns lugares bastante complicado. Os sítios da Pedra da Caveira e Jardim III são exemplos destes locais, situados no vale do Ipanema que, de maneira geral, apresenta suas encostas cobertas por vegetação de médio e grande porte. O vale apresenta um uso equilibrado da população local, baseado na extração de recursos da caatinga, principalmente de espécies frutíferas e, em especial o caju e a castanha, e da captura de pequenos animais, entre eles o mocó – o mais apreciado. Nas áreas mais baixas do vale e em patamares nas encostas, reserva-se espaço para o cultivo de alguns produtos para subsistência (milho, mandioca, feijão), e criação de pequenos animais de criação, entre cabras e galinhas.

Nestas paisagens de mata conservada ao longo do alto Ipanema há alguns acampamentos de grupos indígenas relacionados aos Xucurus, que possuem uma área territorial localizada mais a norte no município de Pesqueira/ PE. Inclusive há um local na margem direita do rio que se reserva à prática do Toré, ritual que tem ocorrido a cada 15 dias, ao lado de uma barragem, próximo do sítio Pedra da Velha Chiquinha. A área circular com cerca de 20m de diâmetro encontra-se entre algumas árvores e se caracteriza pela ausência de folheiro sobre o chão (foto 13).



Foto 05: Lagoa que serve como reservatório para abastecimento de água à população de Alagoinha – entorno do Sítio Lagoa Uricaca (Luiz Barreto).



Foto 06: extração de granito no entorno do sítio Peri-Peri I (foto: Luiz Barreto)



Foto 07: extração de granito no entorno do sítio Lagoa Uricaca (foto: André Proença)

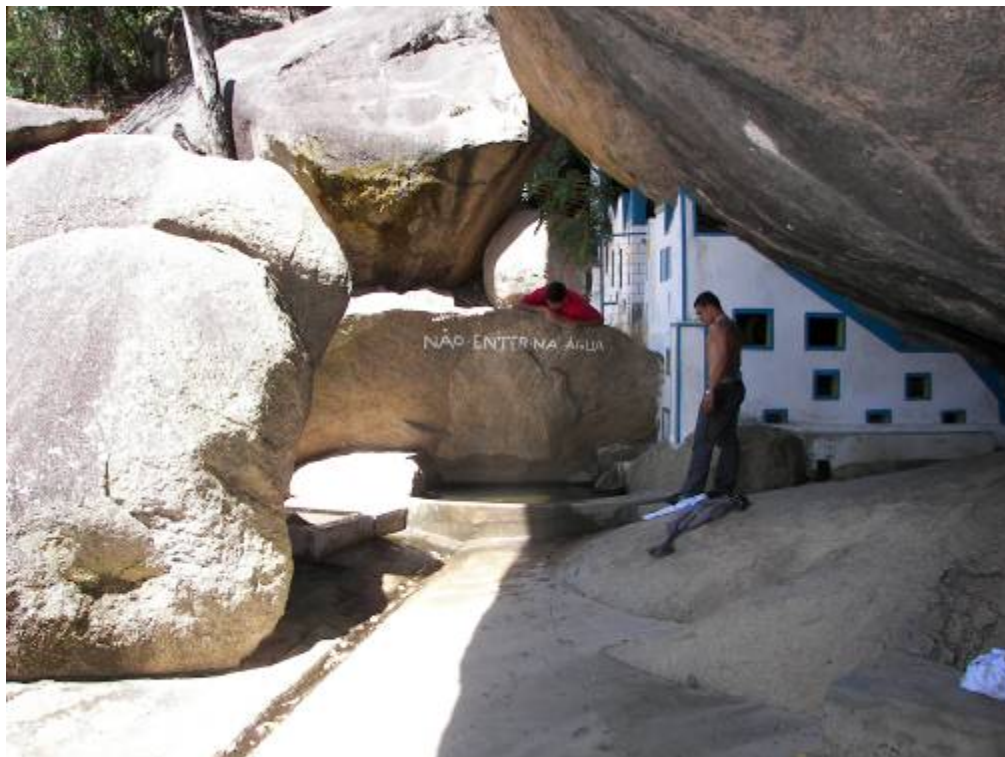


Foto 08: Fonte do Padre Cícero (foto: Lucy)





Foto 09: Bica, à esquerda e Toca da Bica, no fundo à direita (foto Luiz Barreto)



Foto 10: Painel gráfico pichado – Pedra Furada (foto: André Proença)



Foto 11: Terreno sendo preparado para o cultivo com utilização do fogo – entorno do sítio Toca da Bica  
(foto: Luiz Barreto)



Foto 12: Forno utilizado na queima para o preparo do carvão – entorno do sítio Pedra Furada  
(foto Luiz Barreto).



Foto 13: Área reservada à prática do ritual do Toré, próximo do acampamento indígena – entorno da Pedra da Velha Chiquinha/ vale do Ipanema (foto: Luiz Barreto).

## Capítulo 4

### Os vestígios arqueológicos nas paisagens em estudo

#### 4.1 As formações de paisagens

##### 4.1.1 Planalto

No interior do Nordeste brasileiro, a oeste da área estudada, se eleva o planalto da Borborema, erguendo terras e grandes formações rochosas. Este planalto é caracterizado por sua topografia elevada e que, entre maciços residuais, como os de Garanhuns e Taquaritinga do Norte, entre outros, é predominantemente plana, com poucos acidentes no relevo (foto 14). A *Serra do Buco*, como é chamada na região, é constituída pelas escarpas do planalto, e divide duas bacias de drenagens: na porção oeste a unidade de planalto encontra-se drenada por rios que compreendem a bacia do Liberal e do Ipojuca; enquanto que os rios que drenam para a bacia do Ipanema passam pelos vales e depressões no centro e leste da área de estudo.

Na área correspondente ao planalto da área de estudo (fig. 04), ocorre a formação de solos arenosos que contribuem para infiltração das águas e diminui o escoamento na superfície do terreno (foto 15), favorecendo assim o intemperismo das rochas em sub-superfície, e abastecendo, assim o lençol freático. Durante um período intenso de chuva predomina o escoamento superficial que promove grande transformação ao carrear materiais grosseiros pela superfície do terreno até áreas mais rebaixadas.

Ao longo das drenagens a vegetação da caatinga encontra as melhores condições para suas formações arbóreas de elevado docel. Estas áreas do planalto irrigadas por riachos que proporcionam micro-clima mais ameno, são conhecidas como brejos de altitude, entretanto a maior porção das áreas de planalto apresenta uma vegetação basicamente formada por espécies de pequeno porte, que durante os predominantes meses de estiagens se apresentam secos durante os meses de chuvas.

O planalto se encerra nas áreas escarpadas, em vertentes íngremes até as áreas mais baixas das depressões (foto 16), onde os processos de transformação ocorrem de acordo com a gravidade, e principalmente associados às chuvas – quando os deslizamentos de

massa deixam tanto cicatrizes nas escarpas e, conseqüentemente, depósitos coluvionares. Nestas encostas há pouca formação de solo e predominam afloramentos rochosos entre paredões e grandes blocos. Assim, a vegetação também é rara, e desenvolve-se entre as rochas. Predominam algumas espécies de cactáceas, entre outras plantas próprias do clima semi-árido.

#### **4.1.2 Depressão periférica**

A depressão periférica corresponde às áreas mais rebaixadas da topografia, a sudoeste da área de estudo (fig. 04), onde emergem grandes afloramentos rochosos e *inselbergs*, isolando áreas mais rebaixadas, aplainadas e intensamente erodidas (foto 17). Os *inselbergs* são enormes afloramentos rochosos com pouco ou nenhum recobrimento vegetal (foto 18).

No Semi-árido um dos principais agentes de transformações da superfície provém das enxurradas que ocorrem em um pequeno período do ano. Estes eventos fazem com que as águas escoem pela superfície, composta em grande parte por afloramentos rochosos ou solos rasos, transportando sedimentos com grande competência, e depositando-os de forma grosseira nas áreas baixas. As águas pluviais escoam sobre as rochas e atingem os patamares mais baixos, que são erodidos e têm seus sedimentos, outrora depositados, carregados pela força das águas. Há marcas destes processos de ravinamento nos patamares baixos de sedimentos ainda não consolidados próximos do sítio Pedra do Sítio do Donato (foto 19).

A contração e a dilatação das rochas expostas às mudanças diárias de temperatura no Semi-árido provoca movimentos mecânicos na rocha, que em cada mineral que a compõe é diferenciado, e durante longo período de atuação leva a fissuras na rocha que contribuem para seu desgaste. O intemperismo físico da rocha é constante nestas regiões, tendo em vista que os climas mais áridos tendem a ter uma grande amplitude térmica.

Os patamares da depressão próximos às escarpas do planalto têm uma formação de solo razoável, originária dos movimentos de massa e depósitos coluvionares. Nas áreas localizadas próximas às quebras do relevo, entre as vertentes íngremes e os patamares mais baixos, há o desenvolvimento de vegetação com docel mais elevado, assim como ao longo das pequenas calhas de drenagens observadas. A vegetação arbustiva desenvolve-se

principalmente onde se encontram os depósitos sedimentares, enquanto que sobre os afloramentos rochosos desenvolvem-se as espécies de cactáceas e epífitas, entre outras espécies da caatinga.

De acordo com o desnível entre as áreas rebaixadas da depressão e a característica de infiltração e percolação de águas no lençol freático no planalto, ocorrem minadouros de água subterrânea nos locais mais rebaixados, principalmente naqueles onde há fendas geológicas e/ou planos de descontinuidade.

### **4.1.3 Vales fluviais**

Na área de estudo se destacam duas formações de vales fluviais relacionadas aos rios dos Bois e Ipanema (fotos 20 e 21). O primeiro tem nascentes e cabeceiras de drenagens nos planaltos ao norte e centro da área de estudo, passando pelas áreas de depressão periférica à leste, onde encontra o rio Ipanema. Este por sua vez se localiza a nordeste da área de estudo e tem suas nascentes nos planaltos ao norte, além da área de estudo (fig. 04).

Os vales são unidades de relevo marcadas pelas dinâmicas fluviais, que têm erodido de forma intensa e principalmente ao longo das linhas de falhas geológicas, durante milhares de anos. As encostas íngremes têm recuado através de processos erosivos de desgaste, transporte e deposição dos sedimentos, sendo estes, transferidos de amontante para jusante com o auxílio das águas fluviais.

Nestas regiões, durante os meses de estiagem o lençol freático se aprofunda e os sedimentos se depositam ao longo da calha de drenagem. Assim, o desgaste das rochas passa a ser orientado principalmente pelos movimentos de dilatação e contração térmicas das mesmas, e pela gravidade que atua nos processos de transporte e de deposição grosseira dos sedimentos.

Os movimentos de massa assim como os depósitos de colúvios observados nestas vertentes íngremes dos vales relacionam-se aos poucos eventos de precipitação, quando águas escoadas pelas encostas promovem marcas destes movimentos de transporte rápido e deposição. Depósitos aluvionares por sua vez, são encontrados ao longo das drenagens, principalmente onde a correnteza das águas perde sua competência de transporte de sedimentos.

Nos vales a umidade pode ser conservada ao longo da calha de drenagem proporcionando uma formação de vegetação que permanece verde por longo período (foto 22). Há formação de matas de galerias nas margens dos rios, entretanto nas vertentes íngremes, que caracterizam o vale, se destaca a vegetação baixa de acordo com a pouca ou inexistente formação de solo. Tais características dão as áreas de vale uma grande diversificação de recursos vegetais, e quiçá da fauna.

## **4.2 Os sítios arqueológicos**

### **4.2.1 Pedra Furada**

Na porção ocidental do planalto da Borborema existe uma concentração de vestígios arqueológicos, principalmente no entorno de uma das formações de maior destaque nas paisagens da área de estudo. A formação rochosa da Pedra Furada se destaca no horizonte da depressão existente ao longo da Serra do Buco, onde pequenos riachos intermitentes drenam entre grandes formações rochosas (foto 23).

O sítio da Pedra Furada localiza-se na área de um parque municipal em Venturosa (foto 24) e pode ser visto da maioria dos sítios arqueológicos do entorno. É conhecido pela população por causa da sua grande amplitude visual, e pela presença de variados grafismos rupestres, apresentados em diversos painéis gráficos. O acesso ao sítio da Pedra Furada se dá por estrada até a entrada do Parque, e é necessário subir por trilha até seu cume.

(...) sugere um imenso arco livre, tendo sua face oeste, coberta de pinturas em vermelho, onde aparecem grafismos puros, de composição e de ação, com antropomorfos, zoomorfos e desenhos esquemáticos (...) As pinturas estão situadas em ambos os lados do mesmo arco, divididas em quatro painéis (Aguiar 1986:79).

O sítio compreende um abrigo formado pelo arco rochoso característico da Pedra Furada. Dos locais próximos às pinturas, onde o abrigo é mais baixo, se vê os melhores lugares abrigados do vento, que é constante no alto da Pedra Furada. A área sob o arco que envolve os painéis gráficos apresenta sedimentação grosseira oriunda da desagregação mecânica da rocha. A sua formação rochosa particular fornece área protegida do sol e chuva, porém não possui fonte de água no alto.

Assim como o sítio da Pedra Pintada, que se situa nas áreas de planalto, o sítio da Pedra Furada é característico da variedade pontuada da sub-tradição Cariris Velhos. A pesquisadora Alice Aguiar (1986) definiu quatro painéis que se situam no lado direito do arco (sudoeste). Exceto o painel 01, que possui 9,3m de largura por 1m de altura que foi elaborado através da técnica com os dedos, nos painéis restantes foram utilizados pincéis (idem: 80) (foto 25).

No sítio da Pedra Furada há vários grafismos de composição dos quais destaca-se um painel com 3 antropomorfos e dentre estes uma figura humana indicando gravidez e provável rito de fertilidade – painel 04 (foto 26). É possível que não somente este painel, e sim todo o local de ocupação pré-colonial do sítio possua uma conotação simbólico-ritual.

Acredita-se que a ocupação neste sítio esteja relacionada com seu potencial de visibilidade. O local proporciona amplo campo de visão para oeste e leste, com vistas para os sítios situados no entorno, como Toca dos Marimbondos, Pedra do Pote, Pedra do Sítio do Donato, Toca da Bica, entre outros, possivelmente.

#### **4.2.2 Toca dos Marimbondos**

Em áreas rebaixadas e relativamente planas das depressões periféricas são vistos conjuntos de matacões e blocos rochosos, nas quais os processos de desgaste da rocha e transporte de sedimentos possibilitaram a formação de pequenos abrigos rochosos formados sob estes blocos e matacões.

O acesso ao sítio se dá pela estrada que leva à Pedra Furada, da qual é possível vê-lo a 50m de distância (foto 27). O sítio Toca dos Marimbondos é formado por um conjunto de blocos que proporcionam um amplo abrigo com cerca de 80m<sup>2</sup>, onde se observa o processo de transporte de sedimentos de fora do abrigo para seu interior. As intempéries nas rochas do abrigo também contribuem para sua formação sedimentar.

Os dias de sol são predominantes no semi-árido, de forma que, para aquele que se desloca nestas paisagens, a presença de sombras nos abrigos da rocha proporciona conforto térmico, eliminando a necessidade de construir abrigos. Assim como, durante os curtos períodos de chuvas, estes lugares abrigados se mantêm secos, servindo de abrigo durante todo o ano. O fato de não haver registros de aldeias e abrigos construídos na área de estudo, relativos ao período pré-colonial, não significa que estes não existiam.



O sítio fica próximo do Rio dos Bois e do sítio Peri-Peri, numa distância de cerca de 1,5km, e a meio caminho destes e a Pedra Furada. É provável que as ocupações verificadas a partir dos vestígios identificados, entre grafismos em pintura e fragmentos de potes cerâmicos remetam a escolhas relacionadas com a oferta do abrigo e a possibilidade de uma permanência relativamente duradoura, de acordo com a inexistência de água no entorno e a necessidade de captação de água em outros locais.

O sítio Toca dos Marimbondos é caracterizado por grafismos puros. Em um painel de 0,8m de altura e 0,3m de largura há linhas paralelas pintadas em vermelho e círculo concêntrico. O painel é pouco visível devido à fuligem de fogueiras e manchas de penetração de umidade no suporte rochoso utilizado para as pinturas (foto 28). Foram observados fragmentos cerâmicos na superfície do sedimento do abrigo, entre os quais se destacam duas variações da face externa das vasilhas, um fragmento liso e outro listrado. Estes vestígios estavam dispersos na superfície, junto a carvões e outros vestígios da microfauna, como roedor e gastrópode (foto 29).

O que se destaca no sítio é a sua localização estratégica, pois este fica próximo ao Rio dos Bois e seu vale, representando grande potencial de captação de recursos no vale. O sítio está localizado em uma área relativamente plana, em um patamar mais elevado que o entorno, de maneira que para sul se pode ver, a 500m de distância, uma formação rochosa que naturalmente tem a capacidade de reservatório de água, e para sudeste, a pouco mais de 2 km, é se vê a formação da Pedra Furada.

### **4.2.3 Pedra do Pote**

As encostas das formações rochosas nas depressões à margem esquerda do vale do Ipanema e seus afluentes, proporcionam uma ampla visibilidade. Muitas destas encostas, na área de estudo, apresentam paredões íngremes, o que não favorece a ocupação, mas também apresentam vertentes menos íngremes com presença de grandes blocos, que neste caso, facilitam a ocupação, inclusive podendo oferecer pequenos abrigos, enquanto outros atraem as atenções pelo tamanho e/ou forma excêntrica.

O sítio da Pedra do Pote fica em um bloco sobre um lajedo, e em sua face sudeste ocorre a formação de um abrigo com cerca de 2m de altura, 5m de comprimento e 2m entre

a linha de goteira e a rocha (foto 30). No local não ocorre sedimentação e existe pouca vegetação sobre o lajedo.

Embora o sítio não apresente sedimentação em seu entorno, o pequeno patamar onde se encontra permite que um grupo de indivíduos permaneça junto neste local. O sítio fica entre uma densa formação de caatinga arbustiva e secundária, e não há trilhas que conduzam a ele, assim a maneira mais fácil de se chegar ao local é a partir do sopé da Pedra Furada, próximo ao acesso do Parque Municipal. A Pedra do Pote é vista da Pedra Furada e vice-versa.

O sítio arqueológico se caracteriza por pinturas em vermelho, que ficam em uma área mais protegida das intempéries, utilizada para suporte do painel gráfico. Há neste painel grafismos puros como círculo e linhas perpendiculares alinhadas (como “x’s”) (foto 31), e duas figuras antropomorfas, dos quais uma foi representada com traço indicando o prolongamento do braço. Estes grafismos compreendem um painel com 1,2m de altura e 1,5 de comprimento.

O local do sítio parece apresentar uma posição estratégica e, além disso, está muito próximo à Pedra Furada. Seu campo de visão abrange as depressões onde drenam o rio Ipanema e seus afluentes, as encostas à direita do rio e a face oeste do arco da Pedra Furada para o sul, e as áreas mais baixas a oeste, na direção da cidade de Venturosa (foto 32). Da Pedra do Pote há caminho para as áreas do vale do rio dos Bois – importante recurso hídrico, e também piscoso durante os poucos meses chuvosos.

#### **4.2.4 Pedra do Sítio do Donato**

Sabe-se que durante o período pré-colonial a vegetação era mais conservada do que atualmente, o que contribuiria para a conservação da umidade, prolongando a drenagem nos cursos d’águas e provavelmente amenizando as mudanças bruscas de temperatura. Nos pequenos vales, formados entre grandes estruturas rochosas como a Pedra Furada e o serrote do Barbado, a existência de grandes desníveis favorece o surgimento de minadouros de águas subterrâneas.

A Pedra do Sítio do Donato se situa em um patamar próximo 200m do curso de um riacho, onde atualmente há um açude com um represamento construído no leito de

drenagem (foto 23). O entorno do sítio é caracterizado pela encosta da Pedra Furada, e pelos patamares aluvionares do riacho próximo.

O sítio é caracterizado por pinturas em vermelho em um painel com 6m de largura e 3m de altura. Entre seus grafismos, predominam os puros com um universo simbólico particular representado por traços elaborados em um contorno e por traços paralelos sem contorno (foto 33). Também foram observados pontos alinhados, e a representação de um lagarto, único grafismo de composição. Pontos alinhados feitos com os dedos também são verificados nos sítios da Pedra Pintada, Pedra Furada e Barbado.

O bloco apresenta um estreito abrigo, com até 2m de altura, 5m de comprimento e 1m da linha de goteira à rocha. Este abrigo fica ao lado das pinturas que também estão protegidas do intemperismo pela forma do bloco. A sedimentação é grosseira, com tamanhos variados desde pequenos cascalhos a grãos menores e não há mais vestígios culturais na superfície do sedimento.

O sítio arqueológico Pedra do Sítio do Donato fica em um bloco rochoso que contém os grafismos no sopé do serrote da Pedra Furada, onde passa um caminho ao lado utilizado atualmente por moradores da localidade (foto 34). Fato este que indica uma fluidez no entorno do sítio. É possível que a ocupação arqueológica neste local esteja associada aos recursos provenientes do entorno relacionado com o riacho, que sem dúvida, possibilitaria uma ocupação mais prolongada nestas paisagens.

#### **4.2.5 Do Barbado**

O modo de vida e subsistência dos grupos pré-coloniais na região não é conhecido, assim também não se sabe como estes utilizavam os recursos naturais. Entretanto sabe-se que os recursos de água são elementares para a sobrevivência humana e é certo que outros fatores também eram fundamentais durante o processo de ocupação da paisagem.

Na base do Serrote do Barbado há a formação de uma pequena barragem de água natural condicionada por um processo de sedimentação basicamente argilosa, que pode ser utilizada para captação de barro (foto 35). O sítio do Barbado fica a 50m do mesmo barreiro e apresenta fragmentos de potes cerâmicos na superfície do solo (foto 36), os quais, assim como os observados nas escavações empreendidas nos sítios Peri-Peri I e Pedra do Letreiro levam a crer que depósitos de argila atraíam as atenções daqueles que produziam

vasilhas cerâmicas. Não há informações de que os grupos pré-coloniais praticavam a agricultura, ou outra forma de produção de alimentos nesta região, mas é certo que desenvolveram algum processamento de alimentos coletados ou produzidos em vasilhas cerâmicas.

O sítio do Barbado apresenta uma grande concentração de pinturas rupestres em painéis compartilhados através de um universo simbólico particular (foto 37 e 38). Os painéis são caracterizados por uma variedade de grafismos nas cores branco, amarelo, preto, e tons variados do vermelho que parecem ter sido pintados em diferentes vezes onde se verifica uma constância nos motivos e técnicas de representação.

De acordo com a concentração de vestígios estes foram divididos em 03 painéis, apresentados de leste para oeste, da seguinte forma: painel 01 com 4m de largura e 2m de altura; painel 02 com 5m de largura e 3m de altura; e o painel 03 com 3m de largura e 2m de altura.

As pinturas estão concentradas em uma das faces do abrigo formado em todo perímetro do bloco rochoso, onde há locais com sedimentação (foto 39). O abrigo, na face norte do bloco, possui as paredes internas preenchidas por pinturas, e mede aproximadamente 15m de comprimento, de 2 a 3m da linha de goteira à rocha, e altura variável entre 1 e 3m. Nesta face, sobre a superfície dos sedimentos do tamanho arenosiltiloso, foram observados 04 fragmentos cerâmicos entre pintados e lisos. Na face sul do bloco, o abrigo possui 18m de comprimento, de 2 a 4m da linha da goteira à parede do abrigo, seu teto tem altura entre 1,5 e 3m, e, próximo a rocha, onde ocorre maior sedimentação reduz para 0,5m de altura.

O acesso ao sítio se dá a partir da estrada do Barbado, de onde se vê a vegetação do entorno do barreiro e do sítio em um patamar mais elevado. É possível que o local do sítio tenha sido escolhido pelos grupos pré-coloniais da região por favorecer o pouso, uma vez que há formação de abrigo natural. Ao lado do sítio há um bloco de rocha de onde se tem um amplo campo de visão, desde a formação da Pedra Furada, às cabeceiras de drenagem que formam o riacho entre a Pedra Furada e o serrote do Barbado na direção norte, até o vale do rio dos Bois, distante apenas 02km.

#### 4.2.6 Toca da Bica

Os sítios arqueológicos apresentados até o momento compõem uma grande área de concentração arqueológica no entorno da Pedra Furada (fig. 04).

Durante os períodos de estiagem, os vegetais que conseguem obter do solo umidade permanecem mais tempo verdes, contrastando com outros locais que apresentam formação de solo diversa. De qualquer maneira, toda a vegetação brota e fica verde ao final de cada ciclo de estiagens. Porém, existem abrigos sob rocha onde há pouca penetração de luz e umidade, não havendo o desenvolvimento de plantas. Estes lugares transcendem a temporalidade exterior aos abrigos, não participando do mesmo ciclo do qual os outros lugares são submetidos.

O sítio cemitério Toca da Bica se situa no sopé do serrote do Barbado (foto 40), muito próximo a uma fonte de água praticamente permanente. O local possui uma ampla área abrigada formada sob blocos, constituída por dois ambientes, delimitados pelos acessos entre os blocos, de forma que ocorre uma comunicação no interior entre eles. Estes dois ambientes somam aproximadamente 50m<sup>2</sup>, e neles se observa a sedimentação arenosa e selecionada.

O acesso ao sítio se dá por estrada até a fonte de água (bica), da qual a população local se utiliza para seu abastecimento, principalmente durante os períodos de estiagem. Da fonte se avista o sítio em um patamar no sopé do serrote do Barbado à 50m (foto 41). Do sítio se tem a visibilidade desde a planície do riacho até a Pedra Furada. A formação do relevo na direção do riacho, a leste, é plana e se estende até a encosta da Pedra Furada. Na direção oeste, localiza-se a vertente íngreme do serrote do Barbado que forma um único paredão rochoso até o topo.

Sobre a superfície sedimentar há uma forma específica de transformação causada pela água, que remete ao processo de drenagem superficial associado aos eventos pluviais. Este processo de erosão desloca materiais arqueológicos que possivelmente se encontram no pacote sedimentar.

No setor norte, em uma faixa de 6m<sup>2</sup>, o teto está a 0,5m de altura da superfície sedimentar. Nesta área foi observado um fragmento de osso humano, possivelmente um úmero (foto 42). Durante os trabalhos de levantamento patrimonial do Projeto de Educação Patrimonial em Alagoinha, realizado em 2006, observou-se na superfície deste abrigo um

radio, outro vestígio ósseo humano. Diante disso, a presença de fragmentos ósseos merece atenção e análises futuras, pois muito provavelmente trata-se de um sítio cemitério.

É possível que os grupos pré-coloniais tenham escolhido este local para jazer seus entes após a morte. Os vestígios verificados neste sítio resumem-se a fragmentos de ossos humanos, mas local possui potencial para habitação. Cada indivíduo que passou por estas paisagens também esteve propenso a nelas morrer. A carência de vestígios arqueológicos no entorno deste sítio, comparando-o aos sítios da Pedra Furada, da Pedra do sítio do Donato, e do Barbado, todos muito próximos, indica que o sítio da Toca da Bica tenha sido reservado a outro uso para os grupos que ocuparam a área.

#### **4.2.7 Pedra da Buquinha I e II**

O sítio arqueológico Pedra da Buquinha I, está em um patamar baixo na serra do Buco, localizado em grandes blocos de granito próximos ao vale, na localidade de Boqueirão, município de Venturosa (foto 43). Do sítio se vê a sudeste, norte e noroeste as encostas da serra do Buco, o serrote do Barbado, a Pedra Furada e as cabeceiras de drenagem do vale, que se formam a partir do boqueirão.

Os grupos humanos que ocuparam a região não só faziam fogueiras para cozinhar alimentos, como também utilizá-las para outros fins, como a preparação das matérias-primas destinadas aos pigmentos dos grafismos, ou para assar barros para confecção de potes, entre outras tantas utilizações possíveis que não possuem registro.

O processamento dos pigmentos demanda um estágio cognitivo que permita a mistura, plasticidade e viscosidade adequadas ao pigmento desejado. Havia, portanto, conhecimento empírico da utilização de pigmentos por esses grupos, assim como a intenção de pintar em locais protegidos das intempéries e em painéis visíveis. Alguns grafismos verificados no sítio estão em posição mais elevada nos paredões da rocha, o que exigiria a construção de algum artifício que elevasse o indivíduo, de forma que ele pudesse realizar a pintura. Da fenda existente no bloco é possível observar um painel, que fica no topo da Pedra da Buquinha I (foto 44).

Segundo Alice Aguiar (1986), que em sua pesquisa apontou a existência de oito painéis “o estilo predominante é o Geométrico Elaborado, podendo-se afirmar que [o sítio] seria o exemplo típico do estilo. ‘Armadilhas’, antropomorfos estáticos e mãos em positivo,

indicam também, a presença do estilo Cariris-Velhos em menor quantidade” (op.cit.:114) (foto 45 e 46). A pesquisadora também destacou a possibilidade de escavação, onde sobre a superfície encontravam-se vestígios materiais, os quais não puderam ser verificados na visita do dia 17/09/2007.

O sítio Pedra da Buquinha I apresenta sedimentação arenosa e relativamente selecionada. Na face norte do bloco há um abrigo com 14m de comprimento, de 2 a 3m entre a linha de goteira e a parede, com o pacote de sedimentos preservado. No entorno dos painéis gráficos da face oeste do bloco, observa-se na superfície, formas resultantes do processo de erosão causado pelo escoamento de água sobre os sedimentos.

Localizado a menos de 100m acima, na mesma vertente que o sítio Buquinha I, destaca-se o sítio Pedra da Buquinha II, que apresenta um único painel gráfico em cor vermelha na face sul do bloco rochoso (foto 47). Na face norte do bloco se observa a formação de uma área abrigável. O painel é composto de apenas um grafismo puro (foto 48).

O local que compreende os sítios da Pedra da Buquinha I e II (foto 49) parece que foi ocupado de maneira mais efetiva, uma vez que o local oferece água de um riacho bem próximo, cerca de 100m do sítio. Também há áreas abrigáveis que apresentam grafismos dispersos. Do alto do sítio o campo de visão é amplo, principalmente para a jusante do vale, sendo este um local estratégico para observação.

#### **4.2.8 Pedra do Letreiro (Tubarão)**

Estudada por José Luft (1990) como Pedra do Tubarão, a Pedra do Letreiro é um sítio rupestre da tradição Agreste, localizado em um matacão com um pequeno abrigo, porém bem protegido (foto 50). O acesso é pela estrada velha que liga a localidade de Pedra Fixa à cidade de Venturosa.

O sítio apresenta painéis considerados do estilo Geométrico Elaborado, que segundo José Luft (1990), “geralmente ocupam grandes painéis com um único desenho ou desenhos menores que lembram carimbos, dado o cuidado em sua elaboração” (idem: 10) (foto 03).

A boa sedimentação no abrigo proporcionou uma escavação, descrita na pesquisa de Luft (1990), onde já se percebiam vestígios materiais na superfície do sedimento. A área escavada (cerca de 25m<sup>2</sup>) levou a identificação de uma fogueira contínua, e em outro setor,

três grandes fogueiras sobre níveis diferentes (29cm, 45cm e 56cm da superfície)<sup>16</sup>. Materiais lítico, lascado em maior quantidade, ósseo e cerâmico foram registrados entorno às fogueiras, os quais foram analisados e quantificados.

O sítio encontra-se em um patamar no sopé da serra do Buco, de forma que é possível observar as regiões mais baixas até as serras opostas à sudeste (foto 51). O matacão se destaca na paisagem, e subindo sobre ele, amplia-se o campo de visão ao longo dos patamares planos da formação da serra do Buco, nas direções nordeste e sudoeste.

O predomínio de rochas que afloram na superfície da região contrasta com as áreas cobertas de vegetação principalmente ao longo dos leitos de rios e riachos, onde as raízes aprofundam-se a procura de água. Os patamares planos são porções das vertentes onde se observa o processo de deposição de sedimentos oriundos das porções mais íngremes, onde predomina o desgaste e transporte de sedimentos para as áreas mais baixas (foto 52).

O terreno é plano e muito próximo a serra do Buco, o que torna possível obter uma variedade de recursos, tanto alimentares, de coleta e caça, como de logística, como lascas de quartzo para instrumentos líticos. O sedimento no local é arenoso e relativamente selecionado, no qual são observados fragmentos de vasilhas cerâmicas queimadas junto ao solo, no lado sudoeste do matacão (foto 53).

Como os demais materiais, também [os vestígios orgânicos], apresentaram uma dispersão que mostra a forma de utilização do espaço. Observamos que verticalmente a concentração está nos níveis onde há um maior número de fogueiras, e horizontalmente no espaço de intervalo e/ou de interseção entre elas. Na medida em que nos afastamos do fundo do abrigo, diminui a sua quantidade, o que nos confirma mais uma vez a intensa utilização do fundo do abrigo, sua parte mais protegida (Luft 1990:115).

A identificação da fogueira contínua leva a pensar que este pequeno local foi reservado ao fogo em uma área abrigada da chuva e do vento. A presença de fragmentos cerâmicos nas camadas superiores relatadas nas escavações indica a fabricação de potes que teriam utilidade de armazenamento e processamento de alimentos, portanto é bem provável que este local do sítio Pedra do Letreiro esteja associado a um contexto de ocupação mais permanente na área, e estratégico no processo de obtenção dos recursos em uma extensa área.

---

<sup>16</sup> O pesquisador define os níveis das fogueiras em 2,22m, 2,38m e 2,49m, medidos a partir da mira horizontal, “ressalvando estar a superfície do local escavado numa cota de 1,93m” (Luft:1990:39).



A localização do sítio está em um patamar muito próximo às encostas íngremes, que parecem barreiras a se ultrapassar. Os caminhos e trilhas para se deslocar através da caatinga são essenciais para obter desempenhos melhores na busca de recursos dispersos e fundamentais à manutenção sócio-cultural.

#### **4.2.9 Cemitério do Caboclo**

O sítio Cemitério do Caboclo está localizado a meia encosta de um dos morros que compõem a Serra do Buco. É formado por um grande bloco que oferece abrigo bem protegido, apesar de pequeno. O acesso ao local se dá pela estrada velha, a partir de um patamar do vale, sendo necessário para chegar ao sítio subir por trilhas aproximadamente 150m.

Localizado em uma encosta bastante íngreme, o sítio proporciona uma ampla e excelente visibilidade das extensas áreas baixas a sudeste da área pesquisada. O Cemitério do Caboclo é um sítio do tipo abrigo com sepultamentos na encosta da serra do Buco. O sítio situa-se em um bloco de destaque na encosta, e apresenta um único painel no teto interno do abrigo, compondo um lugar carregado de significados simbólico-culturais.

As extensas áreas baixas do entorno do sítio da Pedra do Letreiro que se observam a partir do Cemitério do Caboclo muito provavelmente representavam a ampla área de captação dos recursos necessários para os grupos pré-coloniais (foto 54). A partir do período de chuvas principalmente, seria possível caçar animais de maior porte, assim como coletar outros elementos da flora, entre alimentos e materiais para a manutenção sócio-cultural destes grupos.

A ocupação pré-colonial foi verificada a partir da existência de um painel rupestre (2,7m de largura e 1,3m de altura) com uma figura antropomorfa e de vestígios ósseos humanos na superfície sedimentar, observados na dissertação de J. Luft (1990:44) (foto 55). A escavação deste sítio foi apresentada nesta pesquisa:

Com enterramentos secundários, o cemitério tem como uma de suas características a desordem total dos ossos. A desordem é tamanha que não foi possível encontrar nenhum osso articulado ou mesmo a certeza de que pertencessem ao mesmo indivíduo. Outra característica é a presença de ossos quebrados e onde são raríssimos os ossos inteiros. Essa quebra é feita após o osso estar seco, sendo possível em alguns casos identificar a forma como foi feita (...). Outra prática constante é a queima. Apesar dos

ossos queimados estarem em toda parte, foi possível identificar algumas covas e separar os ossos que nela se encontravam (op.cit.:42-3).

Foram resgatados também outros vestígios, inclusive orgânicos dentro do contexto de enxoval funerário, como contas de colares, pingentes, entre outros. Na visita ao sítio realizada na data de 17/12/2007 pôde-se observar um pequeno sabugo de milho na superfície dos sedimentos do sítio (foto 56). É bem provável que ele seja recente, entretanto lembra-se que se trata de uma espécie cultivada por muitos dos grupos pré-coloniais do Brasil, que inclusive também produziam potes cerâmicos para o processamento deste alimento.

#### **4.2.10 Pedra Fiche**

O cotidiano dos grupos pré-coloniais é pouco conhecido, principalmente por que faltam elementos vestigiais que favoreçam as análises e interpretações.

O sítio se caracteriza por dois painéis gráficos contendo grafismos puros (alguns bem elaborados) e poucos grafismos de composição. Entre estes há uma figura antropomorfa estilizada (foto 57) e figuras fitomorfas. Outra figura antropomorfa tem dimensões maiores comparados aos demais grafismos e é preenchida com pigmentação vermelha (foto 58). Existe uma grande quantidade de grafismos e mãos em positivo concentradas em quatro locais em ambos painéis, inclusive mãos pequenas de crianças que provavelmente participavam destes rituais (foto 59).

A manutenção dos conhecimentos técnicos da elaboração das pinturas, dentro do universo sócio-cultural dos grupos pré-coloniais, ocorre a partir da participação de vários indivíduos, inclusive crianças, na pintura dos painéis. Os vestígios de ocupações pré-coloniais na Pedra Fiche remetem a alguns elementos rituais que criaram relações entre os indivíduos e estes lugares significativos. Provavelmente estes locais tinham associação com sistema de comunicação destes grupos, onde integrava os indivíduos aos aspectos ancestrais.

O sítio da Pedra Fiche não tem um acesso fácil, pois fica em uma encosta alta, entre grandes blocos, que proporcionam uma área protegida e plana especialmente em frente a um dos painéis pintados (foto 60). Devido à altitude do sítio, na encosta da serra do Buco há excelente visibilidade das áreas mais baixas, tanto para amontante na localidade de

Pedra Fixa, onde se localiza o sítio arqueológico, como em direção à Pedra do Letreiro. O entorno da Pedra Fiche possui uma cachoeira, que somente nos períodos de chuva tem água. Nestas áreas mais baixas, entre plantações de milho, verificou-se a existência de fragmentos de potes cerâmicos que necessitam análises futuras para comprovar sua pertinência no estudo pré-colonial (foto 61).

Mãos em positivo são predominantes em alguns locais dos dois painéis, destacando a idéia de que mais de uma pessoa participava do ritual de pintura (foto 62). O fato de as paredes de uma rocha destacada na paisagem, estarem pintadas indica uma intencionalidade neste ato. Os grafismos foram deixados para a posteridade para que atraíssem as atenções de outros que viessem a estes locais específicos. São atribuídos significados aos grafismos rupestres primeiramente por quem os pinta, e assim como para todos que observaram e fizeram parte daquele evento sócio-cultural.

#### **4.2.11 Pedra Pintada**

O sítio da Pedra Pintada encontra-se em um matacão situado nas paisagens do planato – formadas por extensas áreas levemente arredondadas, em uma vertente pouco inclinada de sedimentação arenosa e muito selecionada (foto 63). Assim, a modelagem do terreno onde está o sítio faz com que o sítio se destaque visualmente (foto 04).

Situado no município de Alagoinha, o sítio da Pedra Pintada foi incluído na sub-tradição Cariris Velhos, e na definição da variedade ponteada. Neste matacão, observam-se pinturas que representam um universo simbólico próprio. Segundo Alice Aguiar (1986:134): “junto com grafismos puros e grafismos de composição, a parede está coberta de marcas, feitas com a ponta dos dedos (...) [e quanto aos] grafismos de composição, seis antropomorfos são semelhantes entre si...” (foto 64).

O sítio está formado por um único matacão de granito de três metros de altura, com as paredes verticais, sem formar abrigo, que surge no meio de uma planura dedicada ao cultivo de feijão e milho. [Visitou-se] o local em 1981, e mesmo sendo época de grande estiagem, a várzea conservava umidade suficiente para permitir o plantio. Foi assinalado um único painel de 3,9m de altura e 3,7m de largura (op. cit.:134).

A. Aguiar também destaca não ocorrência de material arqueológico associado ao sítio, entretanto, durante prospecções em uma área de cultivo de milho em setembro de

2006, foi identificada uma grande variedade de fragmentos de vasilhames cerâmicos (foto 65).

O sítio fica próximo 400m do rio Liberal e dele se tem visibilidade do vale, das vertentes onde se localiza e das vertentes opostas. No local onde fica o sítio da Pedra Pintada havia outro bloco, ao lado do matacão que contém as pinturas, sendo os dois blocos separados apenas por uma fenda que, segundo o proprietário Sr. Nivaldo Oliveira, permitia a subida sobre os blocos, ampliando-se a visibilidade. O bloco foi removido na década de 1970 para servir na construção da barragem do rio distante cerca de 250m.

A água é um dos recursos básicos para sobrevivência e apresenta ao longo de seus cursos de drenagens uma maior diversidade tanto na flora, como na fauna. Como estas paisagens contêm poucos cursos de drenagem, e o rio próximo ao sítio da Pedra Pintada oferece condições de ocupação mais prolongada, tanto pelo curso de água como por outros recursos eventualmente disponíveis nas proximidades, entre a flora e fauna. Também se associa aos vestígios de ocupação fato de terem sido encontrados fragmentos cerâmicos em grande concentração à 100m do matacão com as pinturas. A existência de vestígios cerâmicos em grande concentração possibilita a inferência que estes grupos pré-coloniais processavam alimentos, armazenando e capturando recursos em quantidade significativa para subsistência em áreas provavelmente extensas, o que fazia com que houvesse a necessidade também de se coletar argila para a produção dos recipientes.

Da mesma forma que os grupos pré-coloniais apresentavam bastante mobilidade e por vezes um número reduzido de indivíduos, em outros casos, como no entorno da Pedra Pintada, de acordo com a grande quantidade de vestígios cerâmicos, parece que neste local os grupos puderam ser mais numerosos, ou por causa de uma ocupação mais permanente, ou por decorrência de encontros sazonais de grupos dispersos.

#### **4.2.12 Mão-de-Sangue**

As paisagens dos planaltos possuem considerável formação de solos e poucos afloramentos rochosos, alguns deles permitem que de seu topo se tenha uma ampla visibilidade. O sítio da Mão-de-Sangue encontra-se em um matacão que oferece abrigo, com área de 3m de largura por 1,5m de altura e 2m entre a linha de goteira e a rocha (foto 66), próxima cerca de 100m de uma lagoa represada (foto 67). O acesso ao sítio se dá pela

localidade de Carrapicho, e depois por trilha a partir da porteira da chácara, onde se localiza o sítio.

Na área protegida do abrigo há um painel rupestre que contém um grafismo puro representado por dois círculos concêntricos e quatro traços na parte superior, interpretados pelos moradores da localidade de Carrapicho como dedos, que no conjunto lembram a representação de uma mão. Este grafismo está entre outros poucos traços e manchas pouco perceptíveis em um painel com cerca de 0,60m de largura e 0,50 de altura (foto 01).

Na área abrigada há sedimentação rasa, o que permite a realização de pequenas sondagens na procura dos vestígios materiais contextualizados na estratigrafia, entretanto logo à frente do abrigo, próximo 10m há uma laje que proporciona uma clareira.

Este local próximo ao sítio contém elementos, necessários à sobrevivência, que ficam disponíveis de acordo com a presença de água. Os recursos cultiváveis e as potencialidades destes solos aproveitáveis estariam dispersos grande extensão nestas paisagens, principalmente próximo dos cursos de drenagens. Acredita-se que este sítio esteja relacionado a uma ocupação sazonal de exploração de recursos periódicos como alguns coletados, manejados ou ainda cultivados, assim como também da caça.

Não se têm outros vestígios da cultura pré-colonial nas paisagens de planaltos, tampouco houve trabalhos de prospecção intensiva na procura de mais vestígios, que viriam a contribuir para a interpretação dos processos de ocupação. Nestas áreas há o predomínio de terras agricultáveis onde ocorre constantemente o processo de aragem, que permite que sejam vistos elementos materiais associados aos sedimentos revolvidos, facilitando os trabalhos de prospecção arqueológica.

Estes planaltos têm características diferentes das demais áreas estudadas. São grandes extensões com raro fornecimento de água, principalmente nas épocas de estiagens, e a captação à distância não têm sentido algum. Entretanto, alguns locais desta região favorecem o acúmulo de água e durante as secas torna-se possível escavar no leito seco a fim de atingir o lençol freático.

#### **4.2.13 Pedra da Caveira e Jardim III**

As áreas de fundo de vales, próximas a vertentes íngremes mantêm-se por mais tempo úmidas, oferecendo água mesmo durante os períodos mais secos. No vale do

Ipanema, nestas áreas da serra do Gavião e serra do Pitó, é marcante a formação vegetal que se mantém ainda conservada. De acordo com as características da disponibilidade de recursos da flora e fauna, é possível que os grupos pré-coloniais convivessem com uma grande diversidade. Por causa da proximidade entre os sítios Pedra da Caveira e Jardim III, muito provavelmente formassem o mesmo contexto de ocupação, entretanto os vestígios que estes sítios apresentam, como pinturas no Jardim III e ossos humanos na Pedra da Caveira, podem não ter esta mesma relação, e serem resultado de grupos e tempos de ocupação distintos.

O acesso aos sítios se dá por estrada de terra, e depois por trilha dentro da caatinga arbórea subindo a encosta do vale. O sítio Jardim III encontra-se em um patamar pouco mais abaixo da Pedra da Caveira, em um grande bloco que apresenta como pinturas grafismos puros, em local do suporte rochoso protegido das intempéries (fotos 68).

O bloco apresenta um pequeno abrigo com grafismos divididos em dois painéis: um com aproximadamente 1,50m de largura por 0,6m de altura e outro com 1m de largura por 0,30m de altura (foto 69 e 70). Parece que a ocupação deste sítio, a partir dos vestígios que apresenta, tem relação com um sistema de comunicação, uma vez que estes vestígios encontram-se bem visíveis no suporte rochoso, e no caminho para aqueles que se dirijam a formação da Pedra da Caveira a partir do rio, pois esta se destaca mais que o matacão do sítio Jardim III.

O sítio da Pedra da Caveira é formado por um grande conjunto de blocos que formam abrigos, grutas e cavernas, e que oferecem locais bem protegidos da chuva, vento, sol, e inclusive da luz. Nestes locais prevalece o processo de sedimentação, e se observam muitos ossos humanos distribuídos pelas três principais áreas abrigadas (foto 71). Destacam-se dois ambientes na caverna, em níveis topográficos diferentes: um com área de 3m por 2m e 2m de altura, e outro mais elevado com 3m por 3m de área e 2m de altura. Outro local de abrigo possui melhor acesso e mais luminosidade, com 4m de altura e 2m por 4m de área. Todos estes três locais apresentam sedimentação e alguns ossos humanos na superfície (foto 72).

No entorno da Pedra da Caveira observam-se formas de drenagem superficial da água, processo que pode estar deslocando os materiais arqueológicos, conforme se observa no entorno. E distante cerca de 100m há dois caldeirões na rocha, que garantem reserva de

água, ao menos por alguns meses durante as estiagens (foto 73). Do topo da Pedra da Caveira se tem uma visibilidade ampla de boa parte do alto vale do Ipanema, inclusive na direção ajusante do rio, de onde se avista seu leito a uma distância média de 2km (foto 74).

Os processos de ocupação que envolve estes sítios integram estratégias de captação dos recursos utilizados por estes grupos, uma vez que nestas áreas há uma grande diversidade de recursos da flora e fauna. O rio do Ipanema é também uma importante fonte de alimentação, porque proporciona a pesca quando ocorrem as chuvas na região. As encostas íngremes apresentam certa variedade na distribuição da vegetação a partir do gradiente vertical, em ambas as encostas ao longo do vale. Os vales também representam a possibilidade dos grupos deslocarem-se com mais facilidade entre as regiões do alto e do baixo vale do Ipanema, e assim obter caminhos para explorar um amplo território (fig. 14).

#### **4.2.14 Pedra da Velha Chiquinha**

O alto vale do Ipanema é uma região que oferece água por longo período do ano, mesmo durante as estiagens. Estes locais de encostas íngremes, onde se formam vales, encaixados com vertentes opostas próximas, assim como o desnível e a drenagem das águas através das fendas e falhas geológicas em sub-superfície, favorecem que água mine do subsolo. No vale do Ipanema, existe uma fonte de água permanente que mesmo nos períodos mais secos continua minando, conhecida como Fonte do Padre Cícero.

O vale do Ipanema está localizado a noroeste da área de estudo (fig. 03) e têm características que permitem a conservação da umidade nestes vales encaixados. O alto vale apresenta uma vegetação preservada entre espécies arbóreas e arbustivas. Ao norte da Serra do Gavião, se encontram as nascentes do rio e para o sul forma-se uma cachoeira.

O sítio da Pedra da Velha Chiquinha encontra-se num contexto estratégico de captação de recursos no alto vale do Ipanema. O sítio se localiza próximo 150m do curso do rio, que funciona como importante fonte de recursos principalmente nos períodos de chuvas. E, deste ponto do rio se observa a extensa cachoeira para amontante do seu curso.

Se houve momentos no holoceno em que estas regiões tiveram climas mais úmidos, as matas de galerias verificadas no alto vale do Ipanema tiveram uma grande extensão sobre as encostas do vale, favorecendo o desenvolvimento da biodiversidade a partir do elevado docel formado por elas.

O sítio da Pedra da Velha Chiquinha é formado por um grande bloco que apresenta uma ampla área abrigada sob a rocha. O abrigo é uma gruta formada por um salão baixo, com acesso de 0,50m entre a rocha e o chão de sedimentos, e internamente possui uma grande área de 200m<sup>2</sup> e uma altura média de 1,5m.

Segundo o proprietário do sítio, Seu Deda, na década de 1940, morava nesta gruta uma senhora, a qual teve seu nome atribuído a mesma Pedra. Diz ele, que quando era moço – na década de 1970 – a área da gruta era mais alta, o que significa que no seu interior houve um processo de deposição de sedimentos diminuindo a altura do teto, evento que foi intensificado pelos roçados no entorno do bloco e pelo conseqüente transporte de sedimentos principalmente pelas águas superficiais. O sítio apresenta um painel pintado com dois grafismos puros, identificados em vermelho, e outras manchas na parede externa da gruta de tamanho aproximado a 2m de largura e 1m de altura (foto 75). Na superfície dos sedimentos, na área externa à gruta foram observados vestígios de potes cerâmicos (foto 76).

Os blocos e matacões rochosos mais destacados são referências nas paisagens e proporcionam conforto térmico. De acordo com o formato da rocha, podem oferecer abrigo nos predominantes dias de sol quente, do clima semi-árido (foto 77). Supõe-se que estes locais são referências para todo indivíduo que, por ventura, passasse nestas paisagens e buscasse pouso.

Parece que a ocupação do local está relacionada com esta grande oferta de recursos nos períodos mais chuvosos, e também pela eventual oportunidade de exploração de outros recursos sazonais. Observaram-se inúmeras árvores frutíferas endêmicas da caatinga e de outras formações vizinhas. É incerta a existência destas espécies nas paisagens pré-coloniais, de qualquer maneira, é possível imaginar que em locais próximos a estas formações de paisagens haviam espécies frutíferas à disposição da fauna, e especialmente dos grupos humanos.

#### **4.2.15 Uricaca**

Na área onde se localiza o sítio da Lagoa da Uricaca há formação de lagoas naturais, de águas represadas durante os períodos de chuvas. Nesta região do planalto, onde há o predomínio de afloramentos rochosos, intercalados por pequenas seções planas, onde se



depositam os sedimentos transportados, e fraturas observadas na rocha que favorecem a drenagem das águas através delas, sejam águas submersas ou superficiais.

O acesso ao sítio da Lagoa da Uricaca se dá a partir das lagoas na área urbana, e depois por um caminho até a porteira da propriedade, onde começa uma trilha que passa ao lado do sítio, matacão que oferece um pequeno abrigo (foto 78). Do seu alto se tem uma vista das formações rochosas onde estão as lagoas (foto 79) e, no sentido oposto, para oeste, avista-se as serras do Gavião e Pitó, onde se encontra o alto vale do rio Ipanema.

Localizado muito próximo desta área, próxima às lagoas, em terrenos mais rebaixados e pouco mais úmidos e ao lado de uma paleo-lagoa, o sítio apresenta fragmentos de potes cerâmicos e algumas lascas de quartzo na superfície sedimentar de seu abrigo rochoso, que mede aproximadamente 3m de comprimento, 1,5m de profundidade e 2m de altura (foto 80).

O sítio da Lagoa da Uricaca é um local onde é possível ter abrigo e pouso durante as diferentes atividades de obtenção dos recursos variados no entorno próximo e das lagoas, tanto da fauna como da flora. Sabe-se que esta grande disponibilidade de água, inclusive nos períodos mais secos, têm atraído as atenções de toda a fauna da região. O homem, entre outros animais caçadores, pode economizar esforços na procura da caça se observa o comportamento dos animais.

O processo de deposição de sedimentos no fundo destas lagoas leva ao assoreamento delas, dinâmica que ocorre em muitas das áreas baixas, planas e de predomínio de sedimentos mais argilosos (foto 81). Esta dinâmica de sedimentação preserva tanto testemunhos da ocupação pré-colonial, como da evolução da paisagem, ao passo que ocorre um processo de sucessão vegetal acompanhado ao longo de alguns anos (Irgang 1999).

É possível inferir que em algum local próximo, aqueles que ocuparam e utilizaram os potes cerâmicos, dos quais se observam vestígios na superfície do solo, estariam explorando e processando algum tipo de alimento, seja cultivado ou procedente de coleta. Esta área deve ter sempre atraído as atenções dos grupos pré-coloniais pela oferta de água e oportunidade de caça.

#### 4.2.16 Peri-Peri I e II

Os sítios se situam no município de Venturosa, numa área de depressão, distante cerca de 100m de um reservatório natural de água que se conserva nos períodos de estiagens.

Todo o grande matacão de granito que temos chamado de Peri-Peri I, está coberto de pinturas realizadas com tinta vermelha, algumas bem conservadas, outras desaparecidas em parte pela esfoliação natural da rocha, além do que, a coloração avermelhada do granito confunde-se, às vezes, com as pinturas. No abrigo próximo, denominado Peri-Peri II, as pinturas são mais nítidas e apresentam as cores vermelha, branca e amarela (Aguiar 1986:95).

A pesquisadora considera ambos os sítios como integrantes do estilo Cariris-Velhos, no qual aparecem grafismos de composição entre antropomorfos e zoomorfos e grafismos puros (fotos 82 e 83). Para o sítio Peri-Peri I (foto 84), definiu-se cinco painéis, “atendendo aos ângulos que separam as rochas” (op. cit.:96). A característica que chama atenção é que “todos os painéis apresentam mãos em positivo na parte superior” (op.cit.:97). O sítio Peri-Peri II apresentava-se em um único painel, com alguns elementos que “fazem pensar numa variedade dentro do próprio estilo Cariris-Velhos” (op.cit.:111), no qual identificou-se utilização da policromia e uma equivalência entre zoomorfos e antropomorfos.

No abrigo do sítio Peri-Peri II (2,6m de altura, 1,2m de profundidade e 3,4m de largura), não foi identificado material arqueológico em superfície, enquanto que no abrigo mais amplo formado no sítio Peri-Peri I (6,2m de altura, 10m de profundidade e 32m largura) apresentava, em superfície, grande quantidade de material lítico, cerâmica e restos ósseos (foto 85).

Abaixo da concentração de vestígios em superfície realizou-se a escavação arqueológica descrita na dissertação de Alice Aguiar (1986), na qual se identificou outros três níveis. “A 0,55m em profundidade (...), no segundo nível e com base assentada no nível 3 de terra mais clara, [identificou-se] uma fogueira de 0,5m de diâmetro, com pedras em torno, de onde [se coletou] carvão (...). Na fogueira foi achado, além de material lítico, um fragmento de ocre” (op.cit.:98).

A indústria lítica de Peri-Peri I é basicamente uma indústria de lascas em quartzo, na qual se observa a predominância de retoques simples. Entretanto, alguns instrumentos apresentam retoques finos ou por pressão(...) Quanto à técnica de retoque, apresenta-se rudimentar nos artefatos da camada inferior e mais elaborada na camada superior. A

matéria-prima utilizada não é originária do local. Os artefatos do nível 1 apresentam marcas de fogo. O [fragmento] de ocre encontrado junto a fogueira do nível 2, apresenta marcas de uso. Um raspador de arenito, apresenta marcas de ocre (idem:100).

Duas datações radiocarbônicas realizadas para duas fogueiras procedem desta escavação, sendo o Sítio Peri-Peri I o único sítio rupestre com uma referência estratigráfica datada na área de estudo: 1760 +/- 90 AP (GIF – 5878); e 2030 +/- 50 AP (CSIC – 605).

Até que novos dados sejam acrescentados com o prosseguimento da escavação e o estudo de outros sítios rupestres, incluídos na tradição Agreste, as conclusões a que podemos chegar no momento, são que no sítio Peri-Peri habitavam, temporariamente, pequenos grupos de caçadores que preparavam seus implementos e tratavam da caça no local. Poderiam sobreviver com o produto da mesma, durante algum tempo, pela proximidade da água. Esses mesmos caçadores pintaram as paredes do abrigo, preparando as tintas no local e escolhendo temas ligados, principalmente, aos animais que caçavam. Os dois únicos fragmentos de cerâmica coletados, não são suficientes para se afirmar que se tratavam de grupos agricultores ceramistas (Aguiar: 1986:101).

No alto do bloco forma-se um reservatório de água, e se tem, a partir do sítio, fácil acesso aos recursos do rio dos Bois contribuinte do rio Ipanema e considerado importante recurso hídrico na região. Os sítios Peri-Peri I e II, dos sítios pesquisados na área, apresentam uma maior ocorrência de grafismos representando animais da fauna. A oportunidade de caça conduziu os primeiros grupos do holoceno superior a estas paisagens, haja vista os materiais líticos inferidos para este uso observados nas camadas mais profundas. Os locais dos sítios Peri-Peri I e II favorecem este tipo de lugar estratégico, que inclusive, contribui para a ocupação prolongada no local, não somente devido a sua ampla área de abrigo natural no sítio I, e mais reduzida no II, mas de acordo com os recursos que pode oferecer no seu entorno (foto 86).

### **4.3 Os vestígios pré-coloniais**

#### **4.3.1 Grafismos rupestres**

Os sítios de pinturas na área pesquisada são maioria, uma vez que apenas três sítios estudados, Pedra da Caveira, Toca da Bica e Lagoa Uricaca, não apresentam vestígios de pinturas. As pinturas são elementos vestigiais importantes, pois cumprem uma função

dentro do sistema de comunicação dos grupos pré-coloniais representando parte do universo simbólico cultural feitos geralmente em locais acessíveis e protegidos.

Todos os painéis gráficos observados na área de estudo, de fato se diferem em alguns aspectos, seja em quantidade e concentração, seja no traço e na técnica de pintura, ou ainda na localização dos sítios na paisagem (planaltos, vales, encostas e sopés). Os elementos gráficos, como os grafismos puros e emblemáticos, também não correspondem a uma unidade ou identidade específica na área, porque se diferem em muitos outros aspectos na apresentação gráfica.

Mesmo apresentando essa diferenciação inicial entre os sítios da área de estudo, de maneira geral todos poderiam ser incluídos na ampla categoria da Tradição Agreste, correspondendo com os grafismos emblemáticos descritos na dissertação de Alice Aguiar (1986) (círculos concêntricos, mãos em positivo, predominância de grafismos puros, figuras zoomorfas e antropomorfas sem formar cenas com outros grafismos, e normalmente de tamanho maior do que a Tradição Nordeste).

Cada sítio tem sua particularidade, sendo possível destacar alguns aspectos de diferenciação: o traço ou motivo pintado (tipo simples ou elaborado); utilização de cores como pigmentos; quantidade e concentração; sobreposições de grafismos, entre outros.

De fato, o que parece incluir os sítios de pinturas dentro de uma mesma identidade é a escolha pelos lugares de destaque na paisagem, utilizando-se como suporte para as pinturas os locais mais protegidos pelos grandes blocos e matacões rochosos. Em uma região onde a busca da subsistência exige o conhecimento de grandes extensões territoriais, a existência de marcos de referência destacado na paisagem é fundamental para o deslocamento através da caatinga.

#### **4.3.2 Perfil lítico**

Os vestígios líticos são relativos aos apresentados nos trabalhos de escavação arqueológica ocorridas nos sítios de Peri-Peri I e Pedra do Letreiro (Tubarão).

Em ambas escavações foram encontrados fragmentos de óxido de ferro associado a fogueiras. A presença deste mineral nos sítios está relacionada à captação desta matéria-prima em lugares mais distantes, encontrados ao longo das calhas de drenagens ou a partir

da extração em afloramentos. Sabe-se de uma fonte deste mineral apontado no trabalho de Luft, distante cerca de 8 e 12 km dos sítios Pedra do Letreiro e Peri-Peri, respectivamente.

Os vestígios líticos caracterizam-se essencialmente pelo processo de debitage (figura 05), ocorrem sobre lascas de quartzo – matéria-prima abundante em toda área de pesquisa, e também outros artefatos manufaturados em sílex, granito e arenito.

Pedras arranjadas formavam o contexto de fogueiras descritos nas escavações, e que entre outros materiais, foram trazidas aos sítios com o intuito de produzir artefatos e estruturas sob o abrigo, como se infere a partir da grande quantidade de lascas de tamanho pequeno observados associadas às fogueiras.

### **4.3.3 Vestígios cerâmicos**

Os vestígios cerâmicos que integram o estudo são referentes principalmente aos fragmentos procedentes das escavações do sítio Pedra do Letreiro. Os demais vestígios referem-se aos fragmentos identificados na superfície dos sítios Toca dos Marimbondos, Barbado, Pedra Pintada, Uricaca e Pedra da Velha Chiquinha. Nas escavações de Peri-Peri, foram encontrados somente dois fragmentos e, segundo Alice Aguiar: “Os dois únicos fragmentos de cerâmica coletados, não são suficientes para se afirmar que se tratavam de grupos agricultores ceramistas (1986:101)”.

Em sua dissertação de mestrado, José Luft (1990) apresenta algumas análises das cerâmicas que contribuem para o estudo acerca das escolhas dos locais de ocupação dos grupos pré-coloniais. Ao investigar fragmentos cerâmicos do sítio Pedra do Letreiro quanto ao acréscimo de tempero à pasta, ele considera que as argilas provêm de uma fonte localizada ao pé da serra do Buco, e que dependendo das características da fonte, tampouco se precisaria acrescentar tempero, que conforme os processos de sedimentação entre períodos mais e menos chuvosos, partículas maiores se depositariam nestas mesmas fontes de argila. Os minerais, como quartzo, mica, feldspato, entre outros de granulometria média de 5mm a 9mm, provenientes da desagregação da rocha e também encontrados no solo, foram utilizados como tempero na confecção das pastas para as vasilhas, em maior quantidade na confecção das vasilhas maiores, que carecem de maior resistência. A utilização destes temperos permite que a cerâmica tenha boa impermeabilidade, ao

contrário da utilização de materiais orgânicos como temperos, que quando levada para o cozimento, deixa a vasilha mais porosa.

Praticamente toda a cerâmica do sítio recebeu um tratamento esmerado de superfície, tanto interna quanto externamente, talvez nem tanto para impermeabilizá-la como para retirar da superfície os grãos de quartzo, ganhando a cerâmica um alisamento que em 80% dos casos, poderia ser considerado muito bom. Em alguns casos encontra-se uma cerâmica mal alisada ou até mesmo não-alisada, e também alguns fragmentos muito bem polidos (idem: 83).

Luft também destaca algumas das técnicas e formas de confecção das vasilhas, em bases planas e fixas (figura 06), e em bases côncavas feitas por modelagem.

As bases planas foram feitas em duas etapas: a primeira com a pasta sendo estendida, sobre o solo ou sobre uma esteira, conforme pode-se observar pelas marcas da mesma nos fragmentos, e a segunda etapa, após um período de secagem, com a aplicação de uma outra camada de pasta sobre a face que anteriormente estava sobre o solo ou sobre a esteira. No caso da base côncava, foram feitas em uma única etapa de modelagem. O bojo é feito por acordelamento, com exceção do vasilhame menor feito por modelagem (idem: 84).

O processo de queima das cerâmicas do sítio Pedra do Letreiro (Tubarão), foi observado por Luft como desenvolvido em locais abertos, com presença de oxigênio e temperatura de até 700°C, conforme mostram as análises da fusão entre os componentes da argila. Algumas cerâmicas apresentavam engobo, ou banho em branco e pintura em vermelho, o que também funciona na impermeabilização da cerâmica.

O branco, quando aparece, se localiza tanto na parte interna quanto na externa, numa camada espessa, sugerindo, devido a homogeneidade, um banho de imersão ou engobo. Já o vermelho quando existe, aparece principalmente na parte interna, numa camada fina de tinta, havendo no caso de duas bordas [fragmentos] intenção decorativa, uma vez que na primeira somente o lábio aparece pintado e na segunda o que aparece pintado é a borda em sua parte externa e no seu interior (idem: 91).

Marcas do processo de alisamento foram observadas por Luft (estrias lembrando a cerâmica escovada). Alguns vestígios de utilização das vasilhas também foram verificados nos fragmentos cerâmicos, entre marcas de fogo, perda da camada superficial interna e fuligens devido ao uso intensivo do vasilhame.

As peças menores apresentavam tempero de menor granulometria e em menor quantidade proporcional, indicando a preparação de pastas diferenciadas de acordo com o tamanho das vasilhas. Por sua vez, os fragmentos relacionados às vasilhas maiores

apresentavam um processo de queima mais elaborado do que os referentes às vasilhas menores.

Os demais vestígios cerâmicos observados na área de estudo, como nos sítios do Barbado, Toca dos Marimbondos, Pedra Pintada, Pedra da Velha Chiquinha e Lagoa da Uricaca, não foram submetidos a análises, tampouco coletados. São fragmentos encontrados em superfície e contribuem tanto para a identificação quanto para localização do sítio arqueológico, merecendo mais estudos futuros a fim de relacioná-los aos níveis de ocupação humana.

No entorno do sítio da Pedra Pintada, próximo 100m, foi observada uma grande concentração destes vestígios, que merece um destaque. Não se descarta a hipótese de terem havido aldeias na área em estudo, e uma concentração maior de vestígios comprovadamente relacionados à ocupação pré-colonial passa a orientar novas pesquisas.

#### **4.3.4 Sepultamentos**

Os sítios de sepultamentos são locais escolhidos pelos grupos do passado para fazer seus indivíduos. São observados esses locais a partir da concentração de ossos humanos, entre outros vestígios que eventualmente acompanhavam os rituais fúnebres. São destacados os sítios Pedra da Caveira, Toca da Bica, Cemitério do Caboclo, e a Pedra do Letreiro como os locais onde se verificaram ossos humanos.

Os materiais arqueológicos que foram submetidos a análises foram apresentados na dissertação de Luft (1990). Os vestígios ósseos humanos procedentes da escavação na Pedra do Letreiro (Tubarão) encontravam-se concentrados nos setores C, D, E e F/ 1 e 2, em todos os níveis, e com maior incidência no nível -238, e setores D e E/ 1 (figura 07). Os ossos encontrados apresentavam-se “quebrados, dispersos e queimados e muito frágeis devido principalmente à umidade do solo, fator ausente no Cemitério do Caboclo” (idem: 115). Neste sítio, por sua vez, foram observados “enterramentos secundários que primam pela desordem e pela prática de cremação, os ossos têm como característica principal a distribuição homogênea por toda a camada, nos setores A, B e C/ 2, 3 e 4” (idem: 116) (figura 08).

Não há dúvida que a inexistência de ossos articulados observada nas escavações no sítio Cemitério do Caboclo indica enterramentos secundários. Entretanto, as interpretações

acerca dos processos e modos de sepultamento merecem mais atenções, uma vez que a escavação de um novo enterramento no local promoveria a desordem e desarticulação dos ossos anteriormente sepultados. Assim como interpretações sobre a utilização de um local para sepultamento no sítio da Pedra do Letreiro também merecem cuidados.

As análises apresentadas por Luft (1990) procedentes deste universo vestigial levaram à identificação dos ossos e posteriormente à identificação dos indivíduos adultos e jovens, através de verificações de marcas no processo de consolidação das epífises dos ossos longos. A contagem mínima de indivíduos, ou seja, a quantificação dos ossos mais evidentes, como ossos longos, ossos únicos e outros mais resistentes entre clavícula, escápula, patela, calcâneo e talus, indicou um mínimo de 15 indivíduos adultos a partir do número de cúbitos direitos. Para os indivíduos jovens, a quantificação indicou 9 indivíduos a partir do número de tíbias esquerdas. O número de adultos foi compatível para o restante dos ossos analisados: 14 atlas; 12 esternos; 12 patelas esquerdas; 11 calcâneos direitos; 11 talus direitos; 10 clavículas direitas; e 10 talus esquerdos. Enquanto o número de outros ossos relacionados aos indivíduos jovens ficou em torno de cinco.

As análises a que foram submetidos os principais ossos possibilitaram algumas considerações. Dos 15 úmeros de indivíduos adultos, 4 apresentavam a fossa olecraniana perfurada, significando esforço maior em vida. Observaram-se, também, patologias identificadas como dehiscência do arco posterior de um dos 14 atlas de indivíduos adultos encontrados. Muito embora a alta fragmentação dos ossos não tenha possibilitado a reconstrução de nenhum crânio, doze frontais foram identificados, observando-se que dentre estes que, 4 apresentavam seios frontais pronunciados.

Também se percebeu, com frequência, o processo de achatamento vertebral na face superior ou inferior (raramente em ambas), tanto para o lado direito como para o esquerdo. Relacionados às faces de articulação, observaram-se “um íliaco direito à face articular, de articulação demasiadamente marcada”. Assim como “também a incisura para a primeira vértebra do lado direito de um manúbrio esternal apresenta-se excessivamente marcada” (idem: 117).

As análises quantitativas a que foram submetidos os dentes levantaram aspectos gerais e de fisiologia. Foi coletado um total de 185 dentes entre 54 incisivos, 26 caninos, 61 pré-molares e 26 molares.



Como a quase totalidade dos dentes encontrados estavam soltos, ou seja, com perda após a morte, fica difícil, numa análise rápida, determinar se o dente é superior ou inferior, informação de grande importância na determinação da inclinação [do desgaste]. Por esse motivo optamos por dizer apenas que o mesmo é plano ou inclinado, ficando o lado da inclinação para uma análise posterior mais apurada (idem: 98-9).

Quanto a aspectos de formação e desenvolvimento dentário não foram possíveis maiores observações ou análises devido à ausência das arcadas completas, impossibilitando uma análise apurada.

Dos 185 dentes encontrados, 15 são decíduos e 170 são permanentes. Dos 15 dentes decíduos, 8 apresentavam-se íntegros e 7 com desgaste, dos quais 2 são do tipo plano e 5 do tipo inclinado. Quanto ao desgaste apresentado por esses dentes, 1 é de esmalte, 4 são com exposição da dentina e 2 são com exposição da cavidade pulpar. Além disso, 1 apresenta cárie de esmalte e 1 apresenta cálculo.

Dos 170 dentes permanentes, 6 estão íntegros e 130 apresentam desgaste, sendo 65 do tipo plano e 72 do tipo inclinado. Ainda com relação ao desgaste desses dentes, 39 são de esmalte, 34 com exposição da dentina, 20 com exposição da cavidade pulpar e 37 com desgaste até o colo anatômico do dente. Do total dos dentes permanentes, 50 apresentam cálculo e 43 apresentam cárie, sendo 12 de esmalte, 23 de dentina e 8 com exposição pulpar.

Um elemento importante que observamos foi a presença em 9 dos 51 dentes incisivos, de um tipo de hipoplasia de esmalte que aparece na face vestibular dos incisivos centrais, deixando sua superfície encrespada, estriada, e que pode indicar deficiências de desenvolvimento do indivíduo, principalmente de nutrição (idem 99-100).

Outro dado destacado por Luft (1990) é o fato de que 5 dos 54 incisivos apresentavam-se em forma de “pá”, ou seja, com desenvolvimento exagerado das arestas laterais da face lingual, formando uma depressão no centro. Quinze dos 170 dentes permanentes apresentavam raízes com superfície irregular, inchada, que poderia significar infecção periodontal. E outros 34 apresentavam somente a raiz, sendo que 13 destes, além de quebrados, encontravam-se calcinados, e 19 deles devido ao desgaste excessivo do dente (idem: 100).

Algumas contas de colares foram encontradas nas escavações descritas por Luft (1990) (figura 09), as quais podem indicar artefatos que acompanhariam o ritual fúnebre, como objetos carregados de significados culturais. Foram encontrados também outros 4 pingentes verificados no Cemitério do Caboclo, 3 em tíbia de cervídeo e uma em esterno de ave (figura 10).

Os feitos a partir de tibia foram cortados paralelamente ao corpo do osso, resultando, de uma tibia, dois ossos. Todos os três pingentes encontrados apresentam a epífise proximal (...), uma pequena perfuração de 5mm. Na extremidade distal dos pingentes, houve um arredondamento que no primeiro instante nos sugere uma espátula. Suas arestas são arredondadas, seja por um trabalho com essa intenção seja pelo próprio uso, ou mesmo por ambas.

O pingente feito a partir do esterno, não apresenta trabalho algum senão a perfuração em uma de suas extremidades (idem: 106-13).

Nos outros sítios em que foram encontrados vestígios ósseos humanos, Pedra da Caveira e Toca da Bica, foram observados ossos em superfície, apenas registrados em fotografias. Na Toca da Bica descobriu-se apenas um úmero fragmentado em superfície, embora em setembro de 2006, durante as atividades do Projeto de Educação Patrimonial, verificou-se outro osso, no caso um fragmento de rádio. Já o sítio Pedra da Caveira apresenta muitos ossos em superfície, tanto no entorno próximo ao sítio, como nos ambientes de cavernas e abrigos existentes no local.

Os locais escolhidos para esses sepultamentos são aqueles bem protegidos, inclusive do sol, onde a penetração de luz é pouca.

#### **4.3.5 Restos Orgânicos**

Compõem os vestígios orgânicos os restos de alimentação, como ossos de pequenos mamíferos e répteis de várias classes. Estes restos foram observados distribuídos em todo o espaço escavado no sítio da Pedra do Letreiro. “Os restos ósseos animais apresentavam verticalmente uma frequência maior a partir do nível -222 e uma concentração maior, horizontalmente nos setores B, C e D/ 1 e 2” (idem: 115) (figura 06).

Na ordem Edentata, os representantes são os tatus, família Dasypodidae, e dos quais encontrou-se principalmente as placas de suas carapaças e uma garra ou unha, essa encontrada no Cemitério. A ordem Rodentia está representada pelos preás, punarés e mocós, família Caviidae, e dos quais encontramos ossos diversos. Na ordem Squamata estão representadas as famílias Iguanidae e Teiidae, principalmente mandíbulas, embora tenhamos encontrado duas mandíbulas de cobra ainda não identificadas. Além desses restos, encontramos também restos da ordem Artiodactyla, representada pelos pingentes em tibia e o corno da família Cervidae (...) Das aves, apesar dos inúmeros ossos longos encontrados, não identificamos até o momento, nenhuma família (idem: 114).

Vestígios ósseos da fauna contendo marcas de trabalho humano inclusive foram observados por Luft (1990), principalmente no sítio da Pedra do Letreiro (Tubarão) e, a

partir do nível -231 e nos setores D e E/ 1 e 4. Alguns dos ossos observados apresentavam marcas de corte mais comum: “três cortes num único osso (...), sendo dois deles transversais, com inclinação aproximada de 20°, e um longitudinal ao corpo do osso” (idem: 101). Estas marcas foram verificadas principalmente nos ossos longos e provavelmente de cervídeos, segundo o autor.

Outro tipo de corte foi observado na confecção das contas de colares, a partir das marcas que ficam nas extremidades e que se apresentavam arredondadas na maioria dos casos, de acordo com o uso. Confeccionadas principalmente a partir de ossos de aves, foram cortadas em forma de canal, sem serrar.

“Outros ossos apresentam sinais de trabalho, como é o caso de um fragmento meso-distal de úmero, sem sua epífise, e no qual aparece uma tentativa de perfuração; e de um fragmento de osso longo no qual aparece um sinal de corte, como se o mesmo estivesse sendo serrado” (idem: 106). Observou-se também um corno de cervídeo que apresentava a epífise distal “lisa e com ranhuras, sugerindo utilização como instrumento de trabalho, uma vez que é muito resistente” (idem: 113).

Outros vestígios indiretos do uso de fibras vegetais são indicados por Luft (1990) a partir da análise de fragmentos da base das vasilhas cerâmicas, onde se observaram marcas das fibras trançadas e a suposta utilização de esteiras durante o processo de confecção de algumas vasilhas cerâmicas.



Foto 14: Superfície de relevo aplainado – paisagens de planalto (foto: Luiz Barreto)



Foto 15: Formação arenosa de solo – paisagens de planalto (foto: Luiz Barreto)



Foto 16: Escarpas – Serra do Buco, vista a partir do sítio Pedra do Letreiro (foto: Luiz Barreto)



Foto 17: Superfícies planas – paisagens de depressão (foto: Luiz Barreto)



Foto 18: Grande *inselberg* – Serrote do Barbado e Sítio Toca da Bica, a direita (foto: Luiz Barreto)



Foto 19: Marca do processo de ravinamento próximo ao sítio Pedra do Sítio do Donato (foto: Luiz Barreto)



Foto 20: Vale do Rio Ipanema (foto: André Proença)



Foto 21: Vale do Rio dos Bois (foto: Luiz Barreto)



Foto 22: Leito seco do rio Ipanema: vegetação verde próxima da calha de drenagem, e seca nas encostas mais íngremes (foto: André Proença)



Foto 23: Formação da Pedra Furada e planície aluvial (foto: Luiz Barreto)





Foto 24: Acesso ao Parque da Pedra Furada (foto: Luiz Barreto)



Foto 25: Marcas de dedos e grafismos puros – Pedra Furada/ painel 1 (foto: André Proença)



Foto 26: Representação humana e provável indicação de fertilidade – Pedra Furada/ painel 04  
(foto: André Proença)



Foto 27: Abrigo formado sob as rochas - Toca dos Marimbondos (foto: Luiz Barreto)



Foto 28: Grafismos comprometidos - Toca dos Marimbondos (foto: Luiz Barreto)



Foto 29: Superfície sedimentar - Toca dos Marimbondos (foto: Luiz Barreto)



Foto 30: Formação rochosa de destaque - Pedra do Pote (foto: Luiz Barreto)



Foto 31: Grafismo pouco visível – Pedra do Pote (foto: André Proença)



Foto 32: Pedra Furada, à esquerda – vista a partir do Sítio Pedra do Pote (foto: Luiz Barreto)



Foto 33: Painel Gráfico – Pedra do Sítio do Donato (foto: Luiz Barreto).



Foto 34: Caminhos no entorno do Sítio Pedra do Sítio do Donato, localizado à esquerda, e Serrote do Barbado ao fundo (foto: Luiz Barreto)



Foto 35: Reservatório de água com deposição de argila – entorno do Sítio do Barbado (foto: Luiz Barreto).



Foto 36: Vestígios cerâmicos na superfície sedimentar (foto: Luiz Barreto)



Foto 37: Concentração de grafismos – Sítio do Barbado (foto: Luiz Barreto).



Foto 38: Utilização da policromia – Sítio do Barbado (foto: Luiz Barreto).



Foto 39: Abrigo formado ao redor de todo o bloco rochoso – Sítio do Barbado (foto: Luiz Barreto).



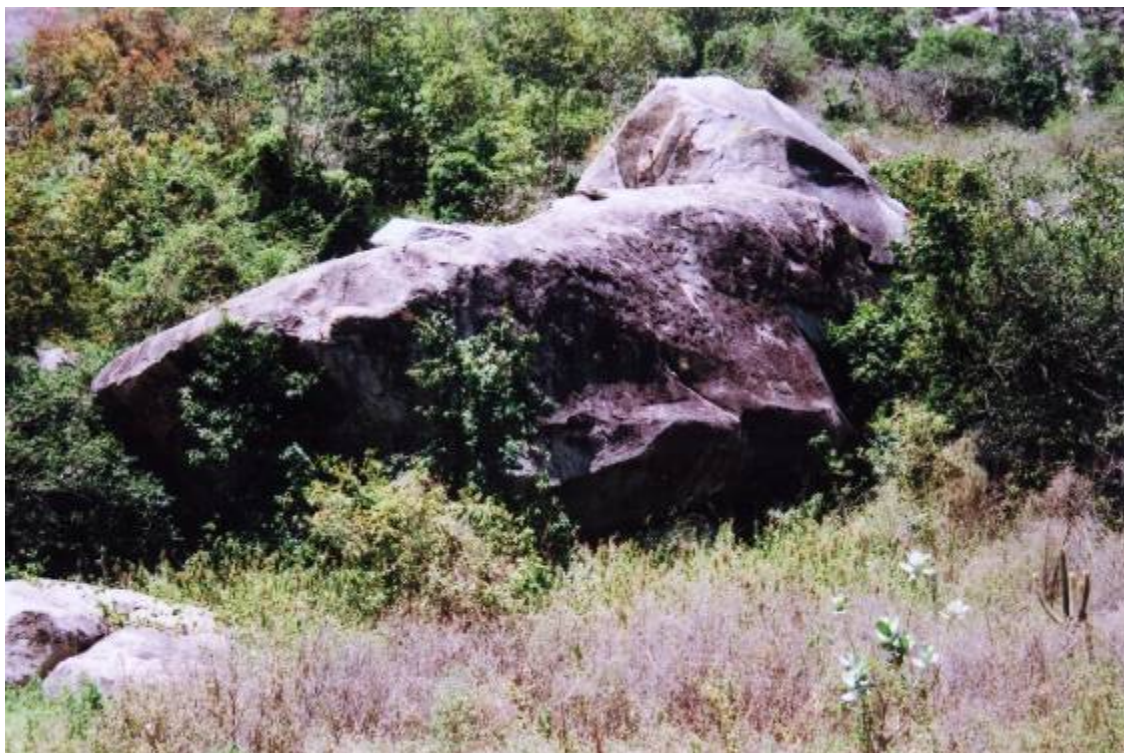


Foto 40: Formação de abrigo sob rocha – Toca da Bica (foto: Luiz Barreto).



Foto 41: O entorno do Sítio Toca da Bica - Serrote do Barbado (foto: Luiz Barreto).



Foto 42: Possível úmero humano fragmentado – Toca da Bica (foto: Luiz Barreto).



Foto 43: Matakão destacado na paisagem com formação de abrigos – Pedra da Buquinha I (foto: Luiz Barreto).



Foto 44: Grafismo no topo da Pedra da Buquinha I (foto: Luiz Barreto).



Foto 45: Paineil gráfico – Pedra da Buquinha I (foto: Luiz Barreto).



Foto 46: Painel gráfico parcialmente visível – Pedra da Buquinha I (foto: Luiz Barreto).



Foto 47: Bloco destacado na encosta – Pedra da Buquinha II (foto: André Proença).



Foto 48: Grafismo do Sítio Pedra da Buquinha II (foto: Luiz Barreto).



Foto 49: Localização do Sítio Pedra da Buquinha I (à esquerda) e Pedra da Buquinha II (ao centro) no relevo: patamar plano, e meia-encosta respectivamente (foto: Luiz Barreto).



Foto 50: Área escavada sob abrigo na Pedra do Letreiro (foto: André Proença)

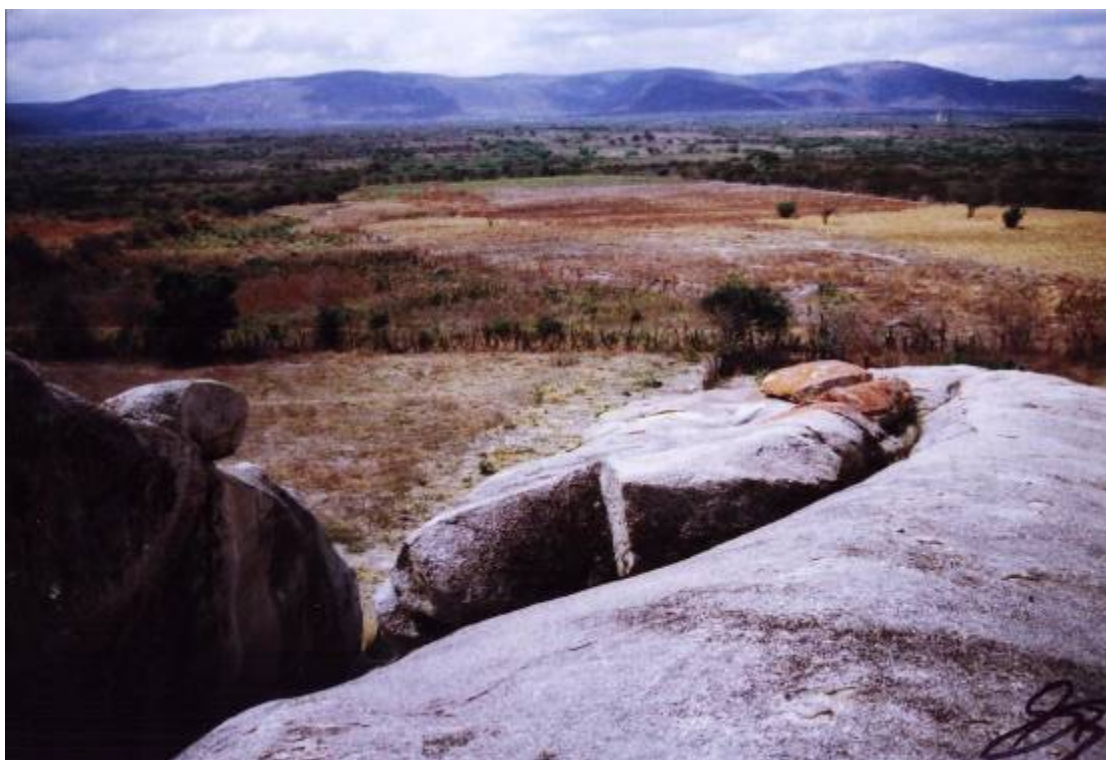


Foto 51: Áreas rebaixadas – Vista da Pedra do Letreiro (foto: Luiz Barreto).



Foto 52: Sítio Pedra do Letreiro localizado em patamar próximo à Serra Buco (foto: Luiz Barreto).



Foto 53: Fragmentos cerâmicos observados no entorno da Pedra do Letreiro (foto: André Proença).



Foto 54: Amplo campo de visão, a partir do Cemitério do Caboclo – entorno do sítio Pedra do Letreiro, a direita da foto (foto: Luiz Barreto).



Foto 55: Ossos humanos dispersos na superfície sedimentar do abrigo do Cemitério do Caboclo (foto: Luiz Barreto).





Foto 56: Sabugo de milho observado na superfície sedimentar do Sítio Cemitério do Caboclo  
(foto: Luiz Barreto).



Foto 57: Grafismo identificado como antropomorfo estilizado – Pedra Fiche (foto: Luiz Barreto).



Foto 58: Figura humana representada em tons de vermelho diferenciado do restante do painel gráfico – Pedra Fiche (foto: Luiz Barreto).



Foto 59: Marca em positivo de provável mão de uma criança – Pedra Fiche (foto: Luiz Barreto).



Foto 60: Formação de abrigo em bloco de destaque – sítio da Pedra Fiche (foto: Luiz Barreto).



Foto 61: Fragmentos cerâmicos observados nas áreas rebaixadas do entorno da Pedra Fiche (foto: André Proença).



Foto 62: Conjunto de mãos em positivo e grafismo identificado como fitomorfo à esquerda – sítio da Pedra Fiche (foto: Luiz Barreto).



Foto 63: Ouricuris dispersos nos solos arenosos do entorno da Pedra Pintada (no centro) (foto: Luiz Barreto).



Foto 64: Figuras humanas e marcas feitas com a ponta dos dedos – Pedra Pintada (foto: Luiz Barreto).



Foto 65: Fragmento cerâmico observado em concentração próximo ao sítio da Pedra Pintada (foto André Proença).



Foto 66: Matação rochoso com formação de pequeno abrigo – Pedra da Mão de Sangue (foto: Luiz Barreto).



Foto 67: Reservatório natural de água localizado no entorno do Sítio da Pedra da Mão de Sangue (foto: Luiz Barreto).

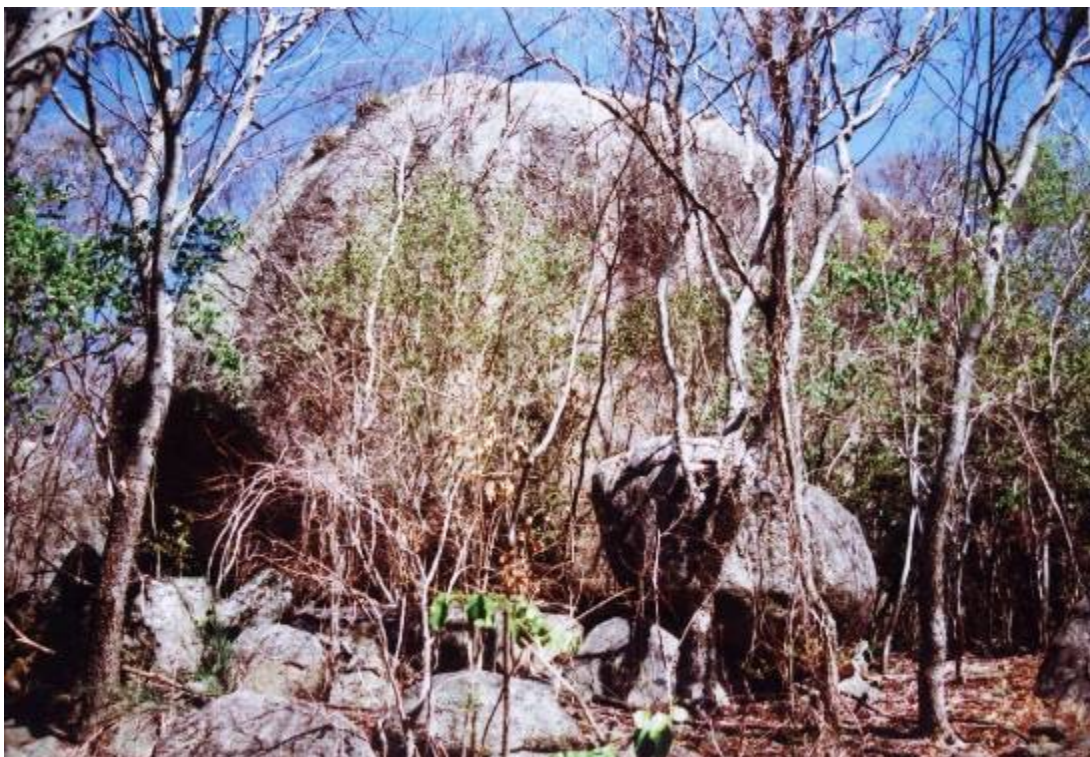


Foto 68: Bloco rochoso destacado na encosta do vale do Ipanema entre vegetação arbórea – Sítio do Jardim III (foto: Luiz Barreto).



Foto 69: Painel gráfico – Sítio do Jardim III (foto: Luiz Barreto).



Foto 70: Painel gráfico com grafismos identificados como zoomorfos à direita – Sítio do Jardim III  
(foto: Luiz Barreto).



Foto 71: Local de caverna com ossos humanos na superfície sedimentar – Pedra da Caveira  
(foto: Luiz Barreto).





Foto 72: Escápula humana observada na superfície sedimentar na Pedra da Caveira (foto: Luiz Barreto).



Foto 73: Caldeirões na fenda da rocha – entorno do sítio Pedra da Caveira (foto: André Proença)



Foto 74: O vale do rio Ipanema – vista a partir da Pedra da Caveira (foto: André Proença).



Foto 75: Painel gráfico pouco visível com grafismos à direita – Pedra da Velha Chiquinha (foto: Luiz Barreto).



Foto 76: Fragmentos cerâmicos observados na superfície sedimentar no Sítio Pedra da Velha Chiquinha (foto: Luiz Barreto).



Foto 77: Bloco rochoso localizado nas encostas do vale do Ipanema – Pedra da Velha Chiquinha (foto: Luiz Barreto).



Foto 78: Matação rochoso com formação de abrigo ao lado de um caminho – Sítio da Lagoa da Uricaca (foto: Luiz Barreto).



Foto 79: Formações graníticas desgastadas e área plana rebaixada – Vista a partir do Sítio da Lagoa da Uricaca (foto: Luiz Barreto).



Foto 80: Vestígios observados na superfície sedimentar do abrigo – Sítio da Lagoa da Uricaca (foto: Luiz Barreto).



Foto 81: Área de deposição argilosa e suscetível a alagamentos (paleo-lagoa) no entorno do Sítio da Lagoa da Uricaca (foto: Luiz Barreto).



Foto 82: Representações da fauna – Sítio do Peri-Peri II (foto: Luiz Barreto).



Foto 83: Antropomorfo pouco visível – Sítio do Peri-Peri II (foto: Luiz Barreto).

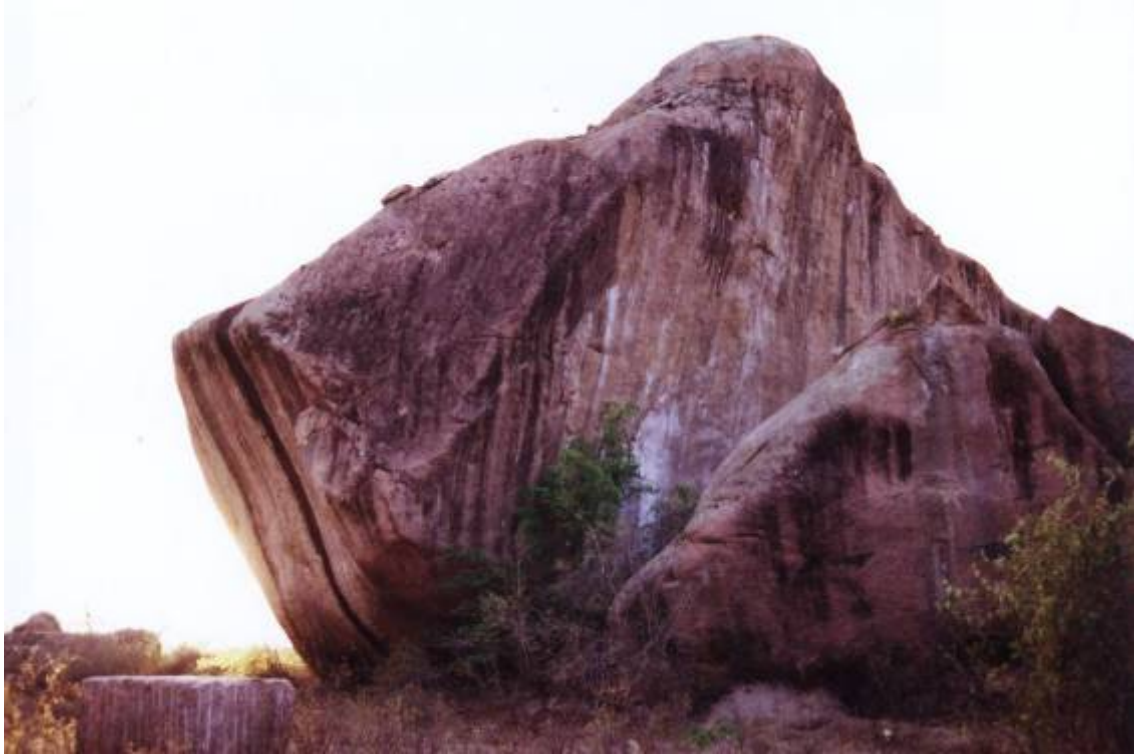


Foto 84: Matacão com formação de abrigos – Sítio do Peri-Peri I (foto: Luiz Barreto).



Foto 85: Vestígios observados na superfície sedimentar do abrigo do Sítio do Peri-Peri I (foto: Luiz Barreto).



Foto 86: Localização dos Sítios Peri-Peri I (à direita) e Peri-Peri II (no centro à esquerda) no relevo: patamar plano, e meia-encosta respectivamente (foto: Luiz Barreto).

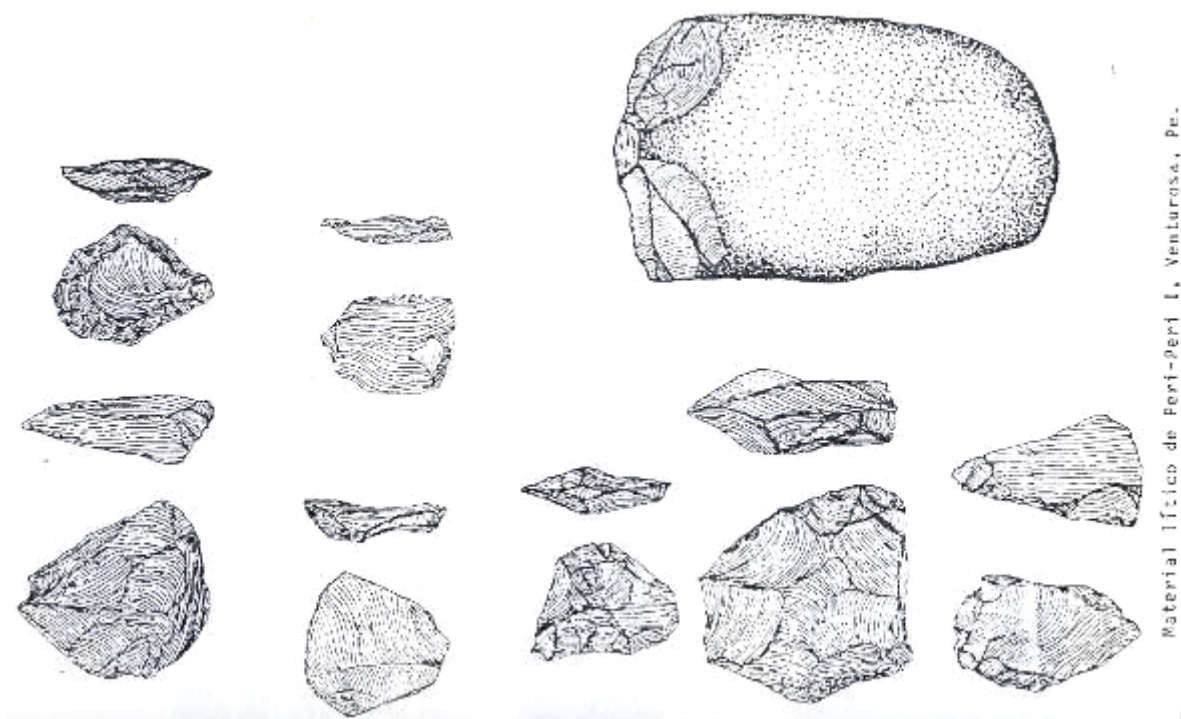


Figura 05: Material lítico de Peri-Peri I – escala reduzida 1:2 (Fonte: Aguiar 1986).



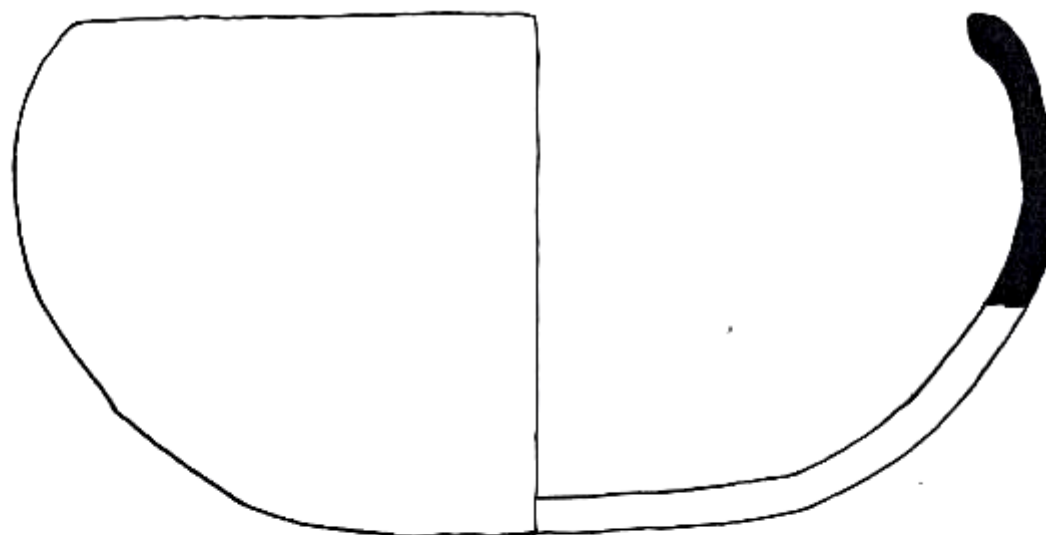
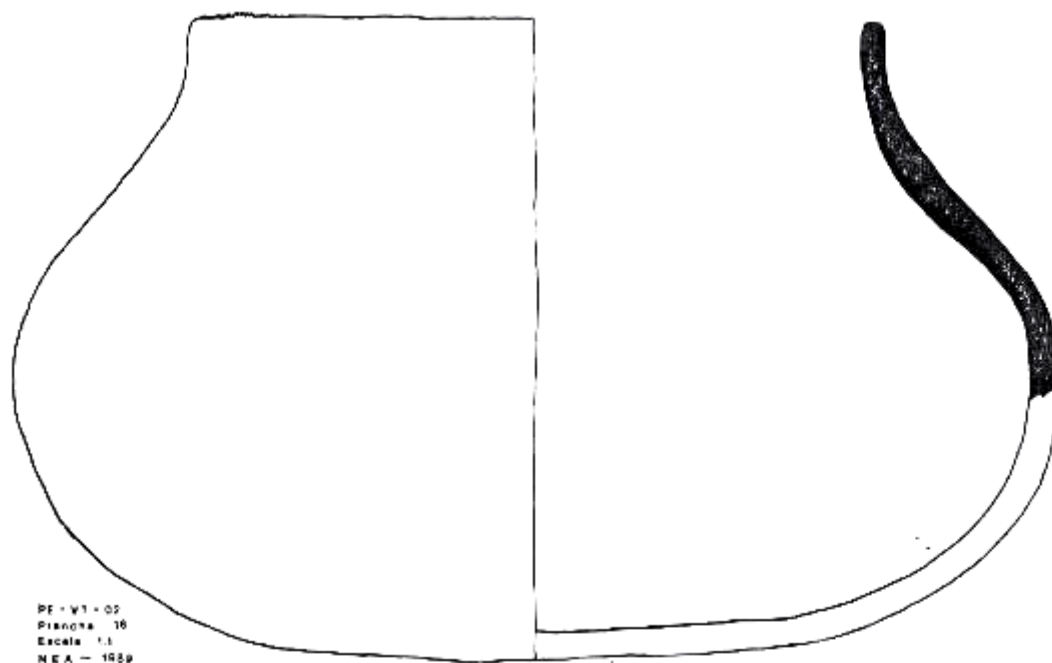


Figura 06: Projeção das vasilhas cerâmicas a partir dos fragmentos de bordas procedente da escavação Pedra do Letreiro (Tubarão) – escala reduzida 1:2 (fonte: Luft 1990).

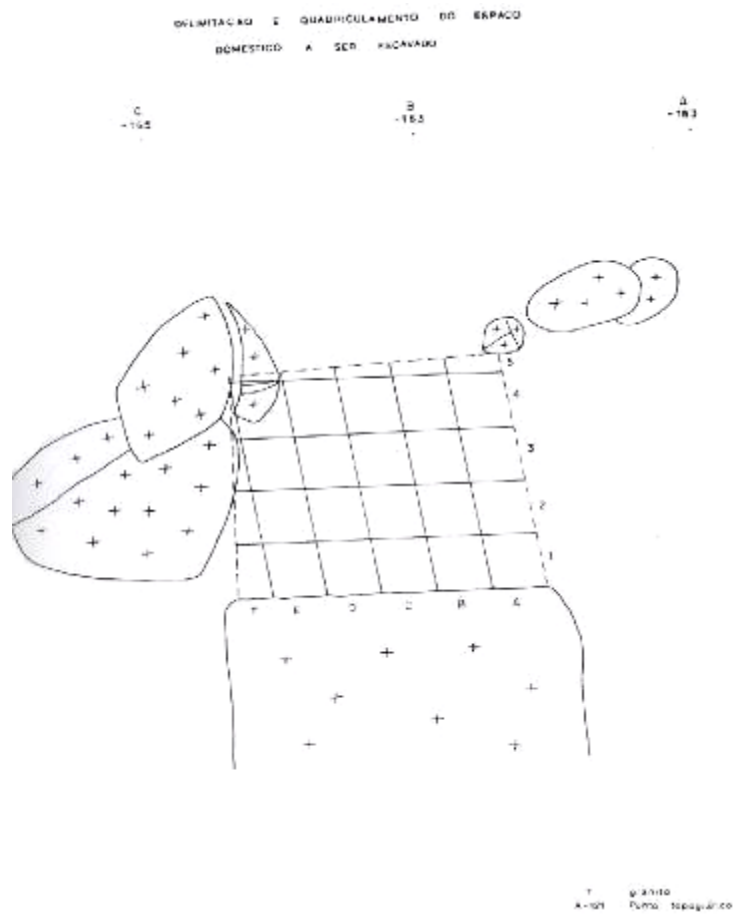


Figura 07: Delimitação da área escavada sob o abrigo no sítio Pedra do Letreiro (Fonte: Luft 1990).

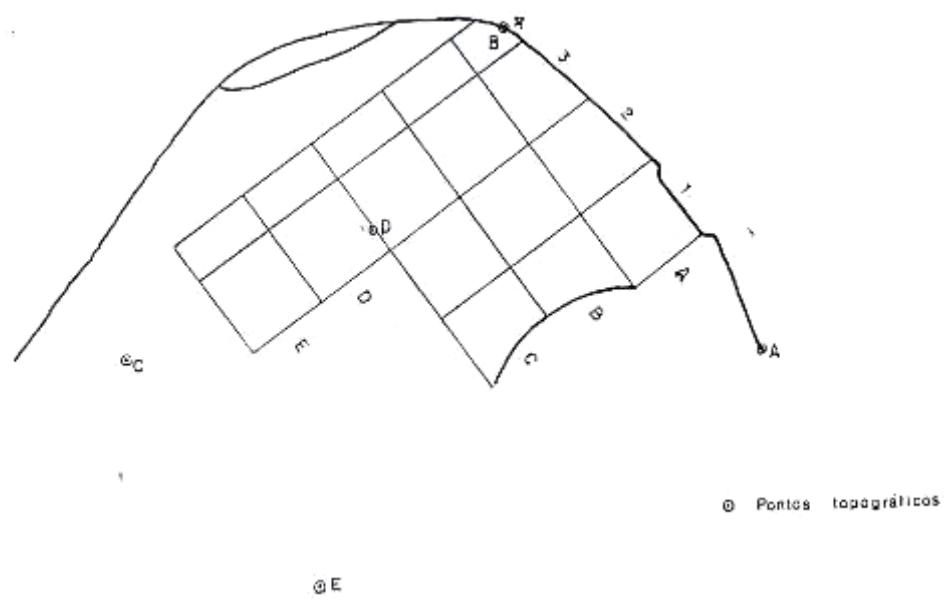


Figura 08: Delimitação da área escavada sob abrigo do sítio Cemitério do Caboclo (fonte: Luft 1990).

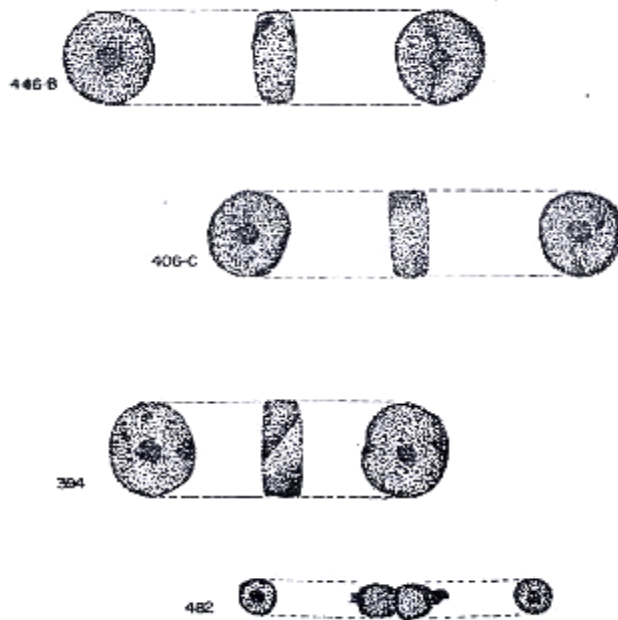


Figura 09: Contas de Colares observados na escavação no Cemitério do Caboclo (fonte: Luft 1990)

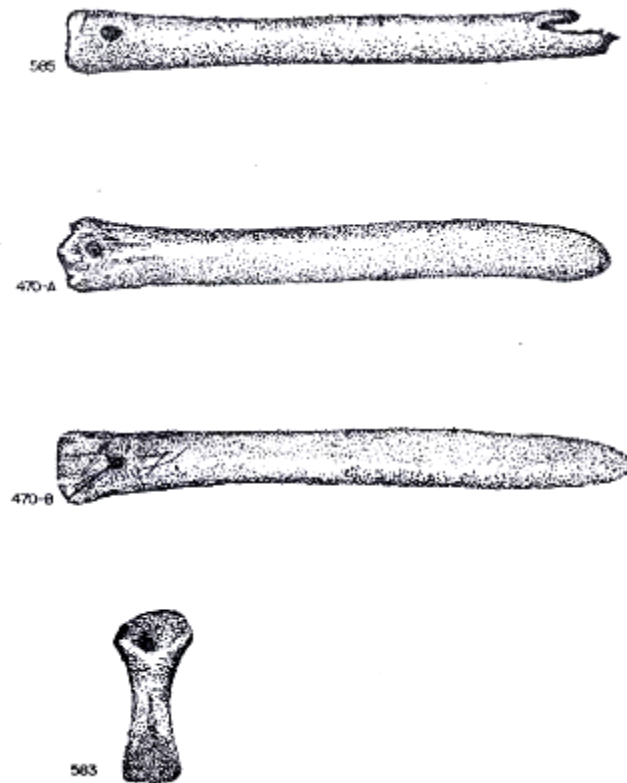


Figura 10: Pingentes encontrados nas escavações na Pedra do Letreiro e Cemitério do Caboclo (fonte: Luft 1990).

## Capítulo 5

### Considerações finais – a ocupação pré-colonial no Agreste pernambucano

#### 5.1 As escolhas pré-coloniais nos processos de ocupação na área de estudo

Os sítios arqueológicos aqui apresentados formam um conjunto patrimonial conhecido especialmente pela população mais próxima. Mesmo não tendo ocorrido até o momento trabalhos de prospecção intensivas e sistemáticas na região, acredita-se ser este um universo representativo das ocupações pré-coloniais na área de estudo. A associação de dezenove sítios arqueológicos ao contexto de paisagem permite chegar a algumas considerações sobre os processos de ocupação desses grupos. Em arqueologia costuma-se trabalhar com os dados vestigiais, o que torna muitas interpretações acerca do universo pré-colonial, inferências desta realidade.

A utilização de ferramentas na representação de diferentes escalas e contextos, como os SIG's, tem favorecido na interpretação das relações entre grupo e meio. A partir da *scanerização* digital de cartas topográficas da área de estudo e a conseqüente vetorização das informações relativas a altimetria, hidrografia, e vias de acesso, foi possível desenvolver um modelo numérico de terreno (mnt), ao qual os dados da localização dos sítios arqueológicos, obtidos em campo com o uso do GPS<sup>17</sup>, foram integrados. A construção de representações da área de estudo foi realizada com a utilização de um *software* disponibilizado sem custos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) – *Spring 4.3.3 – Português*".

A construção e análise de mapas temáticos orientaram algumas das considerações sobre as escolhas sócio-culturais. A manipulação de dados geo-referenciados permite apresentar de maneira conveniente muitos elementos da paisagem e relacioná-los. A interpretação e construção de mapas temáticos ao nível de escala regional (1:100.000) favorece a observação das condições topográficas, de declividade, e geomorfológicas relacionadas as escolhas pelo local do sítio (figs. 11, 12 e 13).

Por sua vez, a visualização da superfície do terreno em três dimensões através da interpretação de fotografias aéreas com uso de estereoscópio permite relacioná-las às

---

<sup>17</sup> O aparelho utilizado oferecia um erro médio entre 08 à 15 metros.

diferentes unidades geomorfológicas. É possível identificar na escala de 1:25.000 as formas de relevo e interpretar as dinâmicas e seus agentes de transformação. Através da interpretação de fotografias aéreas, foi possível observar que muitos rios e riachos na área de estudo possuem caminhos que acompanham seus leitos e se sobrepõem, assim como muitos outros caminhos levam a eles (fig. 14). Durante as estiagens o leito seco dos rios são utilizados em parte como caminhos, que são percursos sem vegetação em meio à caatinga seca. A localização de muitos sítios arqueológicos pode ter relações estratégicas em função dos caminhos e rotas nas paisagens pré-coloniais. Acredita-se que esses grupos apresentavam um amplo território de mobilidade na captura de seus recursos necessários a manutenção sócio-econômica.

Ao analisar a distribuição dos sítios arqueológicos nos grandes compartimentos de relevo (fig. 04 p. 20), observa-se concentração de sítios na depressão e dispersão deles nas áreas de planalto. De fato, há diferenças significativas na escolhas de ocupação entre estas unidades. A sazonalidade no Semi-árido favorece o contraste entre regiões, intensificado pela variabilidade pluviométrica. Esta característica pode proporcionar uma diversidade de recursos naturais para muitos grupos que tivessem uma ampla área de captação.

As concentrações e dispersão entre os sítios arqueológicos têm, em grande parte, relações com a distribuição de recursos nas diferentes formações de paisagens. Assim, as áreas de depressão, onde se observa concentração de sítios, ou puderam oferecer recursos significativos para os grupos pré-coloniais em maior quantidade que as paisagens de planalto, ou por mais longo período. Às áreas de planaltos, supõe-se que tais recursos encontravam-se dispersos em amplas paisagens. Acredita-se que o contraste entre estas paisagens permitia por si só uma diversificação de recursos.

Durante alguns meses de chuvas é possível ver uma vegetação verde, diferentemente do restante do ano, onde a vegetação torna-se seca. As drenagens nos rios param e depois secam. A fauna por sua vez, procura de água – recurso essencial para a vida animal, deslocando-se por diferentes paisagens onde ainda mantivessem condições para sobrevivência. Os locais onde há presença de água mesmo durante as grandes estiagens, seja em reservatórios ou em fontes permanentes, teriam grande importância ao abastecimento para os grupos pré-coloniais, e eventualmente poderiam ser locais estratégicos durante atividades de caça.

A presença de água próxima é verificada em todos os sítios, seja próximo a um curso intermitente, seja a reservatórios naturais ou a fontes permanentes de água (fig. 11). Embora os cursos de drenagens ofereçam água por alguns meses, todos secam nas grandes estiagens, entretanto em locais específicos há reservatórios naturais de água na rocha (como no entorno dos sítios Pedra da Caveira, Uricaca, Mão de Sangue, Peri-Peri I e Barbado) e, ainda, minadouros de água (como se observa na fonte do Padre Cícero – próximo do sítio Pedra da Velha Chiquinha – e no entorno do sítio Toca da Bica).

A análise da distribuição dos sítios arqueológicos em função destes locais significativos, de fontes e reservatórios, indica que muitas das concentrações de sítios têm em seu entorno este recurso fundamental. Estes locais onde há água durante as estiagens, além de atrair uma fauna diversificada, observa-se o desenvolvimento da vegetação com maior porte contrastando com o entorno, permanecendo verde por mais tempo. Os sítios arqueológicos são indicativos de que essas áreas foram ocupadas no período pré-colonial e que possivelmente, esses recursos não foram desprezados.

A concentração de sítios no entorno da Pedra Furada se destaca tanto quanto ela própria na paisagem. É possível observá-la a partir de muitos sítios arqueológicos (Toca dos Marimbondos, Pedra do Pote, Barbado, Toca da Bica e Pedra da Buquinha I).

O sítio da Pedra Furada também proporciona um amplo campo de visão, de áreas que incluem estes sítios. De fato, na Pedra Furada se constata variados estilos gráficos na pintura dos quatro diferentes painéis, apresentados por Alice Aguiar (1985), o que pode sugerir que o local tenha sido referência para diferentes grupos durante muito tempo. Há uma diversidade de recursos significativos para os grupos pré-coloniais no entorno da Pedra Furada, e além do aspecto estratégico, é provável que esse lugar tenha outra relação com as escolhas de ocupação, possivelmente associada aos aspectos simbólico-rituais.

Os matacões, correspondentes aos demais sítios arqueológicos, se destacam nas paisagens e a maioria ocorre próximo às encostas (fig. 12). De fato, muitos dos sítios de áreas de vales e de depressão encontram-se próximos da quebra de relevo, tanto em patamares quanto em encostas, de onde se obtém amplo campo de visão. Eventos de deslocamento de animais entre aves e mamíferos, por estas paisagens poderiam ser observados a partir da maioria dos sítios arqueológicos, possibilidade que representa uma importante estratégia para o sucesso da caça.

Os locais de blocos e matacões rochosos onde se observam os sítios arqueológicos são referências visuais na paisagem e possuem grande utilidade durante as movimentações pela obtenção daqueles recursos significativos para estes grupos. Há presença de estruturas de abrigos e pequenas cavernas na grande maioria dos sítios arqueológicos (tab. 02). Algumas formações de abrigos são pequenas, e protegem de fato apenas do sol durante parte do dia, proporcionando muitas vezes conforto térmico nestas paisagens durante os predominantes dias quentes. Entretanto, outras formações de abrigos (como nos sítios da Pedra Furada, Toca dos Marimbondos, Barbado, Pedra da Velha Chiquinha e Peri-Peri I) proporcionam ampla área protegida das eventuais chuvas, e inclusive da luz (na Toca da Bica e Pedra da Caveira). A ocorrência de sítios em abrigos é grande, apenas o sítio da Pedra Pintada não oferece abrigo, inclusive observa-se escolhas por locais mais protegidos para a realização das pinturas.

Ao se deslocar pelas paisagens, observando o contexto arqueológico *in situ*, percebe-se que todos os sítios na área de estudo são referências visuais, já que ocorrem sempre em locais que são percebidos de longe. Os blocos mais destacados nas paisagens funcionam como referência durante os deslocamentos pela região, ao passo que também proporcionam uma ampla visibilidade das áreas mais rebaixadas no relevo. As escolhas parecem estar orientadas pelos locais de afloramentos rochosos próximo daqueles recursos necessários à manutenção sócio-cultural disponível no entorno de cada sítio.

Os locais destacados nestas paisagens foram alvos de escolhas dos grupos que passaram por estas paisagens e os grafismos rupestres, por sua vez, tiveram participação no processo de atribuição de referência e significados a estes locais. São exemplos destes locais destacados na paisagem os sítios da Pedra Furada, Pedra do Pote, Pedra Pintada, Peri-Peri I, Pedra Fiche e Pedra do Letreiro, onde é possível se ter um amplo campo de visão, principalmente dos recursos do entorno ao qual os indivíduos pré-coloniais pintaram grafismos seus nas paredes da rocha.

Muitos aspectos naturais compunham o sistema de escolhas dos grupos pré-coloniais e inclusive podem servir como parâmetros na identificação de novos sítios. Assim dá-se importância aos locais de afloramentos rochosos, principalmente os destacados na paisagem e próximo de altas declividades, contendo em um entorno próximo recursos que seriam elementares, fundamentalmente fontes e reservatórios de água. A previsibilidade de

haver outros sítios arqueológicos com estas características em áreas ainda não pesquisadas no Semi-árido relaciona-se com estratégias de grupos com uma considerada mobilidade pela região.

Todavia, em muitos lugares é possível uma permanência mais prolongada, principalmente aqueles onde se observa presença de água próxima, mesmo nas estações mais secas, indicando prováveis locais de habitação. Mesmo havendo grande concentração de vestígios cerâmicos no entorno da Pedra Pintada, Pedra do Letreiro e Barbado, ainda não foi verificado no registro arqueológico que estes grupos habitassem aldeias.

É possível que a mobilidade interpretada para estes grupos, fosse dinâmica e não estendida a todo grupo. Assim alguns indivíduos executavam jornadas na busca pelos recursos necessários ao grupo, e também de sua própria subsistência, e outros indivíduos, entre estes alguns possivelmente sem as mesmas condições de mobilidade<sup>18</sup> permaneceriam por mais longo período onde fosse possível habitar.

A análise da distribuição dos vestígios arqueológicos relacionados às formas de ocupação sugeridas, no que se refere à localização dos sítios cemitérios (tab. 02) – Pedra da Caveira, Toca da Bica e Cemitério do Caboclo, verifica-se um local de sepultamento para cada área onde há concentrações de sítios, sendo elas: o vale do Ipanema; o entorno da Pedra Furada; e ao sul da área de pesquisa, entre a Pedra do Letreiro e a Pedra Fiche (fig. 13). A escolha por estes locais específicos para fazer aqueles indivíduos que pertenciam ao grupo indica uma prática pré-colonial que integra indivíduos e gerações, e contempla uma identificação do grupo com o lugar.

As definições entre locais de acampamento, acampamento prolongado, e habitação são bastante temerárias, ao passo que são raros os vestígios arqueológicos que possam indicar de fato uma funcionalidade atribuída pelos grupos pré-coloniais aos locais de sítios. Além da concentração dos vestígios pré-coloniais, outros elementos do entorno indicam possibilidades e limitações frente a determinados usos, e assim contribuem no processo interpretativo dos tipos de ocupações para os locais de sítios arqueológicos.

---

<sup>18</sup> Entre estes indivíduos sem as mesmas condições de mobilidade encontram-se crianças representadas pelas marcas de mãos no sítio da Pedra Fiche (foto 50), e outros indivíduos com prováveis deficiências desenvolvidas em vida, conforme as análises dos materiais resgatados nas escavações apresentadas por José Luft (1990), principalmente do sítio Cemitério do Caboclo.



## **5.2 Uma interpretação sobre a ocupação pré-colonial no Agreste pernambucano**

A partir da interpretação dos vestígios arqueológicos dos grupos pré-coloniais associados à distribuição espacial dos recursos naturais na área de estudo, é possível sugerir que estes grupos apresentavam uma considerável mobilidade através de um amplo território. Muitos destes recursos encontravam-se dispersos nas diferentes unidades de paisagens, e distribuídos sazonalmente. As estratégias de subsistência, mutuamente relacionadas com a disponibilidade de recursos e densidade populacional, apresentavam-se muito dinâmicas no Semi-árido e, sugere-se também, que estes grupos dispusessem de conhecimento de extensas áreas destinadas a busca daqueles recursos necessários as suas manutenções sócio-culturais.

Nas escavações anteriores, descritas nos trabalhos de José Luft (1990) e Alice Aguiar (1985) foram levantadas hipóteses relacionando a ocupação dos sítios estudados (Peri-Peri, Pedra do Letreiro e Cemitério do Caboclo) a grupos de caçadores-coletores. Vestígios da fauna foram encontrados nas escavações do sítio da Pedra do Letreiro e Cemitério do Caboclo, inclusive de animais com maior porte e de grande mobilidade, como aves e cervídeos, que possivelmente eram utilizados como caça. É possível se inferir também, que muitos dos recursos vegetais integravam o universo dos recursos naturais coletados, entretanto o registro arqueológico destes vestígios é muito difícil.

Alguns fragmentos de base de vasilhas cerâmicas, contendo impressões de fibras vegetais trançadas, foram descobertos nas escavações na Pedra do Letreiro, o que levou a suposição de que muitas vasilhas cerâmicas pudessem ter sido confeccionadas sobre esteiras, as quais comporiam um amplo universo de confecção em fibras. A escavação de outros sítios no Agreste pernambucano, descritos nos trabalhos de Ana L. Oliveira (2001) e Jannette Lima (1985) nos municípios de Buíque e Brejo da Madre de Deus, também permitiu recuperar vestígios de fibras vegetais, que nestes casos encontravam-se associados a sepultamentos.

Cada sítio pode conter uma variedade de vestígios com ampla distribuição no espaço. Vestígios arqueológicos como material lítico, fragmentos cerâmicos, pigmentos, ossos da fauna, entre outros, remetem a uma grande área de captação e muitas vezes fontes distantes entre si. A disponibilidade de recursos variados, capturados e coletados em

amplos territórios, fazem do local do sítio arqueológico o centro de convergência destes materiais e entre indivíduos. É provável que estes grupos pudessem ter, em cada bloco destacado na paisagem, não somente uma posição estratégica na busca pelos recursos básicos para a manutenção sócio-cultural, mas também encontro de indivíduos em volta de fogueiras, como as identificadas nas escavações dos sítios Peri-Peri I e Pedra do Letreiro.

No entorno do sítio da Pedra Pintada observou-se uma concentração de fragmentos cerâmicos, que indicam um local de intenso uso. É necessária a elaboração de projetos direcionados a análise destes vestígios para verificação de se trataram de ocupações pré-coloniais. O desenvolvimento de projetos de análise dos vestígios seria fundamental, assim como a realização de trabalhos de prospecção intensiva na área, os quais poderiam levar ao conhecimento de outros locais de concentração de vestígios, onde se pudesse confirmar que estes grupos muitas vezes se tornavam mais numerosos. O fato de estes grupos utilizarem vasilhas cerâmicas remete ao armazenamento e processamento de alimentos obtidos a partir da coleta ou até mesmo da produção de um pequeno cultivo.

Algumas atividades semelhantes às práticas de subsistência sugeridas para os grupos pré-coloniais (a caça, coleta, e cultivos) são possíveis de serem observadas atualmente através da população local. São encontradas armadilhas para capturar pequenos animais, práticas de coleta de muitos recursos da caatinga, e de cultivos diversos destinados à subsistência da família e de uma pequena criação – atividades tradicionais que mesmo depois de grandes transformações na organização do espaço empreendida pelos processos de colonização, persistem.

As datações obtidas para as ocupações pré-coloniais a partir das fogueiras evidenciadas em escavações arqueológicas, indicam os séculos próximos ao *Ano Domine*. Espera-se que a partir deste período as condições climáticas não tenham variado muito, o que levaria a uma considerável estabilidade na configuração das paisagens no Semi-árido.

Entretanto, a partir da nova organização do espaço colonial, houve grandes transformações na paisagem, associadas à apropriação das frentes de colonização, principalmente depois do século XVII. Os processos de colonização levaram a transformação das paisagens e a descaracterização de muitos grupos autóctones do Agreste pernambucano.

Em alguns locais da área de estudo – como no vale do Ipanema, onde a vegetação encontra-se conservada de acordo com o uso pouco intenso do solo e do considerável desenvolvimento da vegetação, é possível imaginar como estas paisagens eram antes do período colonial. Para se compreender que condições ambientais os grupos pré-coloniais dispunham, é necessário realizar alguns estudos e sondagens estratigráficas associadas ao mapeamento geomorfológico, assim como novas escavações, buscando relacionar os aspectos sócio-culturais às dinâmicas da paisagem na sua evolução.

A diversidade de sítios evidenciados na região apresenta relações com algumas estratégias de mobilidade descritas para a ocupação dos grupos indígenas do tronco lingüístico *Jê*, que habitavam os interiores brasileiros. Segundo Eduardo Neves (1995), de acordo com as alternâncias sazonais estes grupos tornavam-se bastante dinâmicos: em períodos em que abundavam determinados recursos, os grupos indígenas dispersos reuniam-se de acordo com suas identidades culturais, e com a diminuição da oferta muitos indivíduos distanciavam-se, formando pequenos núcleos e podendo explorar de forma mais eficiente um amplo território.

Em alguns dos sítios estudados relacionados ao seu entorno, observa-se que há condições para apenas poucos indivíduos permanecerem por períodos mais longo, de acordo com a oferta de recursos – especialmente água. Portanto, sugere-se que estes locais fossem sítios tipo acampamento (tab. 02), e que teriam sido ocupados por grupos menores.

No entorno a outros sítios, como os tipos sugeridos como habitação (Barbado, Pedra do Letreiro, Pedra Pintada, Pedra da Velha Chiquinha e Peri-Peri I) encontra-se condições de serem ocupados por grupos maiores, assim como por mais longo período. É possível também que muitos destes lugares excepcionais, de fato não fossem abandonados. A existência de uma fogueira contínua verificada na escavação do sítio da Pedra do Letreiro indica permanência em locais ao menos durante alguns anos. Entretanto, condições extremas de secas provavelmente faziam com que muitos indivíduos se deslocassem em busca de outras áreas mais propícias, indo, por exemplo, no sentido do rio São Francisco, ou da Zona da Mata.

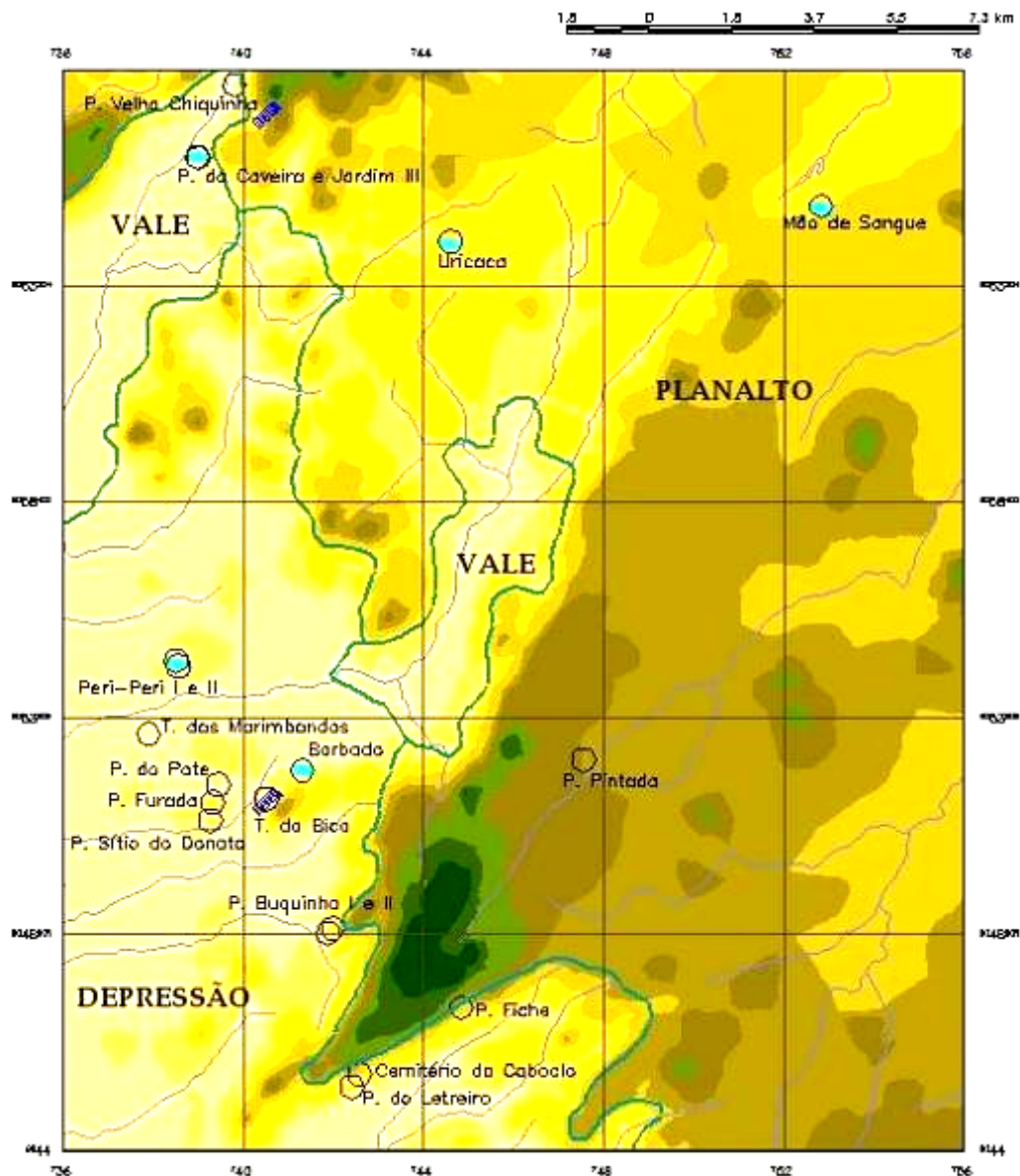
Estes grupos de forma geral apresentavam uma considerável mobilidade e podem ter sido bastante dinâmicos na densidade. Acredita-se que não eram numerosos, especialmente devido às supostas estratégias de subsistência, baseada na caça e coleta de

alimentos. A escolha pela ocupação dos locais próximos às áreas íngremes dos vales e depressão na área de estudo permite um amplo campo de visão, inclusive de observação da fauna de aves e mamíferos que apareciam eventualmente nas formações mais rebaixadas e planas, com vegetação de menor porte. Entretanto, não se descarta que estes grupos eventualmente reuniam-se em locais e momentos de oferta de algum recurso específico, constituindo um grande grupo.

Muitos dos sítios encontram-se perto dos cursos de drenagem, fontes de água ou reservatórios naturais (fig. 11). Os elementos do entorno às fontes de água compõem um limitado espaço na caatinga, e por sua vez vêm a representar uma variedade de recursos significativos para a subsistência destes grupos, baseada na caça e na coleta de alimentos. Os locais onde há presença de água, mesmo durante as estiagens, atraem diversas espécies da fauna, e em seu entorno desenvolve-se uma vegetação de maior porte, especialmente de espécies frutíferas.

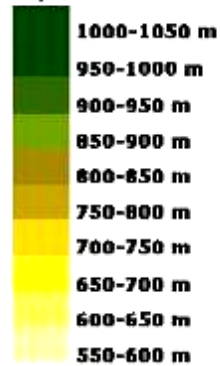
Supõe-se que o uso dos recursos naturais pelos grupos pré-coloniais adequava-se às dinâmicas das paisagens no Agreste, e que as suas estratégias de mobilidade proporcionavam um uso equilibrado dos mesmos, a partir das formas de utilização e de sua disponibilidade nesta região. Estas estratégias de mobilidade indicam que estes grupos não dependiam integralmente daqueles locais específicos de concentração de recursos, e tampouco de algum recurso exclusivo, mas da variedade destes. Ao verificar, através da localização dos grafismos, que estes locais eram utilizados e explorados pelos grupos pré-coloniais, constata-se que, por possuírem significado para estes indivíduos eram também preservados pelos mesmos.

A utilização dos recursos próximos aos sítios está diretamente relacionada a sua preservação e de seu entorno, e é uma variável sócio-cultural. Atualmente, devido à ocupação permanente na região, a funcionalidade atribuída ao entorno dos sítios é diferenciada. Atividades como a exploração intensiva da vegetação, seja para a agropecuária ou para a extração de madeira, têm acelerado os processos de degradação nas paisagens. Por sua vez, as obras de grande porte, como as pedreiras, construção de barragens e estradas, e ainda as intervenções de objetivo turístico nos sítios, sem o devido acompanhamento de um especialista, acarretam na depredação e até mesmo destruição do patrimônio arqueológico, fazendo-se necessária a preservação integrada do patrimônio.



### Mapa Hipsométrico e fontes de água

Hipsometria

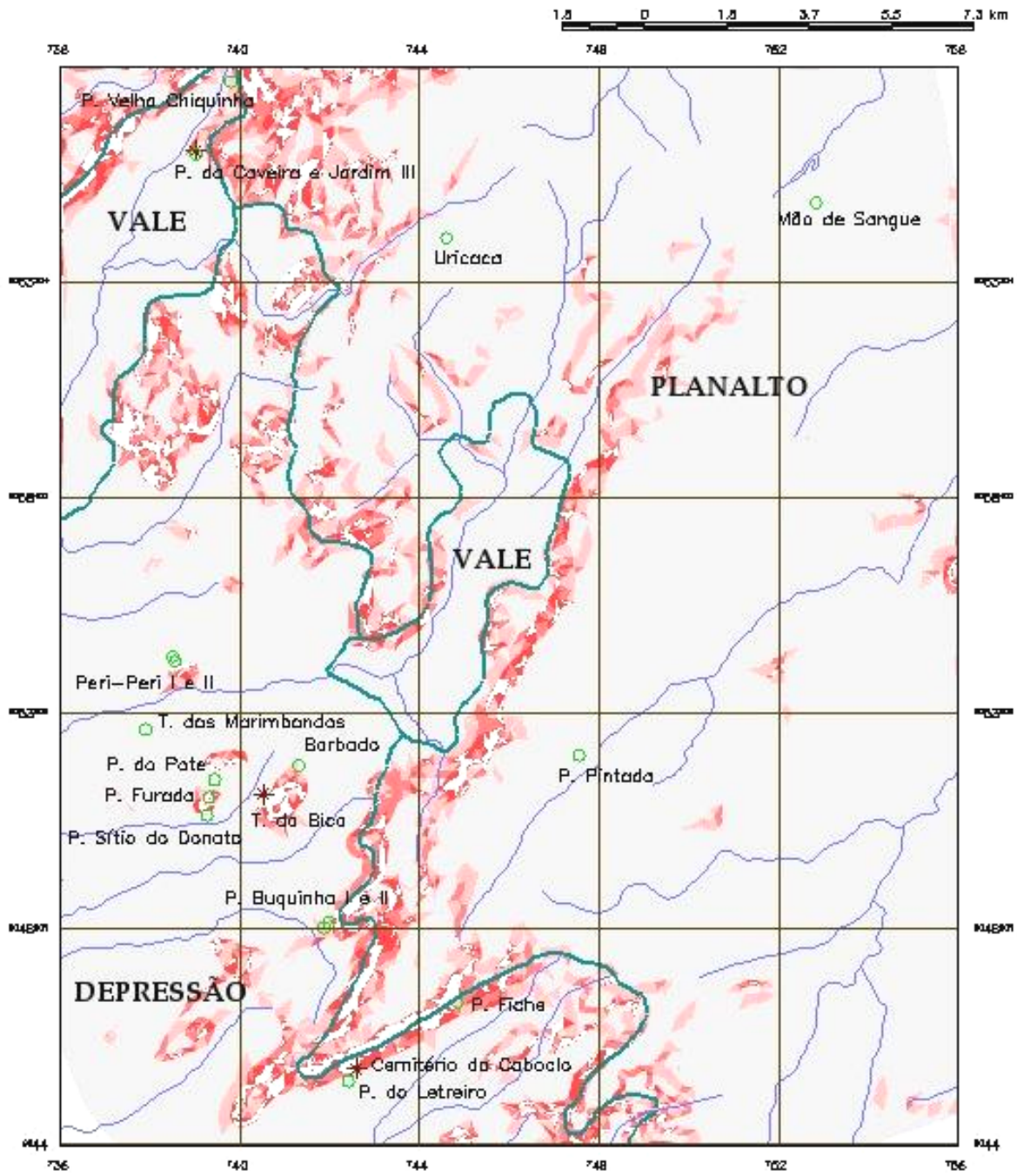


Legenda:

- Sítios Arqueológicos
- Reservatórios/caldeirões
- ☞ Fontes de água
- ☞ Drenagem



Fig. 11: Mapa hipsométrico e ocupação pré-colonial associada a fontes de água – geoprocessamento: André Proença.



Mapa de declive e tipos de ocupação pré-colonial

Legenda

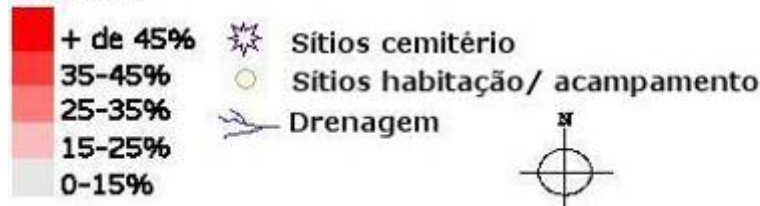
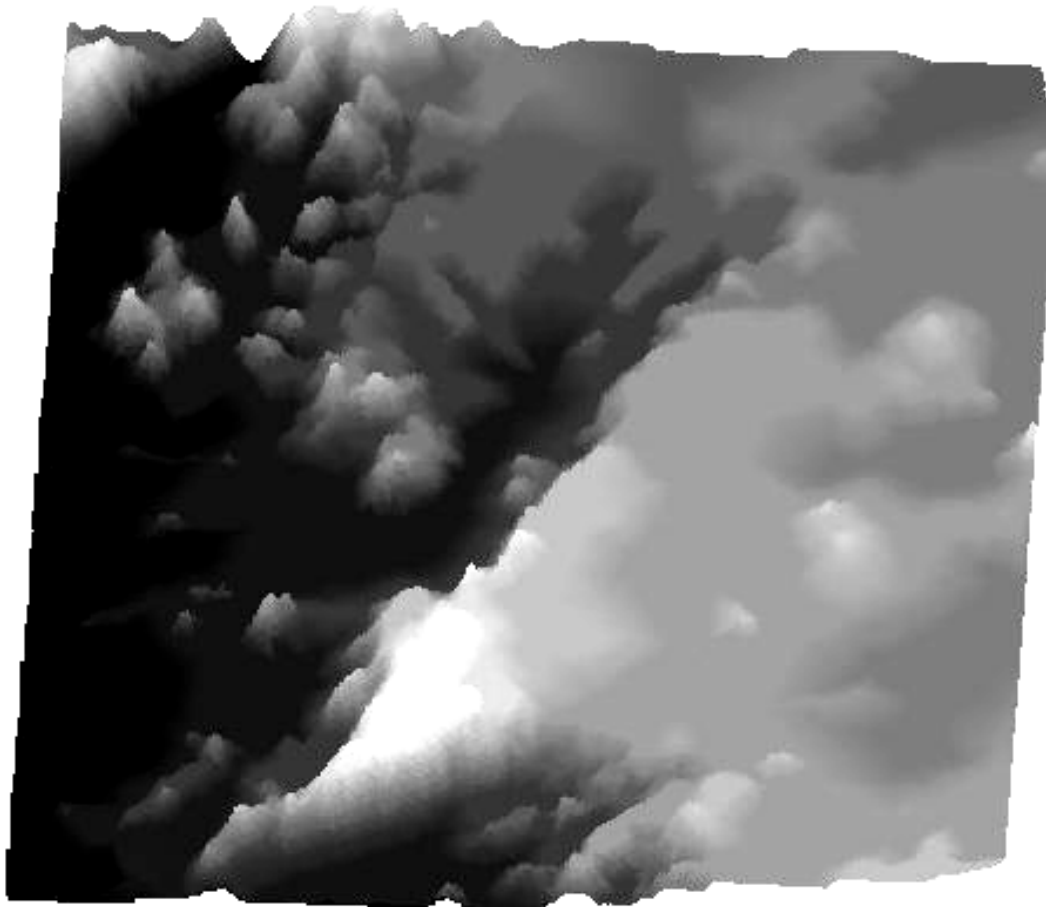


Fig. 12: Mapa de declividades e tipos de ocupação pré-colonial – geoprocessamento: André Proença.



## Imagem em 3D

Altimetria (m)

■ 550 ■ 800 □ 1050

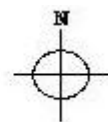


Fig. 13: Imagem em 3D da área de estudo com aumento vertical – geoprocessamento: André Proença.

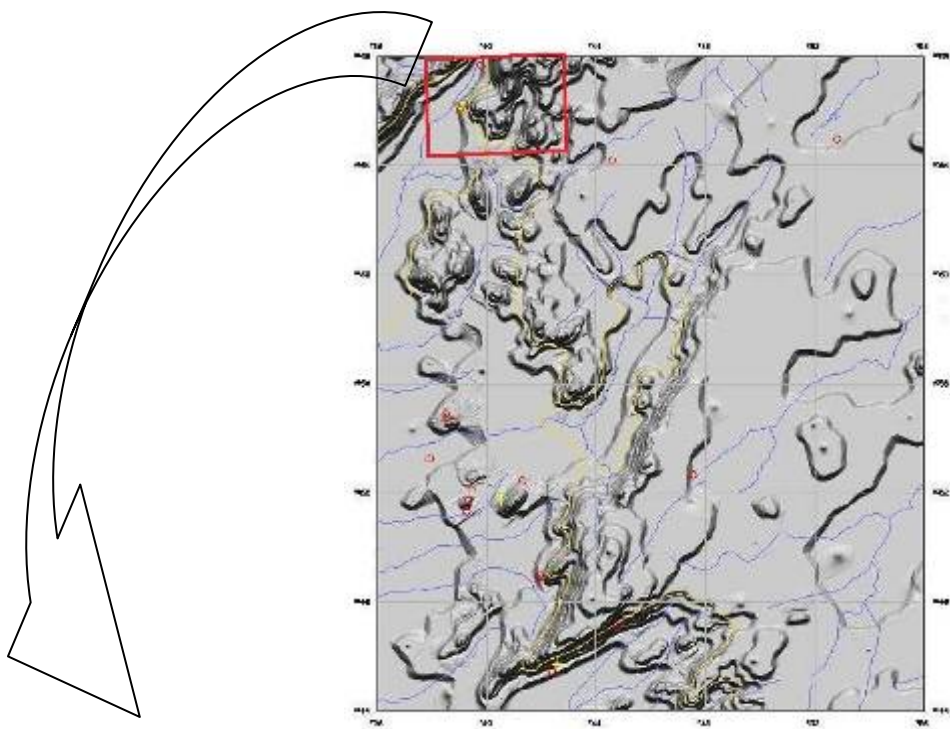


Fig. 14: Interpretação foto-aérea do vale do Ipanema (os círculos em vermelho, referem-se aos locais de sítios: Pedra da Velha Chiquinha, Jardim III e Pedra da Caveira; o verde à fonte do Padre Cícero; caminhos com traçado cinza; e cursos de drenagem em azul). Interpretação e desenho: André Proença.



<b>Sítios Arqueológicos</b>	<b>Tipo de vestígios arqueológicos</b>	<b>Presença de abrigo</b>	<b>Ocupação sugerida</b>
<b>Pedra Furada</b>	Painéis gráficos.	Sim e amplo	Acampamento (?) <sup>19</sup> – destaque visual
<b>Toca dos Marimbondos</b>	Painel gráfico e fragmentos de potes cerâmicos.	Sim e amplo	Acampamento
<b>Pedra do Pote</b>	Painel gráfico.	Pequeno	Acampamento (?) – destaque visual
<b>Pedra do sítio do Donato</b>	Painel gráfico.	Pequeno	Acampamento prolongado
<b>Barbado</b>	Painéis gráficos e fragmentos cerâmicos.	Sim e amplo	Habitação
<b>Toca da Bica</b>	Fragmentos ósseos humanos.	Sim e amplo	Cemitério
<b>Pedra da Buquinha I</b>	Painéis gráficos.	Sim	Acampamento prolongado
<b>Pedra da Buquinha II</b>	Painel gráfico.	Sim	Acampamento (?)
<b>Pedra do Letreiro (Tubarão)</b>	Painéis gráficos, fragmentos cerâmicos, líticos e ósseos.	Sim	Habitação – destaque visual
<b>Cemitério do Caboclo</b>	Painel gráfico e ossos humanos.	Sim	Cemitério
<b>Pedra Fiche</b>	Painéis gráficos.	Sim	Acampamento prolongado – destaque visual
<b>Pedra Pintada</b>	Painel gráfico e fragmentos cerâmicos.	Não	Habitação – destaque visual
<b>Mão de Sangue</b>	Painel gráfico.	Pequeno	Acampamento prolongado
<b>Pedra da Caveira</b>	Ossos humanos.	Sim e mais cavernas	Cemitério
<b>Jardim III</b>	Painel gráfico.	Pequeno	Acampamento (?)
<b>Pedra da Velha Chiquinha</b>	Painel gráfico e fragmentos cerâmicos.	Sim e amplo	Habitação
<b>Lagoa Uricaca</b>	Fragmentos cerâmicos	Pequeno	Acampamento prolongado
<b>Peri-Peri I</b>	Painéis gráficos, líticos e fragmentos cerâmicos.	Sim e amplo	Habitação – destaque visual
<b>Peri-Peri II</b>	Painel gráfico.	Pequeno	Acampamento (?)

Tabela 02: Tipo de ocupação pré-colonial

<sup>19</sup> “(?)”: De acordo com ausência de outros vestígios arqueológicos, torna-se difícil definir a utilização do local do sítio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB´SÁBER, A. N. **Um conceito de Geomorfologia a Serviço das Pesquisas sobre o Quaternário**. Geomorfologia, n° 18, IGEO-USP, São Paulo, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**: Ateliê Editorial: São Paulo, 2003.
- AGUIAR, Alice. et. alli. **Sítios Arqueológicos Cadastrados em Pernambuco**, in: Revista Clio; n° IV, pp. 39-41, 1981.
- AGUIAR, Alice Cavalcanti. **A tradição Agreste – análise de 20 sítios arte rupestre em Pernambuco**, dissertação de mestrado, UFPE. Recife, 1986.
- ALVES, Joaquim. **Ilhas de Unidade**. Anais do Instituto do Nordeste, pp. 31-46. 1949.
- ARRUTI, José Maurício Andion. **Morte e vida do Nordeste Indígena. A emergência étnica como fenômeno histórico regional**, in: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 57-94, 1995.
- BINFORD, L. R. **Archaeology as anthropology**, in: American Antiquity 28, n° 2, 217-225 Salt Lake City, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Archaeological systematics and the study of cultural process**. American Antiquity, n° 31 (2): 203-210.
- \_\_\_\_\_. **En busca del pasado**. Barcelona, Editorial Critica. 283p. 1994.
- BUCKLEY, W. **Society as a Complex Adaptive System**. In: Modern Systems Research for the Behavioral Sciences, pp. 419-513. Aldine: Chicago, 1968.
- BUTZER, Karl W. **Arqueología – Una ecología del hombre: Método y teoría para un enfoque contextual**. Bellaterra; Barcelona, 1989.
- BÓLOS, Maria de (dir.) **Manual de Ciencia del Paisaje: Teoría, Métodos y Aplicaciones**. Masson, S.A. Barcelona, 1992.
- CLARKE, D. L. **Analytical Archaeology**, Londres: Methuen. 1968.
- \_\_\_\_\_. **Spatial information in archaeology**, in: CLARKE, D. L. (ed.): **Spatial Archaeology**, 1-32. Londres, Academic Press. 1977.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Introdução a uma história indígena**, p. 9-24, in: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 1992.

- CURY, Isabelle (org.), **Carta de Lausanne – ICOMOS/ICAHM – 1990**, p 303. In: *Cartas Patrimoniais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- DAVID, N. & KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in action**. Cambridge, Cambridge University Press. 476p.
- DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado, USP. São Paulo, 2003.
- DRUMMOND, L. **Jonestown: a study in Ethnographic Discourse**. *Semiotica*, 46, pp. 167-209.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; MinC – Iphan, 2005.
- FORSBERG, L. L. **Site variability and settlement patterns**. Umea: University of Umea. Department of Archaeology, *Archaeology and Environment*, n. 5, 1985. (PhD Thesis)
- FRANCH, J. A. **Arqueología Antropológica**. Akal. Madrid, 1989.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. Ed. Ática. 1988.
- IRGANG, Bruno. **Comunidades de macrófitas aquáticas da planície costeira do Rio Grande do Sul – Brasil: um sistema de classificação**; Tese do doutorado, Biociências/ UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- JOHNSON, Matthew. **Arqueología Postprocesual y Arqueología Interpretativa**; pp. 131-50. In: JOHNSON, M. *Teoría Arqueológica: una Introducción*. Ariel História, 2000.
- KIRCH, P. V. **The Archaeological Study of Adaptation: Theoretical and Methodological Issues**. In: *Advances in Archaeological Method and Theory* 3. pp. 101-56. 1980
- KRAMER, C. **Ethnoarchaeology: implications to ethnography for archaeology**, New York: Columbia University Press, 1979.
- KUNA, M. **The structuring of prehistoric landscape**, *Antiquity*, n° 65: 332-347; Cambridge, 1991.

- LANATA, J. **Los componentes del paisaje arqueológico**. Revista de Arqueologia Americana, n° 13: 151-161, 1997.
- LAUGHLIN, C. D., y BRADY, I. A., **Extinction and Survival in Human Populations**. New York: Columbia University Press, 1978.
- LAYTON, R. y UCKO, P. **Introduction: gazing in the landscape and encountering the environment**, in UCKO, P. y LAYTON, R. (eds.): **The Archaeology and Anthropology of Landscape: Shaping your Landscape**, 1-20. Routledge. Londres, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1985.
- LIMA, Jannette M. D. de. **Arqueologia da Furna do Estrago – Brejo da Madre de Deus/ PE**, dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Antropologia, UFPE. Recife, 1986
- LUFT, Vlademir José. **A Pedra do Tubarão: um sítio da Tradição Agreste em Pernambuco**, dissertação de mestrado, UFPE. Recife, 1990.
- MARTIN, Gabriela. et alli. **Estudo de Arte Rupestre em Pernambuco – A “Pedra Furada” em Venturosa**, in: Revista Clio, n° IV; p. 19-34, 1981.
- MARTIN, Gabriela e SILVA, Jacionira C.; **Ocupações Pré-históricas sobre terraços fluviais no vale médio do São Francisco: O Sítio do Antenor, Tacaratu/ PE**, in: Fundamentos V.1, n. 3, 2003.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: EdUFPE. 1996. 395p.
- \_\_\_\_\_. **O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco**, in: Revista Clio, 1998.
- MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. In: R. RA’E GA, Editora UFPR, n. 8, p. 83-91, Curitiba, 2004.
- MORLEY, Edna June. **Como Preservar os Sítios Arqueológicos Brasileiros**, in: TENÓRIO, Maria Cristina (org.) **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000, p. 370-376.
- MORAIS, J. L., NAZARENO, N. R. X., MORAES, L. B., SANDOVAL, R. **Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-histórico da UHE Serra da Mesa: subprograma SIG – Arqueologia (Geoprocessamento)**. In: Universidade Federal de Goiás. Museu Antropológico. Goiânia: UFG/MA, 1998. v.2. (relatório final).

- NAZARENO, N. R. X. de. **SIG Arqueologia: Aplicação em Pesquisa Arqueológica**. Tese de Doutorado. MAE/USP. São Paulo, 2005
- NEVES, Eduardo Góes. **Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil**, p. 171-192. in: SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Donisete B. (orgs). **A temática indígena na escola**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. **O sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco. Estudo das Estruturas Arqueológicas**. Tese de Doutorado UFPE; Recife, 2001.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação Colonial, territorialização e fluxos culturais**. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.) **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena**. p.11-39. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.
- OREJAS, Almudena. **El estudio del Paisaje: visiones desde la Arqueología**. In: Arqueología Espacial – Arqueología del Paisaje, nº19/20, Teruel, p. 9-19, 1998.
- PARELLADA, Claudia Inês Parellada. **Estudo arqueológico no vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná**. Tese de Doutorado, USP. São Paulo, 2005.
- PLOG, F. & HILL, J. **Explaining variability in the distribution of sites**. In: GUMERMAN, G. (Ed.) **The distribution of prehistoric aggregates**. Prescott College Anthropological Reports, 1: 7-36.
- PLOG, S., PLOG, F., y WAIT, W. **Decision Making in Modern Surveys**. In: Advances in Archaeological Method and Theory 1 pp. 383-421. 1978
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Quatro desafios e um dilema da história indígena**, p.39-57. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). **Índios do Nordeste: temas e problemas** – Maceió: EDUFAL, 1999.
- PRIESTLEY, G. **Cartografía para arqueólogos**, in RODÁ, I. (ed.): **Ciencias, Metodologías y Técnicas Aplicadas a la Arqueología**, 96-116. Barcelona, Edicions La Caixa; 1992.

- ROOSEVELT, Anna. **Resource Management in Amazonia before the Conquest: Beyond Ethnographic Projection**, In: POSEY, D. & BALÉE, W. (eds.), Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies, Advances in Economic Botany. New York, New York Botanic Garden, vol. 7, 1989, pp. 30-62.
- ROSS J. L. S. **Registro cartográfico dos fatos geomórficos e a questão da taxonomia do relevo**. In: Revista do Departamento de Geografia São Paulo, n.6, p.17-29, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. Contexto, Coleção Repensando a Geografia. São Paulo, 1990
- SALVIA, Eliany Salaroli Ia. **A reconstituição da paisagem da paleo-micro bacia do Antônio e a sua ocupação pelo homem no pleistoceno**. Tese de Doutorado, UFPE. Recife, 2006.
- SANJUÁN, Leonardo. **Introducción al Reconocimiento y Análisis Arqueológico del Territorio**. Editorial Ariel, Barcelona, 2005.
- SCHMITZ, P. I.; **La evolución de la cultura en el Sudeste de Goiás**; In: Contribuciones a la Pre historia de Brasil. Pesquisas. São Leopoldo-IAP. Antropologia, n° 32, 1981.
- SERVICE, E. R. **Los Cazadores**. Barcelona, Labor, 1984; (1ª edição inglesa 1966).
- SILVA, Jacionira Coelho. **Arqueologia no médio São Francisco: indígenas, vaqueiros e missionários**. Tese de doutorado; Programa de pós-graduação em História – UFPE, Recife, 2003.
- SPENCER, Walner Barros. **O patrimônio cultural desconsiderado: o Lajedo de Soledade**: In: Mneme – Revista de Humanidades, v.06, n.13, dez.2004/jan 2005.
- STEWART, Julian H. **Theory of Culture Change. The Methodology of Multilinear Evolution**. Chicago. 1955.
- THOMAS J. **Monuments from the inside: the case os Irish megalithic tombs**, World Archaeology, 22 (2), 168-177. Londres, Routledge. 1990.
- TRIGGER, B. **La arqueología de asentamientos: objetivos y futuros**. Cuadernos de Antropologia Social y Etnologia. Vol. 5, págs. 108-130. Madrid. 1972.
- VITTA FINZI, C. & HIGGS, E. **Prehistoric economy in the Mount Carmel of Palestine: site catchment analysis**. *Proceedings of the Prehistoric Society*, n. 36, p.1-37, 1970.
-

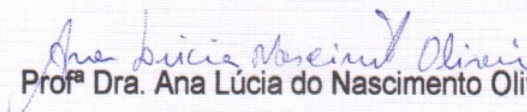


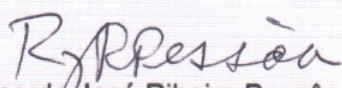
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

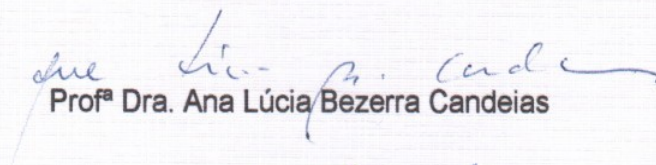
### ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO ANDRÉ LUIZ PROENÇA

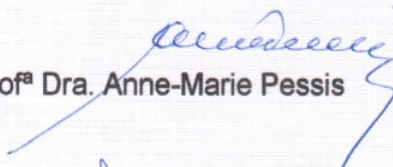
Às 9 horas do dia 29 (vinte e nove) de fevereiro de 2008 (dois mil e oito), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **André Luiz Proença** intitulada "*Onde viviam aqueles que aqui passaram? Proposta interpretativa para as ocupações pré-coloniais no Agreste Pernambucano*", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**Aprovado**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: **Ana Lúcia do Nascimento Oliveira, Ricardo José Ribeiro Pessôa e Ana Lúcia Bezerra Candeias**. Assinam também a presente ata, a Coordenadora, Prof<sup>a</sup> Anne-Marie Pessis e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 29 de fevereiro de 2008

  
Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

  
Prof. Dr. Ricardo José Ribeiro Pessôa

  
Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Lúcia Bezerra Candeias

  
Prof<sup>a</sup> Dra. Anne-Marie Pessis

  
Luciane Costa Borba

---

**Proença, André Luiz**

**Onde viviam aqueles que aqui passaram? Proposta interpretativa par as ocupações pré-coloniais no Agreste pernambucano / André Luiz Proença . – Recife: O Autor, 2008.**

**165 folhas : il., fig., tab., mapas.**

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Arqueologia, 2008.**

**Inclui: bibliografia e anexos.**

**1. Arqueologia. 2. Arqueologia pré-histórica. 3. Geomorfologia. 4. Geociências. 5. Patrimônio cultural. 6. Sítios arqueológicos – Pernambuco. I. Título.**

**902  
930.1**

**CDU (2.ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2008/57**



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)